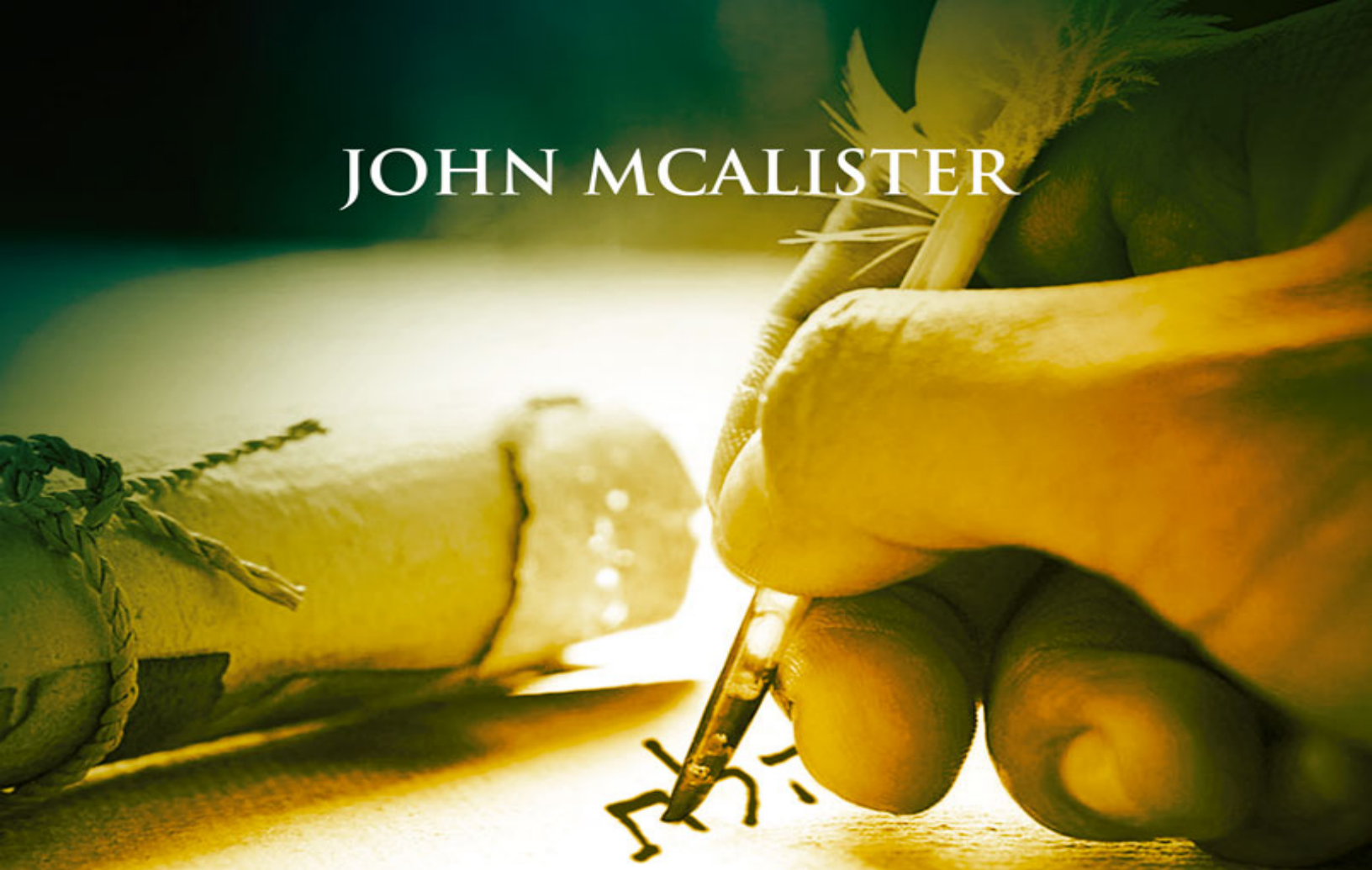


JOHN MCALISTER

O VERDADEIRO VALOR DA VIDA

A MENSAGEM DE ECLESIASTES PARA A IGREJA DE HOJE

VIDA NOVA


JOHN MCALISTER
O VERDADEIRO VALOR DA VIDA
A MENSAGEM DE ECLESIASTES PARA A IGREJA DE HOJE
VIDA NOVA

Foi um grande privilégio — e uma grande bênção — ler a cuidadosa exposição de Eclesiastes produzida pelo irmão e amigo John McAlister. A pesquisa diligente, o tratamento zeloso e a preocupação pastoral fazem desse livro uma ferramenta valiosa nestes dias de opiniões tão superficiais (e mesmo levianas) sobre a vida. A leitura trará, com certeza, consolo e direção àqueles que se perderam na caminhada da existência, sejam eles cristãos ou não. A apresentação constante e pertinente do evangelho a cada capítulo garante que as soluções propostas não são fruto de consolo vazio com palavras enganosas; antes, Cristo é apresentado de forma clara a qualquer pessoa que quiser se elevar acima de seus pecados e da angústia deste mundo. Seja o soberbo rebelde que precisa de humildade, seja alguém curvado sob o peso da culpa, seja o encantado pela ilusão do mundo, seja o desesperado pelas reviravoltas da vida — todos encontrarão direção, perdão, verdade e acolhimento nessa exposição da graça de Deus apresentada pelo pregador e que aponta para o Senhor Jesus!

Mauricio Andrade, pastor da Primeira Igreja Batista Bíblica do Rio de Janeiro, membro do Conselho do Ministério Fiel e professor do Seminário Teológico Martin Bucer

Você já teve a sensação de que tudo é inútil e sem sentido? Já se perguntou se há qualquer sentido neste ciclo vicioso da existência? Não há nada novo debaixo do sol e, milênios atrás, o sábio do livro de Eclesiastes já se exasperava: é tudo névoa! Essa obra milenar, por vezes depressiva e quase niilista, tem uma

mensagem crucial para a geração da cortina de fumaça virtual. Porém, aviso: trilhar os labirínticos e nebulosos caminhos do sábio nem sempre é fácil. Leve este livro como um mapa. John McAlister lhe será um bom guia que o pastoreará rumo aos tesouros da sabedoria ocultos em Jesus Cristo.

Vinicius Musselman, editor do Ministério Fiel, fundador do Voltemos ao Evangelho e membro da equipe pastoral da Igreja Batista da Graça, São José dos Campos/SP

O VERDADEIRO VALOR DA VIDA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

McAlister, John

O verdadeiro valor da vida : a mensagem de Eclesiastes para a igreja de hoje / John McAlister. — São Paulo : Vida Nova, 2021.

ISBN 978-65-5967-022-2

1. Bíblia. A.T. Eclesiastes - Comentários I. Título

21-2176 CDD 223.807

Índices para catálogo sistemático:
1. Bíblia. A.T. Eclesiastes - Comentários

JOHN MCALISTER

O VERDADEIRO VALOR DA VIDA

A MENSAGEM DE ECLESIASTES PARA A IGREJA DE HOJE

VIDA NOVA

©2021, de Edições Vida Nova

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Sociedade Religiosa Edições Vida Nova
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2021

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Século 21. As citações bíblicas com indicação da versão *in loco* foram extraídas da Nova Versão Internacional (NVI) ou da Nova Almeida Atualizada (NAA).

Direção executiva
Kenneth Lee Davis

Coordenação editorial
Jonas Madureira

Preparação de texto
Cristina Ignacio
Guilherme Lorenzetti

Edição de texto
Rosa M. Ferreira

Revisão de provas
Abner Arrais

Coordenação de produção
Sérgio Siqueira Moura

Diagramação

Sandra Reis Oliveira

Capa
Wesley Mendonça

Livro digital
Lucas Camargo

Para

João Felipe, Teodoro e Olívia, filhos amados e heranças preciosas.

Que as palavras do bom Mestre os guiem no temor do Senhor e na obediência aos seus mandamentos.

SUMÁRIO

Agradecimentos

Prefácio

Introdução

Capítulo 1
Qual é o sentido da vida? (Ec 1.1-11)

Capítulo 2
Em busca da sabedoria (Ec 1.12-18)

Capítulo 3
À procura da felicidade (Ec 2.1-11)

Capítulo 4
Um trabalho árduo (Ec 2.12-26)

Capítulo 5
Vivendo no tempo de Deus (Ec 3.1-15)

Capítulo 6
Que mundo é este? (Ec 3.16-22)

Capítulo 7
Solidão e comunhão (Ec 4.1-16)

Capítulo 8
O Deus temível (Ec 5.1-7)

Capítulo 9
O melhor investimento (Ec 5.8—6.9)

Capítulo 10
Sabedoria no sofrimento (Ec 6.10—7.14)

Capítulo 11
Mundo caído, pessoas caídas (Ec 7.15-29)

Capítulo 12
Sabedoria política (Ec 8.1-17)

Capítulo 13
Memento mori, memento vivere (Ec 9.1-12)

Capítulo 14
Sábios em um mundo de tolos (Ec 9.13—10.20)

Capítulo 15
Vivendo mais ou melhor? (Ec 11.1—12.8)

Capítulo 16
O verdadeiro sentido da vida (Ec 12.8-14)

Considerações finais

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senhor por ter me conduzido na reflexão e na exposição da mensagem do livro de Eclesiastes junto à minha amada congregação, a Catedral da Igreja Cristã Nova Vida no Rio de Janeiro, durante o ano de 2019. Seu conteúdo transformou-se neste livro, cujo objetivo é compartilhar com muito mais pessoas as bênçãos ali experimentadas, até onde o Senhor permitir.

Agradeço à minha querida família pelo apoio incansável em minha preparação semanal para ministrar a Palavra de Deus fielmente à nossa igreja.

E agradeço especialmente aos meus pais por terem me apontado desde cedo os caminhos de Deus, para que eu aprendesse o temor do Senhor. Que esse rico legado possa ser transmitido às próximas gerações da minha família, pela graça de Deus e para a sua glória.

PREFÁCIO

Eclesiastes não é azedo. É verdade que na primeira leitura ele pode parecer bastante ácido e até mesmo niilista. Afinal, quem mais flertaria com o nonsense e a falta de sentido na vida do que um niilista? Todavia, o autor de Eclesiastes está muito longe das sendas que o conduziriam ao niilismo. Ora, não estamos diante de um homem desvairado, correndo no meio de uma praça, de um lado ao outro, com um candeeiro em suas mãos, a gritar: "Deus está morto! Nada mais faz sentido!". Pelo contrário, trata-se do "sábio, filho de Davi, rei em Jerusalém", identificado por muitos como Salomão, o rei mais sábio do Oriente.

Um sábio aborrecido? Não, um sábio realista…

O realismo do autor de Eclesiastes jamais pode ser confundido com o desespero de um niilista. Mesmo porque são duas formas irreconciliáveis de viver a vida debaixo do sol. Portanto, somos ou niilistas ou realistas. Mas o que é um niilista? Alguém preso à ilusão de que a vida se reduz ao que está diante de nós e que não há Deus, princípios universais, valores supremos, nada disso. O que há é a pura vivência da finitude e o gosto amargo de uma vida sem razão de ser. O niilista pensa que essa visão o torna realista, mas é justamente o oposto. Ela o torna, diríamos, um idealista ressentido.

O idealismo é a crença de que vivemos meramente em mundos construídos pela nossa mente. Em outras palavras, é o mesmo que dizer que tudo não passa de mera ilusão. Uma das consequências éticas dessa visão de mundo é o individualismo e o ressentimento. Em *Memórias do subsolo*, Fiódor Dostoiévski descreveu essas consequências nas atitudes do protagonista: "Sou um homem doente… Um homem mau. Um homem desagradável. (…) O mundo pode cair em pedaços, desde que eu possa tomar meu chá todos os dias." Um niilista, diante da consciência de que os mundos que habitamos são facilmente destruídos, escolhe o caminho do ressentimento e da maximização dos prazeres.

John McAlister nos ensina que o sábio de Eclesiastes era um realista. Isso quer dizer que ele era um destruidor de ilusões. No entanto, diferentemente de um niilista que destrói todas as ilusões menos a sua, o sábio destrói as próprias ilusões a fim de chegar a única realidade que importa: que tudo na vida é um sopro exceto a eternidade que foi plantada no coração dos homens. Com habilidade exegética precisa e clareza ímpar, John mostra que a destruição de ilusões não tornou a vida do sábio mais amarga e azeda. Pelo contrário, por causa do anseio pela eternidade, ou seja, por conta da consciência de que a vida não se reduz às coisas da vida, e que há, por conseguinte, algo muito maior do que a própria vida, o gosto amargo da finitude humana se uniu à doçura da eternidade no coração. Não, John não nos deu apenas um livro a ser lido, mas a ser devorado. Isso mesmo. Devore com deleite este livro e descubra que o sabor de Eclesiastes não é azedo, é agridoce.

Jonas Madureira
Editor-chefe de Edições Vida Nova
julho de 2021

INTRODUÇÃO

Viver por quê? Para que viver?

Viviane Mosé é uma filósofa e psicanalista capixaba que se tornou bastante conhecida por seus comentários diários na rádio CBN, durante muitos anos, e pelo quadro "Ser ou não ser", que escreveu e dirigiu para o programa Fantástico, da rede Globo, durante 2005 e 2006.

Em uma entrevista recente,[1] Viviane respondeu a uma pergunta sobre o aumento alarmante dos índices de depressão e suicídio entre os jovens brasileiros — algo, inclusive, que já chamou a atenção do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos como um dos principais males a serem combatidos em nossa sociedade. Aliás, segundo dados da Organização Mundial de Saúde, a depressão é o mal mais incapacitante do início deste século, e o suicídio já figura como a segunda causa mais comum de morte entre jovens de 15 a 29 anos, atrás apenas da violência.

Em sua resposta a essa complexa questão, Viviane Mosé observa: "A vida se tornou um peso, uma carga que as pessoas não estão conseguindo carregar. A pergunta que mais se escuta é: viver por quê? Para quê? A existência vem perdendo sentido". Disso se conclui que, segundo ela, resgatar o valor da vida e a

vontade de viver é o principal desafio da sociedade contemporânea.

Saber definir qual é o sentido e o valor da vida, é claro, não é um desafio exclusivo de nossa geração. Cada geração de cada cultura ao longo da história teve de lidar com as grandes questões da vida: Por que existimos? Qual é o nosso papel neste mundo? Qual é o sentido da vida, dos nossos relacionamentos, do trabalho, do prazer e da felicidade? Qual é o propósito de tudo isso à luz dos dramas e desafios, das frustrações e dos conflitos que enfrentamos, especialmente diante da morte, comum a todos nós?

Por tudo isso, e em especial à luz deste momento delicado e crítico que nossa sociedade atravessa, em que justamente o segmento da juventude, o mais vigoroso e visionário, não sabe por que nem para que viver, é importantíssimo que voltemos o olhar para a sabedoria antiga encontrada nas palavras de Eclesiastes. Afinal de contas, trata-se de um livro que encara com honestidade as questões mais difíceis da vida, e, ao fazer isso, revela as futilidades e as frustrações de um mundo caído e corrompido como o nosso. A leitura de Eclesiastes nos mostra o vazio de tentar viver esta vida longe de Deus, ou até mesmo sem Deus no horizonte. No entanto, é um livro que não nos deixa apenas com a frustração e a futilidade de uma vida sem Deus; antes, Eclesiastes aponta para uma vida frutífera e próspera com Deus, o Criador e Redentor deste mundo caído.

[1] *Revista Gol* 2 (2019): 70-74.

CAPÍTULO 1

QUAL É O SENTIDO DA VIDA?

Eclesiastes 1.1-11

Palavras do sábio, filho de Davi, rei em Jerusalém. Diz o sábio: Que grande ilusão! Que grande ilusão! Tudo é ilusão! Que vantagem tem o homem em todo o seu trabalho, em que tanto se esforça debaixo do sol? Gerações vêm, gerações vão, mas a terra permanece a mesma. O sol nasce, o sol se põe e se apressa em voltar ao lugar de onde nasce novamente. O vento sopra para o sul, depois vira para o norte; dá voltas e mais voltas e acaba no seu ponto de partida. Todos os rios vão para o mar, e mesmo assim o mar nunca se enche; ainda que sempre corram para lá, tornam a correr para lá. Todas as coisas resultam em canseira; ninguém consegue explicá-las. Os olhos não se cansam de ver, nem os ouvidos de ouvir. O que foi será, e o que se fez, se fará novamente; não há nada novo debaixo do sol. Será que existe alguma coisa da qual se possa dizer: Vê! Isto é novo? Não! Já existiu em épocas anteriores à nossa. Já não há lembrança das gerações passadas; nem haverá lembrança das gerações futuras entre os que virão depois delas.

Para entender o livro de Eclesiastes

Em primeiro lugar, precisamos saber quem será nosso guia nesta jornada, que logo de início descobrimos ser o "sábio, filho de Davi, rei em Jerusalém." (Ec 1.1) Desde os tempos antigos, esse "sábio" tem sido identificado como o rei Salomão, filho de Davi e rei em Jerusalém — o homem mais sábio do Oriente, conhecido por ter compilado, registrado e transmitido o melhor da sabedoria do mundo antigo (cf. Ec 12.9,10; 1Rs 3.12; 4.29-34; 10.23,24). Além disso, a maior parte das informações compartilhadas logo cedo no livro de Eclesiastes reflete bem a trajetória de Salomão, o rei mais próspero e famoso de Israel, que não se privou de nada do que a vida tem a oferecer de melhor — a saber, a busca pelo conhecimento e pelo prazer, pelo trabalho e pelas conquistas pessoais, pela riqueza e pela prosperidade. Foi ele que provavelmente deixou por escrito o registro daquilo que aprendeu em sua jornada em busca do sentido da vida neste mundo. Embora Eclesiastes não aponte Salomão como seu autor de forma explícita e apesar de haver possíveis indícios no próprio livro da atividade de um editor de seu conteúdo, tudo leva a crer que esses escritos derivaram principalmente da experiência e das conclusões pessoais de Salomão.

Assim, por todas essas razões, Eclesiastes pode ser descrito muito bem como "as memórias do sábio Salomão". Aliás, a palavra *qohelet*, traduzida por "sábio" (A21), "mestre" (NVI) ou "pregador" (NAA), transmite não só a ideia de alguém que compila e transmite ditos de sabedoria, mas de alguém que reúne

um grupo de pessoas a fim de instruí-las — daí o título Eclesiastes, oriundo da palavra grega *ekklesia*, que significa "congregação" ou "assembleia". Por isso, temos aqui algo como a compilação dos sermões do "pregador" ou "pastor" Salomão, o rei mais sábio e experimentado do mundo antigo.[1]

Como se isso não fosse o suficiente para atestar o valor e a importância dessa obra, Eclesiastes também informa que a sabedoria compartilhada por Salomão é ainda mais valiosa porque não possui origem humana, mas advém daquele que conferiu a Salomão toda sua sabedoria: o próprio Deus, o único e supremo Pastor (Ec 12.11). Portanto, da mesma forma que entramos em uma catedral ou igreja antiga — com todo o respeito e reverência devidos a um local antigo e sagrado —, assim também devemos abordar as palavras de Eclesiastes. Para nossa surpresa, talvez descubramos que as lições deste livro antigo continuam tão atuais e relevantes como quando foram primeiro inspiradas por Deus e registradas por Salomão.

A grande lição de Eclesiastes

Tanto no início como no final de sua obra, o autor resume de maneira bastante sucinta sua mensagem e propósito:

> *Diz o sábio: Que grande ilusão! Que grande ilusão! Tudo é ilusão! (1.2).*
>
> *Que grande ilusão! Tudo é ilusão, diz o sábio, tudo é ilusão (12.8).*

Esse refrão percorre todo o Eclesiastes e serve de mote e de moldura à obra. Porém, qual é o seu significado? A palavra *hebel*, traduzida por "ilusão" (A21), "inutilidade" (NVI) ou "vaidade" (NAA), aparece cerca de trinta vezes no livro e significa algo como "sopro", "vento" ou "fumaça", o que pode representar várias coisas: desde algo transitório e passageiro (como uma coluna de fumaça ou uma neblina), até algo fútil, vazio, sem conteúdo, valor ou sentido.[2]

Vale ressaltar, porém, que o sábio não está meditando sobre uma ou outra coisa inútil ou sem sentido na vida, mas sobre uma "grande inutilidade" (NVI) ou a "vaidade de vaidades" (NAA), ou seja, o cúmulo da inutilidade e da vaidade. Mas o que afinal é inútil e sem sentido na vida, segundo o autor de Eclesiastes? Ora, absolutamente tudo! Nada faz sentido. Ao longo dos doze capítulos do livro, ele afirmará categoricamente a falta de sentido em tudo que há no mundo: todo esforço e trabalho, bem como seu fruto; a vida, a juventude e o prazer; o sucesso e a prosperidade, a fama e o poder; a injustiça e a impunidade. Enfim, nada faz sentido! Tudo é inútil!

Diante disso, será que a mensagem do livro de Eclesiastes de fato é a mais indicada para nós, em especial em tempos de crescente depressão e desesperança como se vê hoje em dia? Bem, é justamente por isso que o livro é tão indicado e imprescindível. Afinal de contas, boa parte da depressão e da desesperança que se apoderou das gerações mais jovens em nossa sociedade é resultado da falta de contato com a realidade nua e crua deste mundo caído e corrompido. Estamos acostumados com os filtros

fantasiosos da indústria de Hollywood, que querem nos vender a ilusão de que o mundo pode ser um lugar belo, feliz e melhor se tão somente nos esforçarmos para tanto. A tônica necessária para desfazer essa visão romântica e fantasiosa, que em nada nos prepara para as durezas e os desafios reais desta vida, é o choque de realismo do livro de Eclesiastes — semelhante ao choque de realidade de um médico que confronta um paciente viciado em guloseimas.

Agora, será mesmo que nada escapa da conclusão avassaladora de Eclesiastes? Será possível que nada mesmo faça sentido? É tudo tão inútil assim?

A perspectiva realista de Eclesiastes

Primeiro, é preciso entender que o realismo do livro advém da própria experiência humana neste mundo caído. Vamos nos deter um pouco em Eclesiastes 1.3-8:

> *Que vantagem tem o homem em todo o seu trabalho, em que tanto se esforça debaixo do sol?*
>
> *Gerações vêm, gerações vão, mas a terra permanece a mesma.*
>
> *O sol nasce, o sol se põe e se apressa em voltar ao lugar de onde nasce novamente.*
>
> *O vento sopra para o sul, depois vira para o norte; dá voltas e mais voltas e acaba no seu ponto de partida.*

Todos os rios vão para o mar, e mesmo assim o mar nunca se enche; ainda que sempre corram para lá, tornam a correr para lá.

Todas as coisas resultam em canseira; ninguém consegue explicá-las. Os olhos não se cansam de ver, nem os ouvidos de ouvir.

A pergunta retórica do versículo 3 resume bem o que é a nossa vida "debaixo do sol" — outra expressão favorita de Eclesiastes, que descreve a vida neste mundo caído e corrompido. Afinal de contas, qual é o proveito ou ganho de todo nosso trabalho neste mundo? Essa não é, afinal, a sensação de toda dona de casa quando vê a pilha de roupa ou louça por lavar, a quantidade de sujeira a ser limpa em casa e a geladeira vazia precisando ser abastecida para novas refeições? Não é essa a sensação do chefe de família, todo início de mês, ao ver a quantidade de contas a vencer e pagar? Não é assim que se sente cada trabalhador ao sentar em sua mesa na segunda-feira e ver a pilha de tarefas a serem cumpridas antes do fim da semana? Não seria esse o sentimento até mesmo de cada pastor ao iniciar a nova semana vendo a quantidade de pessoas a contatar, por quem orar e a quem aconselhar, além do novo sermão a ser preparado para o domingo seguinte? A verdade é que muitas vezes parece que estamos apenas correndo no mesmo lugar, como aquele camundongo fadado a correr sem pausa em uma rodinha giratória. Então, onde está o proveito e o ganho de todo nosso esforço nesta vida debaixo do sol?

Como aponta o versículo 4, por mais que as gerações mais novas queiram pensar o contrário, o que costuma ocorrer é que elas logo se veem assumindo as mesmas tarefas e rotinas das gerações mais velhas, sem que nada de substancial mude neste mundo. Em outras palavras, alguém ainda precisa cuidar da casa, trabalhar e pagar as contas, cuidar da família e das pessoas a quem amamos. Ainda que os mais jovens queiram revolucionar o mundo a cada geração, ele continua dando voltas e apresentando revoluções, mas tudo permanece basicamente o mesmo!

Todo esse movimento repetido e enfadonho da humanidade, diz o sábio, está espelhado, inclusive, na própria ordem da criação (v. 5-7): da mesma forma que o sol se levanta e se põe rapidamente todos os dias, sem que nada se altere neste mundo por causa disso; da mesma forma que o vento sopra ora para o sul, ora para o norte, dando voltas e voltas; da mesma forma que os rios deságuam no mar, sem alterar em nada o volume dos mares ou o seu próprio percurso.

Logo, seja na experiência humana cotidiana (v. 3,4), seja na observação da própria natureza (v. 5-7), diz o sábio, tudo é pura canseira e excede até mesmo a capacidade de descrição (v. 8), por mais que o ser humano tente enxergar ou ouvir de forma diferente. Aliás, ironicamente, por mais que nossa época tente nos convencer do contrário, bombardeando-nos com toda sorte de estímulos visuais e sonoros (Facebook, Instagram, YouTube, iTunes, Spotify, Deezer, incontáveis podcasts e outros), não é raro que, após horas nessas incursões digitais e virtuais, muitos se

sintam mais vazios e frustrados do que antes. Então, o que ganhamos com tudo isso?

Segundo, o realismo de Eclesiastes advém do próprio registro da história da humanidade. Vejamos o que está registrado em Eclesiastes 1.9-11:

> *O que foi será, e o que se fez, se fará novamente; não há nada novo debaixo do sol.*
>
> *Será que existe alguma coisa da qual se possa dizer: Vê! Isto é novo? Não! Já existiu em épocas anteriores à nossa.*
>
> *Já não há lembrança das gerações passadas; nem haverá lembrança das gerações futuras entre os que virão depois delas.*

Não bastasse a sensação de frustração decorrente da experiência humana cotidiana, diz o sábio, a própria história da humanidade atesta que não existe nada de realmente novo em tudo isso (v. 9). Quem acha que, de fato, existe algo novo ou é ingênuo ou ignorante, pois tudo que se diz "novo" de alguma forma já existiu no passado (v. 10).

Isso não quer dizer, em absoluto, que não existam inovações ao longo da história, como as que experimentamos especialmente no campo da ciência e da tecnologia nos séculos mais recentes. Todavia, as tentativas e as expectativas do ser humano de reinventar e, de alguma forma, redimir este mundo por meio das suas invenções e inovações não é nova. Aliás, elas chegam a ser um tanto ilusórias. Por exemplo, tanto a geração dos descobridores, que desbravaram os oceanos nos séculos 15 e 16,

como a dos primeiros astronautas, que desbravaram o espaço sideral no século 20, acharam que estavam pavimentando o caminho para um novo e admirável mundo. No entanto, não é possível apontar em que o mundo mudou substancialmente por conta disso. Por acaso a humanidade conseguiu solucionar seus problemas fundamentais por meio dessas incursões? O mesmo se pode dizer das gerações que inventaram o telégrafo, o telefone e a telefonia celular e imaginaram que tinham solucionado os problemas da distância e do tempo em nossa comunicação. Mas será que os problemas fundamentais da comunicação humana se resolveram por conta disso? Enfim, por mais que cada nova descoberta, invenção ou novidade traga consigo a promessa de um mundo novo e de uma vida nova, logo se descobre que o "novo" torna-se "antiquado" e insuficiente para cumprir com o que prometeu.

Porém, como se isso não fosse cruel o suficiente, diz o sábio, a história também nos ensina que, além de contestar a novidade e a originalidade de nossos esforços, ela também atenta contra a própria lembrança do nosso trabalho (v. 11). Um exemplo disso basta: muitos talvez ainda se recordem da famosa banda The Beatles, dos anos 1960, cujo integrante mais conhecido, John Lennon, certa vez, quando entrevistado, afirmou que o seu conjunto era mais famoso do que Jesus Cristo e que, por isso, ele não sabia dizer o que desapareceria primeiro no mundo — o rock ou o cristianismo. Bem, deixe-me perguntar: você já ouviu falar dos Beatles? Você pode citar o nome de todos os integrantes dessa banda? E seus filhos, sabem quem foram eles? E quanto a seus

netos? Se a lição se aplica a uma geração tão recente quanto a dos Beatles, o que dizer das gerações da antiguidade? E as gerações que ainda virão, elas serão uma exceção?[3]

Então, qual é o proveito de todo o nosso trabalho se nada realmente é novo e se nem ao menos seremos lembrados pelas gerações por vir? Realmente, é tudo inútil e sem sentido!

Será que a vida tem algum sentido?

Diante da perspectiva "nua e crua" da introdução de Eclesiastes, muitos talvez procurem uma alternativa mais atraente e agradável que a do autor de tais palavras. Alguns talvez corram para a alternativa do escapismo e da fuga da realidade, tão presente hoje nas redes sociais. Outros talvez corram para a alternativa do prazer, do entretenimento e do consumo. Porém, para cada uma dessas opções, o sábio de Eclesiastes terá considerações a compartilhar mais adiante.

Contudo, como muitos têm feito em nosso tempo, talvez a única alternativa restante seja mesmo o fim da vontade de viver. O famoso romancista russo Liev Tolstói resumiu bem esse sentimento em *Uma confissão*:

> *Minha pergunta — aquela que aos cinquenta anos de idade quase me levou ao suicídio — era a mais simples das perguntas que habitam a alma de qualquer ser humano [...] uma pergunta sem cuja resposta não é possível viver. É a seguinte: O que será feito de meus atos de hoje ou de amanhã? O que será feito de toda minha vida? Por que viver, por que*

desejar ou fazer o que quer que seja? Ela também pode ser formulada assim: "Existe algum sentido em minha vida que não será destruído pela morte inevitável que me aguarda?".[4]

Você já se fez essa pergunta? Será que existe algum sentido para esta vida? A resposta de Eclesiastes é que, se você tentar encontrar sentido para sua vida unicamente neste mundo, longe de Deus e sem Deus, tudo será uma grande ilusão. Afinal, como ensinam as Escrituras, o mundo se tornou esse lugar nebuloso e vazio, fútil e frustrante justamente por termos rejeitado a Deus e nos rebelado contra o seu senhorio sobre as nossas vidas. Portanto, o livro de Eclesiastes nada mais é do que um extenso comentário sobre a vida "debaixo do sol" em um mundo caído e corrompido pela nossa rejeição e insubmissão a Deus. E qual seria o castigo correspondente a querer viver no mundo de Deus sem Deus? Somente o pior dos castigos: tentar encontrar sentido e valor nesta vida longe de seu Autor, Criador e Senhor!

O mais surpreendente em tudo isso, porém, é que Deus não abandonou o ser humano na futilidade e inutilidade da vida sem sentido neste mundo. Séculos depois de Salomão, outro sábio surgiu na história, outro filho de Davi e rei de Israel, muito maior que Salomão, um Rei em quem estão escondidos todos os tesouros do conhecimento e da sabedoria (veja Mt 12.42; Cl 2.3). Ele mesmo veio corroborar a sabedoria de Eclesiastes, ensinando que quem quiser salvar ou ganhar a sua vida neste mundo a perderá, pois de nada adianta ganhar o mundo inteiro e perder a alma (Mc 8.35,36). Mas ele também veio oferecer descanso para aqueles que estão cansados e sobrecarregados das próprias obras neste mundo

e que se rendem aos seus pés a fim de aprender com ele e viver para ele (Mt 11.28-30). Jesus, o Rei dos reis, fez isso ao morrer uma morte aparentemente inútil e sem sentido, crucificado em um madeiro do lado de fora da cidade de Jerusalém. Mas, ao ressuscitar ao terceiro dia, inaugurou um novo mundo e uma nova vida, livre da culpa, da condenação e da corrupção. E todo aquele que se arrepende da futilidade de seu viver longe de Deus e crê em Jesus Cristo, o Senhor e Salvador, mesmo que ainda viva neste mundo fútil e frustrante, encontrará verdadeiro valor e sentido para sua vida!

Assim, se para você a vida se tornou um fardo pesado demais para carregar e a existência perdeu o sentido, que grande inutilidade será tentar encontrar o sentido e o valor de sua existência neste mundo longe de Deus e sem Deus. Mas, em Jesus Cristo, o Filho de Deus, nossa vida jamais será inútil ou sem sentido. Afinal, ele é o próprio sentido da vida!

---

[1] Philip Ryken, *Ecclesiastes: why everything matters* (Wheaton: Crossway, 2010), p. 15-8; Douglas O'Donnell, *Ecclesiastes* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2014), p. 5-6; Michael Eaton, *Ecclesiastes* (Downers Grove: Inter-Varsity Press, 1983), p. 55.

[2] Eaton, p. 56.

[3] Devo esse exemplo a O'Donnell, *Ecclesiastes*, p. 21-2.

[4] Citado em Timothy Keller, *A fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus* (São Paulo: Vida Nova, 2015), p. 231.

CAPÍTULO 2

EM BUSCA DA SABEDORIA

Eclesiastes 1.12-18

Eu, o sábio, fui rei sobre Israel em Jerusalém. Dediquei o coração a examinar e investigar com sabedoria tudo o que se faz debaixo do céu. Que tarefa pesada é esta que Deus atribuiu aos homens! Observei tudo o que se faz debaixo do sol; tudo é ilusão, é perseguir o vento! Não se pode endireitar o que é torto; não se pode contar o que falta. Então pensei comigo mesmo: Tornei-me um homem próspero, cuja sabedoria é maior do que a dos que governaram Jerusalém antes de mim; realmente acumulei muita sabedoria e conhecimento. Por isso, dediquei o coração a compreender a sabedoria e o conhecimento, mas aprendi que isso também é perseguir o vento. Porque em muita sabedoria há também muita frustração; quanto maior o conhecimento, maior é a tristeza.

Os limites da sabedoria

Em 14 de março de 2004, o britânico Daniel Tammet quebrou o recorde europeu de recitação do número π (pi). Pi representa a constante matemática equivalente à proporção da circunferência de um círculo em relação ao seu diâmetro. Por cinco horas e nove minutos, ele recitou 22.514 dígitos (3,14 em diante) em sequência, sem cometer um único erro.

Daniel Tammet sofre da síndrome de Asperger, um transtorno do espectro autista que torna uma pessoa especialmente capacitada para a memorização de sequências de informações, incluindo números e línguas estrangeiras. Contudo, tal habilidade tem suas desvantagens. Uma delas foi relatada pelo próprio Daniel em suas memórias:

> Eu ainda me lembro vividamente da experiência que tive quando, ainda adolescente, estava deitado no chão do meu quarto olhando para o teto. Eu tentava imaginar o universo na minha cabeça, tentava alcançar um entendimento do "todo" existente. Em minha mente, eu viajei até os limites da existência e dali observei tudo, imaginando o que eu descobriria. Naquele instante eu me senti muito mal e podia sentir meu coração batendo forte dentro de mim, porque pela primeira vez percebi que o pensamento e a lógica têm limites e só podem nos guiar até certo ponto. Tal realização me assombrou, e levei bastante tempo para fazer as pazes com isso.[1]

De forma semelhante, é assim que encontramos o sábio de Eclesiastes em 1.12-18: deitado no chão, olhando para o teto,

assombrado pelos limites da razão e da sabedoria humana.

A busca pessoal de Salomão pela sabedoria

Antes de ouvirmos a confissão de Eclesiastes a esse respeito, porém, precisamos entender todo o bloco seguinte desse livro (1.12—2.26). No caso, trata-se da porção do livro mais claramente autobiográfica, considerando-se a repetição da primeira pessoa do discurso nos verbos da passagem (veja 1.12,16; 2.1,12,17,18). Em outras palavras, essa é a porção do livro que melhor representa as páginas do diário pessoal de seu autor, em que ele relata detalhadamente a sua busca pelo sentido da vida e da existência neste mundo.[2]

Temos aqui, também, as indicações mais claras da identidade do autor de Eclesiastes. Ele se apresenta como "rei sobre Israel em Jerusalém" (1.12,16), ou seja, de todo o povo de Israel na capital de Jerusalém, e só existem dois reis em toda a Bíblia que se encaixam nessa descrição: Davi e Salomão. Afinal, depois deles, os reis da nação governariam apenas parte do povo — ao norte, em Israel, com sede em Samaria, ou ao sul, em Judá, com sede em Jerusalém. Como sabemos que a fonte principal do relato foi um rei de Israel, que foi "filho de Davi" (1.1), a única opção restante é Salomão.[3] Além disso, os detalhes dessa seção autobiográfica relacionam-se muito bem com o que sabemos a respeito da vida de Salomão, apresentado nas Escrituras como o rei mais próspero e bem-sucedido em Israel, além de ser o homem mais sábio do mundo antigo (cf. 1Rs 3.12; 4.29-34; 10.23,24).

Enfim, o que temos aqui nesta seção é o resumo da experiência acumulada do rei Salomão ao longo de todo o seu reinado de quase quarenta anos sobre Israel em Jerusalém. Uma vez que o sábio Salomão já adiantou que, longe de Deus e sem Deus, nada faz sentido neste mundo (Ec 1.2), agora ele mostrará especificamente como nenhuma das seguintes coisas faz sentido: nem a busca pela sabedoria (1.12-18), nem a vida entregue ao prazer (2.1-11), tampouco a vida voltada para a realização no trabalho (2.12-23). Entretanto, assim como Deus impõe uma frustração ao homem que tenta encontrar satisfação longe dele neste mundo (1.13), ele recompensa aqueles que se satisfazem nele, inclusive no que diz respeito ao trabalho, aos prazeres e à busca por sabedoria e conhecimento (2.24-26).

Portanto, uma vez mais, o problema com este mundo não reside necessariamente na busca pela sabedoria, pelo prazer e pela realização no trabalho, mas sim na busca divorciada da dependência, da confiança e do temor a Deus. Tal qual alguém que deseja guardar para si a beleza de uma flor arrancando-a do seu caule e das raízes que lhe trazem o sustento da terra, assim é aquele que deseja qualquer um dos prazeres da vida neste mundo longe do seu Criador e Senhor.

Neste capítulo, teremos espaço apenas para refletir sobre a busca de Salomão pelo sentido da vida na sabedoria humana (1.12-18). Logo após identificar-se, o sábio rei apresenta sua conclusão sobre essa busca em duas partes bem claras. Primeiro, a sabedoria humana sem Deus é inútil, porque não pode mudar a realidade ao nosso redor (1.13-15). Segundo, a sabedoria humana

sem Deus é inútil porque apenas aumenta o nosso sofrimento e desgosto (1.16-18).

A inutilidade da sabedoria humana

> *Dediquei o coração a examinar e investigar com sabedoria tudo o que se faz debaixo do céu. Que tarefa pesada é esta que Deus atribuiu aos homens!*
>
> *Observei tudo o que se faz debaixo do sol; tudo é ilusão, é perseguir o vento!*
>
> *Não se pode endireitar o que é torto; não se pode contar o que falta (Ec 1.13-15).*

Após a apresentação de suas credenciais pessoais (v. 12), o sábio Salomão fala das características de sua busca pessoal pelo sentido da vida na sabedoria humana (v. 13). Ele declara que se dedicou tão intensamente quanto extensamente a esse propósito: "Dediquei o coração a examinar e investigar com sabedoria tudo o que se faz debaixo do céu". Em outras palavras, o sábio não poupou esforços nem limitou o escopo de sua investigação. Ele se entregou por inteiro a essa busca e explorou a totalidade das diferentes dimensões da vida neste mundo em busca do sentido da vida.[4]

Por si só, tal atitude de Salomão é louvável e em muito difere da postura da maioria das pessoas com quem nos relacionamos e conversamos em nosso dia a dia. O que predomina hoje, em especial entre os membros mais jovens da nossa sociedade, é uma

certa preguiça mental e uma apatia intelectual contagiantes — e isso até mesmo dentro da própria igreja! Em geral, as pessoas dedicam pouquíssimo esforço para encarar sem rodeios as questões mais difíceis e desafiadoras da vida. Aliás, tente conversar com um adolescente ou jovem mediano hoje em dia e arrancar dele ou dela mais do que algumas respostas monossilábicas. Pior, para uma geração que não se empenha em pensar sobre as questões difíceis da vida, resta apenas a opção de deixar que os outros pensem por ela, que vai seguindo a manada rumo a uma vida fútil, vazia e sem sentido ou propósito algum.

Todavia, se, por um lado, a investigação de Salomão confronta a preguiça mental esmagadora da sociedade, sua conclusão logo a seguir confronta a prepotência intelectual de uma elite que tenta encontrar o sentido da vida longe de Deus. Por isso, ele afirma que tentar encontrar o sentido da existência somente pelo caminho da sabedoria humana é uma "tarefa pesada", imposta por ninguém menos do que o próprio Deus: "Que tarefa pesada é esta que Deus atribuiu aos homens!" (v. 13).

Repare que essa é a primeira aparição nominal de Deus em Eclesiastes, em que ele é mencionado pelo nome *Elohim*, o Deus Criador dos céus e da terra. Portanto, o mesmo Deus que tudo criou e que também formou o ser humano para adorá-lo e servi-lo neste mundo foi quem impôs ao homem o duro trabalho de encontrar o sentido da vida longe dele, após a rebelião do primeiro casal no jardim do Éden, relatada em Gênesis 3.[5]

Em outras palavras, antes da queda do ser humano no pecado, a existência no mundo de Deus e na presença dele era plena e

satisfeita, devido à comunhão ininterrupta com o Criador e Senhor. Porém, com o pecado original e a Queda, após a rebelião humana contra o Autor e Senhor da vida, tudo isso mudou! Desde então, como bem constata Salomão, tudo que é feito debaixo do sol sem Deus e longe dele é inútil, tanto quanto tentar "perseguir o vento" (v. 14) — mais uma expressão favorita desse livro. A expressão "perseguir o vento" pode significar tanto correr atrás daquilo que não pode ser alcançado como tentar conter e encurralar aquilo que não pode ser contido. Refere-se, assim, a uma tarefa frustrante, inalcançável ou impossível — tanto quanto encontrar o sentido da vida somente pela sabedoria humana![6]

Mas, afinal, por que é assim? Porque a sabedoria humana sozinha não é capaz de endireitar o que está torto, não mais do que alguém é capaz de endireitar o tronco retorcido de uma árvore ou um vergalhão de aço empenado com as próprias mãos. Por mais que tentemos, simplesmente não conseguiremos resolver tudo o que está errado ao nosso redor — em nossa vida, na nossa casa, na igreja, na sociedade e no mundo — pelo simples uso do nosso entendimento. Aliás, quanto mais a sabedoria humana se empenhar para tanto, mais ela descobrirá que algo estará faltando, pois a conta da nossa vida nunca fechará apenas pelos cômputos do raciocínio humano: "Não se pode endireitar o que é torto; não se pode contar o que falta" (v. 15).

A importância dessa primeira constatação de Salomão acerca dos limites da sabedoria humana deve ser observada especialmente à luz do rumo da história do Ocidente nos últimos trezentos anos, após o surgimento do Iluminismo. Desde aquela

época e até a metade do século passado, predominou no Ocidente o pensamento de que o ser humano precisa se libertar das amarras da religião, das tradições e das instituições de autoridade na sociedade a fim de definir toda verdade e valor neste mundo pelo prumo da razão humana. Essa corrente filosófica foi a principal responsável, por exemplo, pela promoção da educação universal nos países ocidentais nos últimos três séculos, sob a forte convicção de que o grande mal que aflige o nosso mundo é a falta de educação e instrução. Tanto isso é verdadeiro que, até hoje, é comum ouvirmos que, se as sociedades tão somente investissem mais em educação, o mundo seria um lugar diferente e melhor. Tudo isso apesar do fato de toda essa crença na razão humana não ter conseguido impedir que duas guerras mundiais arrasassem o mundo no século passado, levando muitos a questionarem tal otimismo moderno.

Bem, há algo de necessariamente errado em querer investir mais e melhor na educação de uma sociedade? De forma alguma! Porém, o grande equívoco de todo esse projeto secular e empreendimento humanista é pensar que a resolução de todos os problemas da humanidade está em excluir Deus da equação e treinar o ser humano para se tornar um pensador melhor! Tal experimento, portanto, nada mais é do que outra tentativa frustrada do ser humano de salvar e redimir o mundo por seus próprios esforços, o que é simplesmente impossível, conforme Eclesiastes afirma e a própria experiência atesta. Todavia, existe mais uma razão para a frustração da sabedoria humana autônoma e separada de Deus, que encontramos logo a seguir.

Então pensei comigo mesmo: Tornei-me um homem próspero, cuja sabedoria é maior do que a dos que governaram Jerusalém antes de mim; realmente acumulei muita sabedoria e conhecimento.

Por isso, dediquei o coração a compreender a sabedoria e o conhecimento, mas aprendi que isso também é perseguir o vento.

Porque em muita sabedoria há também muita frustração; quanto maior o conhecimento, maior é a tristeza (Ec 1.16-18).

Mais até do que anteriormente, Salomão atesta aqui as suas credenciais para tratar do assunto da busca pelo sentido da vida na sabedoria humana; afinal, ele acumulou muita sabedoria e conhecimento, mais do que todos os seus antecessores (v. 16). Porém, como que insatisfeito com a sua conclusão inicial, parece que Salomão decidiu redobrar seus esforços, tentando compreender não só a sabedoria humana, mas também a sua contrapartida, a loucura e a insensatez — isto é, a vida distante de Deus e entregue aos prazeres mais diversos.

Em outras palavras, se Salomão não conseguiu encontrar o sentido da vida nos deleites mais sofisticados da sabedoria, quem sabe ele pudesse encontrá-lo nos prazeres mais palpáveis dos divertimentos e das experiências neste mundo. Essa tem sido a opção que muitos têm feito em nosso tempo, abandonando a procura pela verdade e se entregando a experiências e prazeres diversos, em busca de algo que possa satisfazê-los. Na seção seguinte, o sábio rei apresentará mais detalhadamente o fruto de

sua investigação pessoal nesse quesito (2.1-11). Contudo, ele já adianta aqui que isso também é tão frustrante e inútil quanto perseguir o vento (v. 17). Afinal de contas, quanto maior for a sabedoria e o conhecimento, maior será o sofrimento e o desgosto (v. 18).

Enfim, quanto mais nós procuramos conhecer e entender o mundo ao nosso redor, tomando ciência daquilo que ocorre nos bastidores da nossa sociedade, que move as engrenagens da nossa cultura e que compõe a experiência da vida neste mundo, maior será a nossa aflição e desgosto. Ou, como costuma afirmar o cronista Carlos Heitor Cony, "o otimista é o sujeito mal informado".[7] E como o brasileiro é, em geral, muito mal informado, não é à toa que ele seja um sujeito tão incuravelmente otimista! Por outro lado, quanto mais bem informados somos, menos otimistas e mais realistas nos tornamos acerca deste mundo caído e corrompido.

Quer dizer então que o melhor mesmo é a inocência da ignorância? Afinal, se conhecer e saber mais do mundo só nos acrescenta aflição, por que deveríamos nos importar em entender o mundo ao nosso redor? Por mais atraente que essa alternativa possa parecer, inclusive para muitos desta geração, lembremo-nos que Salomão não está condenando toda e qualquer busca pela sabedoria e conhecimento, mas tão somente a busca divorciada de Deus. Mais adiante, inclusive, ele mostrará que, por mais que a sabedoria humana seja insuficiente para produzir um valor absoluto pelo qual possamos viver, mesmo assim ela é

relativamente melhor do que a alternativa da loucura e da insensatez (2.12-14).

Contudo, por ora, esse é o retrato sombrio e frustrante da busca pelo sentido da vida na sabedoria humana, de acordo com Salomão. Primeiro, ela é incapaz de resolver a realidade ao nosso redor (v. 13-15). E, segundo, ela apenas aumenta o nosso sofrimento e desgosto nesta vida (v. 16-18).

Nossa busca pela sabedoria

Mas será essa a nossa única alternativa no que diz respeito à sabedoria humana? Felizmente, há outra opção. Como já sinalizamos, ao final dessa seção do livro de Eclesiastes, Salomão apresenta uma alternativa melhor do que a que o mundo tem a nos oferecer. Se, por um lado, a sabedoria humana disponibilizada pelo mundo é inútil e fútil, por outro lado existe a sabedoria ofertada por Deus, capaz de trazer sentido e felicidade ao ser humano, a ponto de Salomão reconhecer: "Porque Deus dá sabedoria, conhecimento e felicidade ao homem que lhe agrada." (Ec 2.26a). Deus frustra a sabedoria humana autônoma e divorciada da sua santa Palavra, tanto que o profeta Isaías afirma: "a sabedoria dos sábios cessará, e a perícia dos seus peritos se esconderá" (Is 29.14b). Ao mesmo tempo, porém, Deus reconhece e recompensa aqueles que dependem dele para obter sabedoria neste mundo, como bem apontou o profeta Jeremias: "Assim diz o SENHOR: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem o forte na sua força, nem o rico nas suas riquezas. Mas quem se gloriar, glorie-se nisto: em me entender e me conhecer, pois eu

sou o SENHOR, que pratico a fidelidade, o direito e a justiça na terra, porque me agrado dessas coisas, diz o SENHOR" (Jr 9.23,24).

Em resumo, a sabedoria humana é uma péssima senhora, mas uma excelente serva quando submetida e alinhada à vontade do Senhor! Por isso, a sabedoria humana que confia em Deus para sua orientação e esclarecimento a respeito do sentido e propósito da vida neste mundo será recompensada, e não frustrada pelo Senhor. Não precisamos abandonar nossa razão ao crermos em Deus, mas sim submetê-la ao seu senhorio e governo.

Tudo isso, é claro, aponta para a sabedoria superior de Deus, revelada neste mundo de maneira gloriosa quando aquele que era a própria sabedoria de Deus encarnada, Jesus Cristo, foi para a cruz. O propósito da obra de Jesus na cruz foi julgar a sabedoria terrena e revelar a plena extensão e o poder da sabedoria de Deus, conforme as palavras do apóstolo Paulo em 1Coríntios 1.18-25:

> *Pois a palavra da cruz é insensatez para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus. Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e anularei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o instruído? Onde está o questionador desta era? Por acaso Deus não tornou absurda a lógica deste mundo? Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo por sua própria sabedoria não o conheceu, foi do agrado de Deus salvar os que creem por meio do absurdo da pregação. Pois, enquanto os judeus pedem sinais, e os gregos buscam sabedoria, nós pregamos Cristo crucificado, que é motivo de escândalo para os judeus e*

> *absurdo para os gentios. Mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque o absurdo de Deus é mais lógico que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens.*

É desta sabedoria que mais precisamos: a sabedoria da mensagem da cruz de Cristo! Afinal, somente ela é capaz de realmente mudar a realidade ao nosso redor, ao promover nossa reconciliação com o nosso Criador e Senhor, por meio de seu Filho, Jesus Cristo. E somente essa sabedoria pode nos livrar de uma vida entregue ao sofrimento e ao desgosto de um mundo caído e corrompido pelo nosso pecado e pela nossa rebeldia.[8]

Por isso, para onde você correrá hoje? Atrás do vento? Corra para Jesus Cristo, aquele que detém todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento!

---

[1] O relato advém das memórias de Daniel Tammet, *Born on a blue day: inside the extraordinary mind of an autistic savant* (New York: Free Press, 2006), p. 223-4, conforme indicação bibliográfica de Douglas O'Donnell, *Ecclesiastes* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2014), p. 31-2. Devo a O'Donnell tanto a referência como a ilustração inicial deste capítulo.

[2] O'Donnell, p. 32-3.

[3] Philip Ryken, *Ecclesiastes: why everything matters* (Wheaton: Crossway, 2010), p. 36.

[4] Ryken, p. 37.

[5] O'Donnell, p. 36.

[6] O'Donnell, p. 35; Michael Eaton, *Ecclesiastes* (Downers Grove: InterVarsity, 1983), p. 63.

[7] "Pessimismo e esperança", *Folha de S. Paulo.* 4 nov. 1999: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0411199906.htm.

[8] O'Donnell, p. 41.

CAPÍTULO 3

À PROCURA DA FELICIDADE

Eclesiastes 2.1-11

Eu disse a mim mesmo: Vem! Experimenta a alegria. Desfruta o prazer. Mas isso também era ilusão. Concluí que o riso é loucura, e que a alegria de nada vale. Resolvi no íntimo entregar o corpo aos efeitos do vinho e deixar-me levar pela insensatez, sem deixar de me guiar pela sabedoria. Eu queria saber o que vale a pena fazer debaixo do céu, nos poucos dias da vida humana. Fiz obras magníficas para mim: construí casas e plantei vinhas. Cultivei jardins e pomares, e plantei neles árvores frutíferas de todas as espécies. Fiz reservatórios de água para irrigar os bosques verdejantes. Comprei escravos e escravas e tive escravos que nasceram em minha casa. Também tive mais gado e rebanhos do que todos os que viveram em Jerusalém antes de mim. Também acumulei prata e ouro e tesouros dos reis e das províncias. Escolhi cantores e cantoras, e desfrutei das delícias dos homens: mulheres em grande número. Assim prosperei e me tornei mais rico do que todos os que viveram em Jerusalém antes de mim. E nunca me faltou sabedoria. Não me neguei nada que os meus olhos

desejaram, nem privei o coração de alegria alguma, pois me alegrei em todo o meu trabalho, e foi essa a minha recompensa por todo o meu esforço. Mas, quando pensei em tudo que as minhas mãos haviam feito e em todo o esforço que empenhei no que realizei, percebi que tudo era ilusão; tudo foi como perseguir o vento. Não há nenhum proveito em tudo que se faz debaixo do sol.

Tristeza não tem fim

Tom Jobim e Vinicius de Moraes compuseram um dos grandes clássicos da bossa-nova intitulado "A felicidade",[1] cuja letra diz:

Tristeza não tem fim
Felicidade sim

A felicidade é como a pluma
Que o vento vai levando pelo ar
Voa tão leve
Mas tem a vida breve
Precisa que haja vento sem parar

A felicidade do pobre parece
A grande ilusão do carnaval
A gente trabalha o ano inteiro
Por um momento de sonho
Pra fazer a fantasia
De rei ou de pirata ou jardineira

E tudo se acabar na quarta-feira

Tristeza não tem fim
Felicidade sim
Tristeza não tem fim
Felicidade sim

A felicidade é como a gota
Do orvalho numa pétala de flor
Brilha tranquila
Depois de leve oscila
E cai como uma lágrima de amor

A minha felicidade está sonhando
Nos olhos da minha namorada
É como esta noite
Passando, passando
Em busca da madrugada
Falem baixo, por favor
Pra que ela acorde alegre como o dia
Oferecendo beijos de amor

Tristeza não tem fim
Tristeza não tem fim
Tristeza não tem fim
Tristeza não tem fim
Tristeza não tem fim
Tristeza não tem fim

A busca frustrante pela felicidade nesta vida, é claro, não é uma descoberta da geração que lançou a bossa nova. Milênios atrás, alguém já havia tentado encontrar a felicidade entre todos os cantos e amores deste mundo, mas sem sucesso. Este alguém foi o sábio de Eclesiastes, a quem identificamos como o rei Salomão, um homem que não mediu esforços nem poupou recursos para encontrar o sentido da vida e a fonte de satisfação neste mundo. Mas como exatamente foi sua jornada à procura da felicidade? E por que ela se revelou uma jornada frustrante?

Em busca da felicidade

Nas palavras iniciais de Eclesiastes, ouvimos o sábio Salomão nos advertindo de que absolutamente nada faz sentido nesta vida longe de Deus e sem Deus (1.1-11). Dessa introdução em diante, ele nos conduz pelo processo que o levou a tal conclusão — desde sua investigação dos limites da sabedoria humana até a exploração da loucura e da insensatez da vida entregue aos prazeres (1.12-18; 2.1-11). Como sua dedicação à sabedoria humana esbarrou nos limites do desgosto e do sofrimento, ele decidiu tomar o caminho alternativo da vida entregue à alegria das "coisas boas da vida" para ver se ali encontraria satisfação: "Eu disse a mim mesmo: Vem! Experimenta a alegria. Desfruta o prazer. Mas isso também era ilusão" (2.1).

Curiosamente, esse movimento do sábio de Eclesiastes parece refletir bem a trajetória do Ocidente nas últimas décadas. Conforme já ressaltei, o experimento moderno que objetiva fazer deste mundo um lugar melhor por meio do cultivo da razão

humana, dita neutra e isenta, não livrou a humanidade de duas guerras mundiais que quase arrasaram o globo. Desde então, testemunhamos um novo projeto pós-moderno, que parece ter aberto mão do cultivo da razão e da busca pela verdade para abraçar uma existência em que cada um encontra o sentido da vida naquilo que mais o satisfaz aqui e agora — desde o uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas até a liberação sexual pregada desde a década de 1960.

Como bem observou J. P. Moreland, "muita gente não crê mais na existência de um significado definitivo da vida que possa ser conhecido. Essas pessoas — e elas formam uma legião — desistiram de buscar esse significado e, em vez disso, vivem em função da felicidade. Hoje, vida boa é uma vida de felicidade, e esse é o objetivo que a maioria estabeleceu para si e seus filhos".[2]

Porém, conforme nos alerta o sábio de Eclesiastes, nem uma coisa nem outra nos trarão satisfação duradoura (2.1,11). Se antes ele havia se dedicado inteiramente à busca do sentido da vida na sabedoria humana, o mesmo pode ser dito de sua busca nos prazeres da vida — desde os mais simples e acessíveis, como o riso e a bebida (2.2,3), aos mais sofisticados, como a fama e a fortuna (2.8,9). Por isso, ouçamos atentamente a confissão de Salomão nos versículos seguintes, uma espécie de *Guia 4 Rodas* do viajante à procura da felicidade.

A futilidade da felicidade humana

Em sua busca da alegria plena, o sábio registra:

Eu disse a mim mesmo: Vem! Experimenta a alegria. Desfruta o prazer. Mas isso também era ilusão.

Concluí que o riso é loucura, e que a alegria de nada vale.

Resolvi no íntimo entregar o corpo aos efeitos do vinho e deixar-me levar pela insensatez, sem deixar de me guiar pela sabedoria. Eu queria saber o que vale a pena fazer debaixo do céu, nos poucos dias da vida humana (Ec 2.1-3).

A primeira parada na jornada do sábio é o prazer mais acessível de todos: o riso e a alegria embalados pela bebida alcóolica (v. 2,3). Vale notar aqui que Salomão não está falando da extravagância das farras e do excesso, mas do prazer de beber e alegrar-se socialmente, mantendo a compostura e a cabeça no lugar (v. 3). Após experimentar do melhor da colheita e do convívio social, ele conclui que, como fonte de satisfação plena e duradoura, tais prazeres de nada valiam. Ou seja, da choppada universitária ao *happy hour* de fim de expediente, da cervejinha ou caipirinha de fim de semana à degustação mais requintada de vinhos e licores, tudo isso fracassa como o maior e melhor proveito de todo nosso esforço nesta vida.

Ora, se isso é verdadeiro acerca do álcool, quanto mais de outros divertimentos sociais acessíveis, como os enredos da televisão e do cinema, sem falar nos incontáveis vídeos de YouTube e afins, responsáveis por aliviar a fadiga e o estresse cotidianos com uma risada fácil e barata em um intervalo no trabalho, no final do dia ou em uma roda de amigos. Em outras palavras, se todo o nosso esforço nessa vida se resume a isso, a

uma tentativa de fuga da realidade por meio da risada fácil e fútil, tudo realmente será inútil!

A parada seguinte de Salomão avalia prazeres mais concretos e sofisticados, representados pelos seus grandes empreendimentos no papel de rei em Jerusalém:

Fiz obras magníficas para mim: construí casas e plantei vinhas.

Cultivei jardins e pomares, e plantei neles árvores frutíferas de todas as espécies.

Fiz reservatórios de água para irrigar os bosques verdejantes.

Comprei escravos e escravas e tive escravos que nasceram em minha casa. Também tive mais gado e rebanhos do que todos os que viveram em Jerusalém antes de mim.

Também acumulei prata e ouro e tesouros dos reis e das províncias (Ec 2.4-8a).

Nas palavras de um comentarista, os esforços do rei aqui se resumiram a criar uma espécie de "jardim do Éden secular", um pequeno pedaço do paraíso na terra, porém sem árvores ou frutos proibidos de qualquer tipo.[3] Por isso, ele se lançou a construir casas e plantar vinhas para si mesmo, com jardins e pomares cheios de todo tipo de árvore frutífera (v. 4,5). Para que suas plantações e jardins fossem frondosos e produtivos, ele precisou construir reservatórios e sistemas de irrigação

(v. 6). Mas, é claro, para manter tudo isso funcionando, ele precisaria de uma força-tarefa substancial de escravos e escravas, e, consequentemente, teria de ter rebanhos inteiros para alimentar essa gente toda, além da própria família real (v. 7). Somado a tudo isso, para manter todo esse estilo de vida, o rei precisaria ajuntar para si uma bela reserva financeira, o que também alcançou via cobrança de tributos e o comércio com vários parceiros econômicos (v. 8a).

Em toda essa sequência, é possível observar como a fronteira da satisfação e da felicidade nos prazeres deste mundo é um marco ilusório. Assim que imaginamos ter alcançado a fronteira da felicidade, ela nos ilude apontando para um marco mais adiante! No caso de Salomão, as casas e vinhas deram lugar a jardins e pomares, que levaram a reservatórios e serviçais e rebanhos, exigindo uma quantidade enorme de trabalho e riquezas para sustentar todo esse sonho de felicidade e satisfação neste mundo.

No nosso caso, hoje em dia, podemos comparar com o sonho da casa própria com jardim e quintal, ou o condomínio com dezenas de opções de lazer, que exige uma quantidade enorme de trabalho e riqueza para se manter, sempre nos iludindo com a esperança de satisfação na próxima conquista ou realização material. Nos dias atuais, é claro, não basta apenas o seu pedacinho do céu aqui na terra para se sentir completo, mas, para realmente ser feliz, é necessário que você conheça todos os diferentes retratos do paraíso do planeta, em um número sem fim de roteiros e destinos de viagem, o que vai exigir muito mais trabalho e dinheiro

também. Por fim, se, no entanto, você não tem dinheiro ou não trabalhou o suficiente para desfrutar do paraíso na terra, há sempre uma linha de crédito bancário ou um novo cartão de crédito para financiar a vida dos seus sonhos aqui e agora, mesmo que para isso você tenha que hipotecar o seu futuro.

O que, em última análise, toda essa aventura materialista e consumista desta geração revela é que a procura pela felicidade neste mundo e nesta vida não passa de uma promessa que nunca se cumpre. Por mais que nenhuma dessas coisas seja errada em si — a casa e o condomínio, a viagem e o cartão de crédito —, o ser humano que tenta se realizar neste mundo e se redimir de uma existência passageira por meio de seus empreendimentos e divertimentos jamais encontrará a satisfação plena.

Contudo, Salomão ainda relata uma última parada na jornada em busca da felicidade neste mundo — a mais cobiçada e a menos alcançada —, a estação da fama, do sucesso e da realização sexual:

> *Escolhi cantores e cantoras, e desfrutei das delícias dos homens: mulheres em grande número.*
>
> *Assim prosperei e me tornei mais rico do que todos os que viveram em Jerusalém antes de mim. E nunca me faltou sabedoria (Ec 2.8b,9).*

Tudo o que o rei empreendeu e realizou, diz o relato bíblico, proporcionou a ele uma fama e um reconhecimento mundiais como poucos reis desfrutaram no mundo antigo (cf. 1Rs 10.14-29). Isso não só lhe rendeu um status sem igual na história de Israel,

como também lhe abriu portas para desfrutar do maior dos prazeres da sua corte — e justamente aquele que causou a sua ruína moral e espiritual —, isto é, um harém composto de setecentas mulheres e trezentas concubinas, muitas das quais ele conquistou por meio de alianças com reinos vizinhos (Ec 2.8; cp. 1Rs 11.1-13). Portanto, se muitas vezes ficamos um tanto chocados com a libertinagem sexual dos artistas, atletas e astros do momento, que acumulam relacionamentos assim como acumulam patrimônio e bens, o que dizer então do lascivo e libertino rei Salomão!

É verdade, porém, que a maior parte da nossa sociedade jamais alcançará esse nível de experimentação e exposição na jornada pela felicidade neste mundo. Mas não seria esse um dos grandes apelos por trás, por exemplo, do universo das mídias sociais, em que todos podem disputar seus segundos de fama e felicidade apresentando a melhor versão de si mesmos, com o objetivo de serem admirados e reconhecidos por todos, acumulando o maior número possível de curtidas e seguidores? O que dizer então daquela que talvez seja uma das maiores indústrias do mundo virtual, a indústria multibilionária da pornografia, onde cada um pode ter o próprio harém na ponta dos dedos, experimentando todo tipo de prazer sexual — seja heterossexual, seja homossexual, o que parecer melhor —, em busca do que pode satisfazer a sua alma frustrada com os demais prazeres deste mundo?

Pois bem, tendo percorrido todas as estações do prazer à procura da felicidade — das mais simples às mais sofisticadas —,

a conclusão do sábio de Eclesiastes foi a seguinte:

> *Não me neguei nada que os meus olhos desejaram, nem privei o coração de alegria alguma, pois me alegrei em todo o meu trabalho, e foi essa a minha*
> *recompensa por todo o meu esforço.*
>
> *Mas, quando pensei em tudo que as minhas mãos*
> *haviam feito e em todo o esforço que empenhei no que realizei, percebi que tudo era ilusão; tudo foi como perseguir o vento. Não há nenhum proveito em tudo que se faz debaixo do sol (Ec 2.10,11).*

Depois de ter se deleitado com todas as coisas que seus olhos desejaram e que seu coração cobiçou, no fim, somando todos os seus prazeres e divertimentos, ele descobriu que tudo havia sido inútil e sem proveito, como perseguir o vento! Esse é, afinal, o que Derek Kidner chama de "o paradoxo do hedonismo": quanto mais se busca o prazer, menos ele é encontrado.[4] Ou, recorrendo mais uma vez a J. P. Moreland, que bem observou:

> *Se você passa o tempo todo tentando ser feliz, acaba concentrando toda a sua atenção em si mesmo e em quanto você é "feliz"; por conseguinte, torna-se um eu retraído, incapaz de viver por uma causa maior. Sua vida girará em torno de você, e seu foco, momento a momento, estará voltado para como você se sente por dentro. Seu único critério de avaliação para procurar um emprego, fazer amigos, encontrar um cônjuge (ou continuar ao lado dele!) e escolher uma igreja se reduzirá à*

única preocupação que abrange tudo isso: Como esse detalhe particular me faz sentir? […] Existem algumas consequências sérias de viver preso a essa busca. Os pais veem os filhos como meios para alcançar a própria felicidade; os casais veem um no outro um modo de intensificar as próprias experiências prazerosas; o trabalho só é satisfatório se me deixa feliz; o próprio Deus existe meramente como um meio de me fazer feliz. Em resumo, o Universo inteiro gira em torno de mim e de meu prazer interior![5]

Portanto, se o seu universo gira em torno do seu prazer interior — assim conclui Salomão —, ele gira em torno de um "buraco negro" insaciável, que sugará tudo ao seu redor, sem que você encontre a tão cobiçada felicidade!

Nossa busca pela felicidade

Isso significa que todo e qualquer desejo por prazer nesta vida é errado ou será frustrado? Não exatamente. Há pelo menos duas qualificações a serem feitas sobre a conclusão do sábio de Eclesiastes aqui.[6]

Primeiro, a busca pelo prazer que está fadada ao fracasso é a busca egoísta e centrada somente na realização pessoal, a julgar pela quantidade de referências pessoais em Ec 2.1-11. Em outras palavras, a busca pelo prazer pessoal e individual, que não considera o próximo e, principalmente, não considera Deus — a verdadeira fonte de toda vida e alegria — é uma busca "ególatra", que idolatra o "eu" como a fonte de toda vida e alegria. Contudo,

tal busca será tão bem-sucedida quanto uma flor ou uma planta que, desprezando a terra, a água e principalmente o sol, tenta achar e produzir vida em si mesma — é simplesmente impossível!

Em segundo lugar, aquele que faz do prazer o seu ídolo — isto é, o seu substituto para Deus — nunca encontrará a satisfação que só em Deus pode ser encontrada. Por definição, um ídolo jamais poderá nos satisfazer como o Senhor nos satisfaz, pois um ídolo acaba por endeusar aquilo que foi criado para o nosso deleite, mas nunca para servir como a fonte principal dele. E esse ídolo pode ser o trabalho e sua recompensa, bens e posses, reconhecimento e satisfação sexual, ou o que quer que seja. Como bem colocou C. S. Lewis, um dos grandes defensores do cristianismo no século 20: "Se descubro em mim mesmo um desejo que nenhuma experiência deste mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é que eu fui criado para um outro mundo".[7]

Então, quer dizer que Deus é o grande inimigo e adversário da nossa felicidade? Muito pelo contrário!

A Palavra de Deus diz que ele é a fonte de toda a alegria e felicidade, pois somente na presença dele há alegria eterna e prazer perpétuo! (Sl 16.11) Apesar de as Escrituras reconhecerem, sim, que Deus frustra todo aquele que tenta encontrar sua satisfação e prazer neste mundo sem ele ou longe dele (Ec 2.1-11), elas também reconhecem que Deus concede a felicidade como uma dádiva àqueles que lhe agradam (Ec 2.24-26a).

O mais surpreendente em tudo isso é que, apesar de termos virado as costas para a oferta divina de uma vida plena e satisfeita na sua presença, ele não virou as costas definitivamente para nós. Tanto que, na pessoa de seu Filho, Jesus Cristo, Deus enviou aquele que foi o único a resistir, do início ao fim da sua vida, às ofertas enganosas deste mundo de prazer e satisfação longe de Deus (veja Mt 4.1-11; 1Jo 2.15-17). Em Jesus Cristo, Deus Pai enviou o seu Filho não para viver de forma egoísta e autocentrada, mas para viver uma vida abnegada de renúncia, sendo obediente até a morte e morte de cruz, pela alegria maior que lhe foi proposta de servir como o Salvador do seu povo (Hb 12.2).

Somente em Jesus Cristo podemos conhecer a verdadeira alegria pela qual nossa alma tanto anseia: a alegria da comunhão restaurada com o nosso Criador, por meio do perdão da loucura e da insensatez do nosso pecado, mediante a fé no sacrifício único e definitivo de Jesus na cruz do Calvário. E somente quando confiarmos, descansarmos e nos satisfizermos em Cristo Jesus como nosso Rei, Senhor e Salvador é que poderemos desfrutar corretamente dos demais prazeres desta vida. Afinal de contas, foi Deus quem criou todos os prazeres para o nosso bem — o trabalho e suas recompensas e, sim, até mesmo o sexo, para ser desfrutado dentro da exclusividade do matrimônio — e tudo isso para a sua glória!

Como bem resumiu C. S. Lewis em seu ensaio *O peso de glória*: "Parece que o Senhor [Deus] vê os nossos desejos como fracos demais e não fortes demais. Somos criaturas que se

entregam pela metade, perdendo tempo com bebidas, sexo e ambições terrenas, quando nos é ofertada a alegria infinita. Somos como crianças ignorantes, que querem persistir na brincadeira de fazer bolos de lama, em uma favela, porque não podem imaginar o significado de terem recebido o convite para passar uma temporada em um maravilhoso hotel à beira-mar. Nós nos satisfazemos com muito pouco".[8]

E quanto a você? Com o que se satisfará? Ou em quem? Enfim, qual será o refrão de sua vida? Você pode escolher ficar com o poeta: "Tristeza não tem fim, felicidade sim". Mas também tem a opção de repetir com o salmista: "Tu me farás conhecer o caminho da vida; na tua presença há plenitude de alegria; à tua direita há eterno prazer" (Sl 16.11).

---

[1] Composta em 1958 para o filme francês *Orfeu Negro*, a música foi gravada em diversas versões desde então: http://www.jobim.org/jobim/handle/2010/11099/search;?query=felicidade; https://en.wikipedia.org/wiki/A_felicidade.

[2] J. P. Moreland, *O triângulo do reino* (São Paulo: Vida, 2011), p. 30. Devo esta referência ao meu colega Marcelo Maia.

[3] Derek Kidner, *A mensagem de Eclesiastes*, 2. ed. (São Paulo: ABU, 2004), p. 19-20.

[4] Kidner, *A mensagem de Eclesiastes*, p. 19.

[5] Moreland, *O triângulo do reino*, p. 31.

[6] Devo estas observações a Douglas O'Donnell, *Ecclesiastes* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2014), p. 51-3.

[7] C. S. Lewis, *Cristianismo puro e simples* (São Paulo: Martins Fontes, 2005), p. 182.

[8] Conforme citação de Cornelius Plantinga, *O crente no mundo de Deus: uma visão cristã da fé, da educação e da vida* (São Paulo: Cultura Cristã, 2008), p. 23.

CAPÍTULO 4

UM TRABALHO ÁRDUO

Eclesiastes 2.12-26

Então passei a examinar a sabedoria, a insensatez e a tolice. O que fará o homem que suceder ao rei? Somente o que já foi feito! Então vi que a sabedoria é melhor do que a insensatez, assim como a luz é melhor do que as trevas. Os olhos do sábio o dirigem, mas o tolo anda na escuridão. Porém percebi que o destino de ambos é o mesmo. Por isso, pensei: O que acontece ao tolo também acontecerá a mim. Por que então busquei tanto a sabedoria? Então eu disse a mim mesmo: Isso também é absurdo! Nem o sábio nem o tolo serão lembrados para sempre, pois tudo será esquecido nos dias futuros. Assim como morre o sábio, morrerá também o tolo! Por isso, detestei a vida, pois tudo o que se faz debaixo do sol é cansativo para mim. Tudo é ilusão, é perseguir o vento. Também detestei todas as coisas que me havia esforçado por fazer debaixo do sol, visto que tenho de deixá-las ao que me suceder. E quem sabe se ele será sábio ou tolo? No entanto, ele se apoderará de tudo o que fiz com tanto esforço e de tudo o que realizei com a minha sabedoria debaixo do sol. Isso também é absurdo! Por isso,

entreguei o coração ao desespero, por causa de todo o trabalho em que tanto me esforcei debaixo do sol. Porque o homem faz seu trabalho com sabedoria, conhecimento e habilidade, mas depois terá de deixar todo o fruto do seu trabalho como herança para outro que não trabalhou por aquilo. Isso também é absurdo e uma grande injustiça. Pois o que o homem ganha com todo o seu trabalho e com a aflição do coração com que se esforça debaixo do sol? Durante todos os seus dias, seu trabalho é dor e frustração; o seu coração não descansa nem de noite. Isso também é absurdo! Não há nada melhor para o homem do que comer e beber e permitir-se ter prazer no seu trabalho. Vi que isso também vem da mão de Deus. E quem pode desfrutar da comida e da vida sem ele? Porque Deus dá sabedoria, conhecimento e felicidade ao homem que lhe agrada. Mas ao pecador ele dá o trabalho de ajuntar e armazenar riquezas para entregá-las a quem agrada a Deus. Isso também é ilusão e perseguir o vento!

O mito de Sísifo

Na mitologia grega, conta-se que Sísifo foi o fundador da cidade de Éfira (depois rebatizada de Corinto) e o mais astuto dentre todos os mortais. Por sua astúcia, Sísifo foi castigado pelos deuses com uma punição exemplar: todo dia ele deveria empurrar uma pedra morro acima até chegar ao topo; de lá, vencido pelo cansaço do esforço, ele via a pedra rolar morro abaixo, de onde teria que recomeçar o seu trabalho no dia seguinte.

Albert Camus, o famoso filósofo e ensaísta existencialista francês do século 20, chegou a comparar a existência do ser humano moderno ao mito de Sísifo em um ensaio de mesmo nome (1942). Como aquele personagem, segundo Camus, somos todos condenados à mesmice dos nossos esforços repetidos — levantamos cedo pela manhã, comemos, vamos trabalhar e retornamos ao nosso lar para descansar e então nos preparar para o dia seguinte — sem sentido ou propósito algum nesta vida curta, dura e incerta.[1]

Porém, muito antes de Albert Camus, o sábio de Eclesiastes fez essa mesma constatação acerca da vida "debaixo do sol". Ao avaliar tudo que o ser humano faz durante a existência, ele chegou à conclusão de que tudo se resume a um esforço árduo e repetitivo, que aparentemente não tem sentido algum (1.1-11). Já vimos isso a respeito da busca pelo sentido da vida na sabedoria humana (1.12-18), e também acerca da busca por sentido na vida entregue aos prazeres (2.1-11). Agora, veremos o balanço parcial da jornada "debaixo do sol" do sábio de Eclesiastes (2.12-23), seguido de uma perspectiva alternativa da vida "além do sol" (2.24-26).

Um trabalho duro e inevitável

Tendo investigado a amargura da sabedoria humana e o dissabor da vida entregue aos prazeres, Salomão nos oferece uma breve comparação entre essas duas alternativas.

Vejamos o que registra Eclesiastes 2.12-17:

Então passei a examinar a sabedoria, a insensatez e a tolice. O que fará o homem que suceder ao rei? Somente o que já foi feito!

Então vi que a sabedoria é melhor do que a insensatez, assim como a luz é melhor do que as trevas.

Os olhos do sábio o dirigem, mas o tolo anda na escuridão. Porém percebi que o destino de ambos é o mesmo.

Por isso, pensei: O que acontece ao tolo também acontecerá a mim. Por que então busquei tanto a sabedoria? Então eu disse a mim mesmo: Isso também é absurdo!

Nem o sábio nem o tolo serão lembrados para sempre, pois tudo será esquecido nos dias futuros. Assim como morre o sábio, morrerá também o tolo!

Por isso, detestei a vida, pois tudo o que se faz debaixo do sol é cansativo para mim. Tudo é ilusão, é perseguir o vento.

O que o sábio descobre, tanto para si como para os seus sucessores, é que existe, sim, uma vantagem relativa da vida dedicada à sabedoria em comparação com a vida entregue aos prazeres, tanto quanto a luz é melhor do que as trevas (v. 12-14). Portanto, por mais que a sabedoria humana sozinha não possa produzir um valor absoluto pelo qual se possa viver, isso não quer dizer que ela não tenha proveito algum nesta vida. Por exemplo, ela nos é útil quando temos de decidir como melhor nos alimentar e cuidar da nossa saúde física; como educar e instruir os nossos

filhos; como nos preparar para o mercado de trabalho e para as nossas ocupações profissionais, o que inclui a nossa mordomia financeira. Precisamos dessa sabedoria até na nossa forma de cultuar e servir a Deus em nossa igreja local.

Além disso, a experiência e a sabedoria acumuladas dos nossos antecessores nos mostram que o caminho da gratificação imediata e impensada jamais nos fará amadurecer, crescer e prosperar como povo. Aliás, ocorre justamente o contrário: as culturas e civilizações que mais cresceram e prosperaram ao longo da história foram aquelas que ensinaram os seus jovens a adiarem a gratificação dos seus esforços por meio da disciplina, do sacrifício e da reflexão guiada por uma geração mais experiente sobre o que realmente importa nesta vida. E, quando essas culturas abriram mão da reflexão e da disciplina de pensar criteriosamente sobre os valores mais importantes da vida, foi aí que elas ruíram — desde o Império Romano até os países ocidentais da atualidade.

Portanto, em uma geração tão impulsiva e imediatista como a atual, que deseja a felicidade e a satisfação no presente com apenas um toque em um botão ou em uma tela, observa-se como é fundamental que sejam resgatados o valor e a disciplina do estudo, da reflexão e da meditação sobre o que realmente importa na vida. Isso explica por que o sábio de Eclesiastes comparou essas duas alternativas à diferença entre caminhar na luz e nas trevas (v. 13,14a). Quão irônico, portanto, que a geração de tantas telinhas acesas e iluminadas seja uma das gerações mais intelectualmente apagadas da história, que menos conseguem raciocinar e refletir sobre as grandes questões existenciais. Logo,

se quisermos mudar essa realidade, não existe outra alternativa senão reduzirmos de modo considerável o tempo na frente das telas e encararmos os livros, mergulharmos nos grandes pensadores do passado e resgatarmos os valores que moldaram a nossa cultura e a nossa civilização — em especial no Livro dos livros, as Sagradas Escrituras![2]

A morte como obstáculo

Após refletir sobre esse tema, todavia, Salomão segue o seu raciocínio com uma constatação alarmante (v. 14b-17). Por mais que haja uma vantagem comparativa na busca pela sabedoria em relação à busca desenfreada pelo prazer, ambas esbarram no mesmo destino comum ao sábio e ao tolo: a morte. E, junto com a morte, vem o esquecimento tanto do sábio como do tolo, o que não faz o menor sentido: "Por isso, pensei: O que acontece ao tolo também acontecerá a mim. Por que então busquei tanto a sabedoria? Então eu disse a mim mesmo: Isso também é absurdo!" (v. 15).

Em outras palavras, segundo o sábio de Eclesiastes, não importa se se trata do físico quântico mais conceituado e gabaritado da comunidade científica ou do *youtuber* mais desmiolado e destacado do momento, ambos terão o mesmo fim: um túmulo e um obituário prontamente esquecidos pela posteridade. Não é à toa que Salomão conclui novamente que todo o esforço de sua vida lhe parecia pesado demais e inútil, como correr atrás do vento — ou como empurrar uma pedra morro acima diariamente por toda a vida, somente para vê-la rolar

morro abaixo logo em seguida, como era a sina de Sísifo na mitologia grega. O sábio de Eclesiastes chegou ao ponto de desprezar a vida: "Por isso, detestei a vida, pois tudo o que se faz debaixo do sol é cansativo para mim. Tudo é ilusão, é perseguir o vento" (v. 17).

Tudo isso nos faz pensar em quanto refletimos sobre a morte, o destino comum a todos nós. Não estamos sugerindo que devemos viver obcecados pela ideia de que vamos morrer, mas tampouco podemos viver ignorantes e ingênuos quanto ao fim da nossa vida. No entanto, para uma geração que abdicou da busca pelos valores e pelo sentido da vida, fazendo da busca pelo prazer o propósito supremo da existência, nada poderia ser mais assustador e amedrontador do que a morte — razão pela qual tantos hoje em dia decidem viver como se ela não os aguardasse! Porém, simplesmente ignorar a morte e fingir que ela não está à espreita não resolve em nada o problema humano, da mesma forma que ignorar uma tempestade não pode livrar ninguém de encarar os ventos e a chuva provocados por ela.

Aliás, é justamente o limite imposto a nós pela morte que nos força a perguntar o que realmente importa na existência humana e se estamos fazendo algo de útil e proveitoso com o dom da vida. O dilema do Salomão, portanto, é este: se a morte é o destino comum aos sábios e aos tolos, que diferença faz viver na sabedoria ou na tolice? O que isso nos ensina sobre a nossa fonte principal de realização e satisfação nesta vida?

Há ainda mais um desafio que a morte nos apresenta. Vejamos o que diz a passagem de Eclesiastes 2.18-23:

Também detestei todas as coisas que me havia esforçado por fazer debaixo do sol, visto que tenho de deixá-las ao que me suceder.

E quem sabe se ele será sábio ou tolo? No entanto, ele se apoderará de tudo o que fiz com tanto esforço e de tudo o que realizei com a minha sabedoria debaixo do sol. Isso também é absurdo!

Por isso, entreguei o coração ao desespero, por causa de todo o trabalho em que tanto me esforcei debaixo do sol.

Porque o homem faz seu trabalho com sabedoria, conhecimento e habilidade, mas depois terá de deixar todo o fruto do seu trabalho como herança para outro que não trabalhou por aquilo. Isso também é absurdo e uma grande injustiça.

Pois o que o homem ganha com todo o seu trabalho e com a aflição do coração com que se esforça debaixo do sol?

Durante todos os seus dias, seu trabalho é dor e frustração; o seu coração não descansa nem de noite. Isso também é absurdo!

Após mencionar pela primeira vez no livro o dilema criado pela morte, Salomão parece entrar em uma espécie de espiral descendente de desprezo pela vida, chegando ao ponto do desespero (v. 17,18,20). Afinal de contas, a morte não atenta só contra a lembrança dos esforços humanos, mas também contra o proveito desses esforços pelas próximas gerações (v. 16,18-21).

Em outras palavras, ninguém sabe dizer se todo o esforço e trabalho de alguém serão recompensados por sucessores sábios, que darão continuidade ao trabalho, ou por herdeiros tolos, que arruinarão tudo que foi construído. Ninguém pode garantir que todo o patrimônio que nós, na posição de pais e mães, construímos com as nossas mãos será somado e multiplicado pelos nossos filhos, ou subtraído, dividido e desperdiçado pelos que virão. Não é possível afirmar que o trabalho que desenvolvemos — em escolas e escritórios, oficinas e consultórios, repartições públicas e clínicas particulares, igrejas locais e agências missionárias — não será desfeito ou desperdiçado antes mesmo da nossa morte, assim que deixarmos o nosso posto para alguém que não seja tão capacitado ou competente quanto nós fomos. Quem sabe se um diretor de uma grande empresa ou um homem de negócios bem-sucedido terá o seu império consolidado e expandido pelos seus sucessores ou destruído e arruinado pela próxima geração? Nem mesmo em relação à igreja há garantias. Ninguém pode saber com certeza se os pastores que pregam e militam dos seus púlpitos serão sucedidos por homens piedosos e ortodoxos, capazes de dar sequência ao testemunho do evangelho, ou se serão substituídos por homens mundanos e liberais, que arruinarão o testemunho da igreja, como já aconteceu em tantos lugares no Ocidente, inclusive no Brasil, nas últimas gerações.

Enfim, que proveito há em todo nosso esforço nesta vida, a ponto de nem sequer conseguirmos relaxar por inteiro à noite após o dia de trabalho, se tudo será dissolvido em pouco tempo após a nossa partida (v. 22,23)? Bem, esse é o problema criado

pela rebeldia humana contra o Senhor Deus, o nosso Criador e o regente deste mundo. Foi justamente após a rebelião inicial de nossos pais no jardim do Éden que a morte entrou no mundo, arruinando tudo que havia de mais belo e apreciável: nossa comunhão com Deus e com os entes queridos, e até mesmo o prazer de desfrutar do fruto de todo o nosso trabalho e do sentido pleno da vida neste mundo.

A verdade é que a vida e o mundo não foram criados dessa maneira que conhecemos, mas tornaram-se assim por conta da pecaminosa rebeldia humana contra o Senhor. Portanto, o livro de Eclesiastes nada mais é do que um atestado da futilidade e da inutilidade da vida "debaixo do sol" e daqueles que tentam extrair sentido da existência longe de Deus e sem Deus.

Porém, segundo o próprio sábio de Eclesiastes, existe uma alternativa a tudo isso, quando Deus passa a fazer parte da equação.

Um trabalho alternativo

> *Não há nada melhor para o homem do que comer e beber e permitir-se ter prazer no seu trabalho. Vi que isso também vem da mão de Deus.*
>
> *E quem pode desfrutar da comida e da vida sem ele?*
>
> *Porque Deus dá sabedoria, conhecimento e felicidade ao homem que lhe agrada. Mas ao pecador ele dá o trabalho de ajuntar e armazenar riquezas para entregá-las a quem agrada a Deus. Isso também é ilusão e perseguir o vento! (Ec 2.24-26).*

Depois de quase dois capítulos inteiros do livro discorrendo sobre o sentido da vida sem quase nenhuma referência a Deus, finalmente Salomão passa a considerar o Criador de todas as coisas em sua reflexão (por três vezes em apenas três versículos), e é isso que muda todo o tom de seu discurso. Após um longo deserto de desespero, parece que finalmente chegamos a um "oásis de otimismo" em Eclesiastes nessas palavras![3] Mas o que explica essa mudança tão radical de tom e de direção na reflexão do rei Salomão? Pelo visto, depois de inúmeras tentativas frustradas de encontrar a satisfação plena da vida na sabedoria, no prazer e no trabalho humanos, finalmente ele concluiu que isso tudo era tão proveitoso quanto agarrar um punhado de areia nas mãos e ver os finos grãos escorrerem por entre os dedos.

Porém, e se, em vez de tentarmos agarrar a vida a fim de encontrar em qualquer uma de suas dimensões e experiências o seu sentido absoluto, recebêssemos a vida como uma dádiva, como um presente vindo da mão de Deus? (v. 24). Por exemplo, muitas vezes o jovem tende a ficar pulando de oferta em oferta de emprego à procura do trabalho com o melhor salário e a função que melhor valorize seus dons e talentos e que mais o realize como pessoa — uma busca que nunca terá fim neste mundo, por sinal! E se, em vez disso, esse jovem aprendesse a enxergar uma oferta de trabalho como uma oportunidade dada por Deus para honrá-lo com seus dons e talentos, mesmo quando as condições de trabalho forem menos que ideais? Em outras palavras, em vez de procurar no trabalho a sensação de realização plena, devemos buscar tudo isso no Senhor, pois é somente no trabalho feito por

meio dele e para ele que alcançaremos tal satisfação, seja qual for a natureza do trabalho que ele nos conceder. Afinal de contas, sem Deus, quem poderia encontrar satisfação plena de qualquer tipo nesta vida? (v. 25) Mas ao homem que agrada a Deus — e qual é o homem que agrada a Deus senão aquele que se agrada em Deus em primeiro lugar e acima de tudo? — Deus concede tudo mais de que ele necessita para viver bem nesta vida, inclusive a sabedoria, o conhecimento e a felicidade (v. 26a).

Logo, tudo aquilo que as pessoas em geral procuram como o bem máximo — seja sabedoria e conhecimento, seja felicidade —, nós recebemos como consequência da nossa busca por Deus em primeiro lugar (veja Mt 6.33). No entanto, àqueles que desagradam a Deus porque não se agradam primeiro nele só resta a terrível perspectiva de verem todo o fruto de seu esforço e trabalho ser entregue por Deus aos que lhe agradam — seja nesta vida, seja na próxima! (Ec 2.26b)

Chegamos, portanto, a uma das principais temáticas do livro de Eclesiastes: o contraste entre a futilidade e a felicidade; entre o vazio e a plenitude; entre as trevas e a luz; entre a vida longe de Deus e sem Deus e a vida com Deus. São esses contrastes que dividem o mundo em dois campos: o campo dos que desejam viver longe de Deus e sem Deus, para sua própria ruína já nesta vida, e o campo dos que desejam viver perto de Deus e com Deus, para sua própria satisfação também já nesta vida.

Então, em qual desses dois campos você se encontra? E em qual deles você deseja estar e permanecer?

O melhor trabalho

Como Sísifo na mitologia grega, assim também o sábio Salomão em Eclesiastes parece ter se esforçado de novo e de novo no mesmo trabalho esgotante, somente para ver seus esforços desfeitos a cada nova tentativa, fosse na busca pelo sentido da vida na sabedoria (1.12-18), ou na busca pelo prazer (2.1-11), ou na busca pela realização no trabalho (2.12-26). Tudo "debaixo do sol" parecia absurdo e inútil (o refrão dos versículos 15,17,19,22,23)! O que há de mais absurdo e inútil em tudo isso, segundo Salomão, é o dilema criado pela morte, que tanto atenta contra a permanência da nossa memória pelos que nos sucedem (v. 14-17), como também contra a permanência dos frutos do nosso trabalho (v. 18-23).

Existe, porém, um homem que se submeteu ao trabalho mais árduo de todos — mais árduo mesmo que o trabalho de Salomão e o de Sísifo —, a fim de destruir o poder da morte que impera sobre este mundo caído e corrompido. Ao carregar a pesada cruz até o monte Calvário para ali oferecer a vida em sacrifício por nós, pecadores, Jesus Cristo sofreu a morte que cabia a todos nós, para nos perdoar de todas as nossas tentativas fúteis e frustradas de encontrar satisfação longe de Deus e sem Deus neste mundo. Mas, ao ressuscitar dentre os mortos, o Senhor Jesus triunfou sobre a morte — sim, o túmulo está vazio, a pedra foi removida, e a morte está morta!

Ele ressuscitou justamente para nos devolver a vida que perdemos no jardim do Éden, a vida plena com Deus em sua presença. E, se você ainda não conhece ou nunca experimentou

essa vida, o Senhor ainda a oferece hoje, não como mérito ou recompensa pelos nossos esforços, mas como uma dádiva livre e gratuita paga pelo sangue precioso de Jesus Cristo no Calvário — uma dádiva que somente pode ser recebida quando nos arrependemos de nossos pecados e exercemos a fé na sua obra consumada!

Para aqueles que já provaram e experimentam a vida com Deus por meio de Jesus Cristo, o Senhor ainda promete mais. Livres da ansiedade e da angústia de encontrar o sentido da vida neste mundo, podemos provar de tudo mais que o Senhor nos dá aqui na terra como um presente das suas mãos: seja o prazer de beber, comer e trabalhar, pela sua graça (v. 24), seja o prazer de conhecer e aprender mais sobre a vida neste mundo, guiados pela sabedoria e pelo conhecimento de Deus (v. 26). Comendo e bebendo, trabalhando e estudando, ou fazendo qualquer outra coisa, podemos e devemos fazer tudo para a glória de Deus e com gozo em nosso coração, pois este é o propósito de todo homem (veja 1Co 10.31).[4]

Como bem resumiu o apóstolo Paulo: "Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre atuantes na obra do Senhor, sabendo que nele o vosso trabalho não é inútil" (1Co 15.58).

---

[1] Albert Camus, *O mito de Sísifo* (Record, 2018).

[2] Para um argumento aprofundado a esse respeito, confira o excelente livro de Tony Reinke, *Lit! Um guia cristão para leitura de livros* (Niterói: Concílio, 2019).

[3] Ryken, *Ecclesiastes*, p. 71.

[4] Para mais sobre a relação entre a fé cristã e o trabalho, veja Timothy Keller e Katherine Leary Alsdorf, *Como integrar fé e trabalho: nossa profissão a serviço do reino de Deus* (São Paulo: Vida Nova, 2014).

CAPÍTULO 5

VIVENDO NO TEMPO DE DEUS

Eclesiastes 3.1-15

Tudo tem uma ocasião certa, e há um tempo certo para todo propósito debaixo do céu. Tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derrubar e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de dançar; tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de deixar de abraçar; tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de jogar fora; tempo de rasgar e tempo de costurar; tempo de ficar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de odiar; tempo de guerra e tempo de paz. O que ganha o trabalhador com todo o seu esforço? Tenho visto a tarefa difícil que Deus deu aos homens para nela se ocuparem. Tudo que ele fez é apropriado ao seu tempo. Também colocou a eternidade no coração do homem; mesmo assim, ele jamais chega a compreender inteiramente o que Deus fez. Compreendi que não há felicidade para o homem, a não ser alegrar-se e fazer o bem enquanto vive. Compreendi também que poder comer, beber e

desfrutar do seu trabalho é um presente de Deus. Eu sei que tudo que Deus faz durará eternamente; nada se pode acrescentar a isso e nada se pode tirar disso. Deus faz isso para que os homens o temam. O que é já existiu; e o que há de ser também já existiu; Deus trará de novo o que já passou.

Entrando no fuso horário de Deus

Você já teve a experiência de viajar para o exterior e se sentir meio que perdido no tempo? Quando vamos para outro país e entramos em um fuso horário diferente do nosso, leva algum tempo e esforço até que nos adaptemos ao novo horário. E, quanto maior for a diferença do fuso horário, mais tempo e esforço levará essa adaptação.

Mesmo que você não tenha tido essa experiência fora do Brasil, certamente já experimentou algo semelhante com a mudança causada pelo horário de verão, sem saber se estava acordando cedo demais no escuro ou se o dia estava acabando tarde demais ao demorar para escurecer. Devido ao decreto 9.772/19, editado pelo presidente Jair Bolsonaro, que oficialmente extinguiu o horário de verão no país, ninguém mais precisará ficar perdido no tempo em território nacional — para a tristeza dos que gostavam de ficar na praia até tarde no verão e para a alegria de boa parte do Brasil.

Deus detém o controle do tempo

Tudo isso tem o propósito de nos fazer refletir: e se Deus tivesse um "fuso horário" diferente do nosso? Quais seriam as consequências de tentar viver em um fuso horário diferente do de Deus, o criador do tempo e do espaço? E quais seriam as consequências de saber viver no tempo de Deus?

É sobre isso que nos fala o trecho de Eclesiastes 3.1-15 ao nos apresentar o grande poema sobre o tempo (v. 1-8) bem como a grande pergunta e os grandes propósitos por trás do tempo (v. 9-15). Vamos dar uma olhada no primeiro trecho:

> *Tudo tem uma ocasião certa, e há um tempo certo para todo propósito debaixo do céu.*
>
> *Tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou;*
>
> *tempo de matar e tempo de curar; tempo de derrubar e tempo de edificar;*
>
> *tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de dançar;*
>
> *tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de deixar de abraçar;*
>
> *tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de jogar fora;*
>
> *tempo de rasgar e tempo de costurar; tempo de ficar calado e tempo de falar;*

tempo de amar e tempo de odiar; tempo de guerra e tempo de paz (Ec 3.1-8).

Antes de meditarmos no grande poema de Eclesiastes acerca do tempo, é importante lembrar como chegamos até este ponto no livro. O sábio de Eclesiastes já compartilhou conosco a inutilidade de tentar encontrar o sentido da vida "debaixo do sol" na busca pela sabedoria humana, na busca pelos prazeres deste mundo ou na busca pela recompensa do nosso trabalho (1.2 — 2.23). Dentre os muitos obstáculos enfrentados por Salomão, o maior deles parece ter sido a morte, que impõe um limite ao nosso tempo e a todos os nossos esforços nesta vida (2.14-16).

Diante desse limite, o autor passa a refletir sobre a vida da perspectiva de Deus (2.24-26) e a vida "debaixo do céu" (3.1), isto é, debaixo do governo soberano e providente de Deus, em contraste com a jornada autônoma do ser humano. Aliás, esse belo poema sobre o tempo, apesar de não mencionar a pessoa de Deus explicitamente, é emoldurado por uma série de referências a ele (2.24-26; 3.9-15), o que sugere que suas constatações derivam de uma visão de mundo centrada em Deus e no seu controle soberano sobre as diferentes estações e circunstâncias da vida.[1]

Vejamos, então, o que este poema nos diz a respeito do controle soberano de Deus sobre o tempo. Em primeiro lugar, ele nos mostra que Deus é soberano sobre a totalidade do nosso tempo neste mundo. Assim como Deus estabeleceu os céus e a terra e ordenou as estações fixas universais, ele também ordena cada uma das ocasiões e circunstâncias da nossa existência aqui (3.1; veja Gn 1.14-18; 8.22). Essa providência soberana de Deus

abrange tudo o que acontece conosco: desde o tempo do nosso nascimento até o tempo da nossa morte, e tudo o que transcorre entre o primeiro e o último evento da nossa vida (Ec 3.2a).

Portanto, tudo o que realizamos e empreendemos está debaixo do controle soberano de Deus: do que plantamos ao que colhemos, do que matamos (ou abatemos) ao que curamos, do que derrubamos ao que edificamos (v. 2b,3). Tudo que sentimos e padecemos neste mundo está debaixo do controle soberano de Deus: quando choramos e quando rimos, quando pranteamos e quando dançamos (v. 4). Tudo o que acontece com os nossos bens e tudo o que transcorre entre nós e os outros seres neste planeta também está debaixo do controle soberano de Deus: do que buscamos ao que perdemos; do que guardamos ao que jogamos fora; ao calarmos e ao falarmos; da guerra à paz (v. 5-8). Em suma, nada do que transcorre durante o nosso viver na terra foge do controle soberano de Deus, pois ele é o Senhor de todo o tempo.

Em segundo lugar, além de revelar o alcance universal da soberania de Deus sobre a vida humana, o poema também mostra a amplitude das circunstâncias cobertas pela soberania de Deus. Afinal, Deus não é apenas soberano sobre os momentos de riso, amor, comunhão e paz, mas também sobre os momentos de choro, ódio, divisão e guerra. Se, por um lado, temos de enfrentar os extremos dolorosos da vida neste mundo, isso se dá em boa parte como fruto da aplicação da justiça soberana de Deus contra o pecado humano, que introduziu toda sorte de dor, tristeza e sofrimento no mundo. Mas, por outro lado, se ainda podemos experimentar momentos prazerosos nesta vida, isso é também um

sinal da aplicação da misericórdia soberana de Deus, apesar do nosso pecado e da nossa resistência ao seu governo soberano sobre a nossa existência.

Enfim, viver sob a soberania de Deus não é uma festa permanente nem um luto sem fim, e é o próprio Deus que ordena que seja assim para o nosso bem. Afinal, o único lugar onde o sol brilha sempre é o deserto, e o único lugar onde não se sente o seu calor são os polos gelados da terra — e nenhum desses lugares é apropriado para a vida humana.

Como essa visão da soberania de Deus sobre o tempo nos ajuda a entender melhor o mundo em que vivemos? Por um lado, ela nos ajuda a compreender por que não vivemos em um mundo totalmente perfeito. Por mais que nos esforcemos para ser a melhor versão de nós mesmos e criar a melhor versão do mundo, nossa falha em vivermos com perfeição como criaturas submissas a Deus nos impede de desfrutar do paraíso já nesta vida. Por conta do nosso pecado, herdado dos nossos pais rebeldes no jardim do Éden, ainda temos de lidar com frustrações e reveses em nossos planos e projetos, tristezas e rupturas em nossos relacionamentos, perdas em nosso patrimônio e turbulências em nossos relacionamentos — em casa, no trabalho, na própria igreja ou na sociedade como um todo.

Contudo, só porque não temos pleno controle sobre todas as circunstâncias da vida, isso não significa que o mesmo aconteça com Deus. Em outras palavras, ainda que não sejamos soberanos sobre este mundo, isso não impede que Deus exerça sua soberania sobre todas as coisas. Logo, o principal desafio do ser humano,

como veremos adiante, é justamente aprender a viver não como soberano sobre este mundo, mas como servo do Soberano Deus. Precisamos aprender a viver no tempo dele — isto é, no "fuso horário divino" —, e não no nosso.

Essa visão da soberania de Deus também nos ajuda a entender por que não vivemos em um mundo totalmente perdido. Se ainda podemos desfrutar de alguma medida de alegria e satisfação no viver, isso se deve ao cuidado soberano de Deus com este mundo e com a nossa vida, o que impede que a nossa breve existência seja completamente frustrada e desperdiçada. Mesmo em um mundo caído e corrompido pelo pecado, Deus ainda concede a seus filhos as habilidades e as oportunidades para que desfrutem de alegria e de satisfação em seus diversos relacionamentos e empreendimentos.

Porém, para que isso seja possível, precisamos ajustar o nosso relógio com os propósitos de Deus, por assim dizer. É o que aprendemos na sequência, em Eclesiastes 3.9-15:

> *O que ganha o trabalhador com todo o seu esforço?*
>
> *Tenho visto a tarefa difícil que Deus deu aos homens para nela se ocuparem.*
>
> *Tudo que ele fez é apropriado ao seu tempo. Também colocou a eternidade no coração do homem; mesmo assim, ele jamais chega a compreender inteiramente o que Deus fez.*
>
> *Compreendi que não há felicidade para o homem, a não ser alegrar-se e fazer o bem enquanto vive.*

Compreendi também que poder comer, beber e desfrutar do seu trabalho é um presente de Deus.

Eu sei que tudo que Deus faz durará eternamente; nada se pode acrescentar a isso e nada se pode tirar disso. Deus faz isso para que os homens o temam.

O que é já existiu; e o que há de ser também já existiu; Deus trará de novo o que já passou.

Depois de oferecer ao leitor um magnífico poema sobre o tempo, o sábio de Eclesiastes retorna à grande pergunta inquietante de seu livro: afinal, que proveito o homem tem de todo o seu esforço nesta vida? (1.3; 2.22; 3.9) Como já vimos, e Salomão volta a ressaltar, quanto mais o ser humano se esforça para encontrar sentido e propósito neste mundo, mais isso se parece com um fardo ou trabalho pesado imposto por Deus (1.13; 3.10).

A questão, porém, não reside propriamente no esforço e na busca humanos, mas no esforço e na busca que partem do pressuposto de que nós temos o controle da nossa vida, como se fôssemos "mestres do nosso destino e capitães da nossa alma",[2] o que torna a existência muito frustrante quando as coisas não ocorrem segundo os nossos propósitos. Por exemplo, tente instruir e educar um filho que se encaixe perfeitamente nos seus planos para logo descobrir que você não é Deus. Se isso vale para os nossos filhos, sangue do nosso sangue, quanto mais para todas as outras coisas da nossa vida — um plano de carreira, ou um planejamento financeiro, ou um projeto de moradia própria, ou o

que quer que seja. E essa é justamente a questão que Eclesiastes está debatendo aqui, pois o mundo não segue o nosso fuso horário, mas o fuso horário belo e apropriado do Criador e Senhor, que faz tudo no seu devido tempo: "Tudo que ele fez é apropriado ao seu tempo" (v. 11a).

Além disso, segundo o sábio de Eclesiastes, o próprio Criador e Senhor que nos fez embutiu em nós um anseio pela eternidade, por aquilo e Aquele que não se limitam ao nosso tempo, mas que podem dar sentido e propósito ao tempo desta vida: "Também colocou a eternidade no coração do homem" (v. 11b). O propósito desse anseio que Deus plantou em nós, porém, não é para que compreendamos e entendamos tudo que Deus fez e faz neste mundo, mas sim, como veremos adiante, para que vivamos com confiança e humildade na dependência daquele que tudo compreende e tudo ordena para um bom fim — para a sua glória e para o nosso bem (v. 11c).

Antes de avaliarmos os propósitos mais específicos de Deus por trás de tudo isso, é importante entendermos como a grande pergunta de Eclesiastes confronta o nosso tempo. Afinal de contas, somos ou não somos uma cultura obcecada pelo controle?[3] Queremos ter controle sobre tudo nesta vida: sobre nossa saúde e aparência física, especialmente sobre nosso envelhecimento; sobre nosso trabalho, nossa carreira e nosso dinheiro; sobre nossos filhos e demais relacionamentos; sobre o clima e as condições de vida e, por que não, controle até sobre a vida e a morte (o dia de nascer e o dia de morrer). E, é claro, vivemos obcecados com o controle do nosso tempo, o bem mais precioso de todos entre a

vida e a morte. Por falar nisso, você já parou para observar quanto tempo gasta olhando para o relógio ao longo do dia? Isso diz muito sobre o anseio que você e eu temos de controlar o tempo. Como diz um provérbio filipino, somos "o povo com deuses presos em seus punhos".[4]

O grande problema em querermos viver como senhores e donos do nosso tempo é que a vida não respeita o nosso "fuso horário", mas sim o fuso horário de seu Criador e Senhor. Quanto mais cedo aprendermos a viver conforme o tempo de Deus e não o nosso, menos estranha, frustrante e inútil esta vida parecerá. Mas, enfim, o que isso significa na prática?

Tendo ouvido o poema e a importante pergunta do sábio de Eclesiastes acerca do nosso tempo neste mundo, resta-nos olhar para os grandes propósitos de Deus por trás disso. Primeiro, se Deus é o Senhor do tempo e faz tudo apropriado ao seu tempo, precisamos aprender a confiar na sua sabedoria soberana (v. 11) — seja na hora de começar um trabalho ou encerrar uma carreira; seja na hora de investir em um relacionamento ou terminá-lo; seja na hora de montar uma residência ou levantar acampamento; seja na hora de poupar e investir ou de doar, gastar e consumir; seja na hora de consolar uma criança ou confrontá-la e corrigi-la; seja na hora de receber um novo membro na igreja ou desligá-lo da congregação; seja na hora de fazer as pazes com quem estamos brigados ou de lutar contra uma ameaça à integridade do nosso lar, da nossa igreja ou da nossa pátria. Se para todo propósito existe uma ocasião certa, então compete a cada um de nós cultivar uma vida dependente do Senhor — no

estudo da Palavra de Deus, em oração e no cultivo da sabedoria coletiva da comunhão da igreja — para sabermos se estamos vivendo em sintonia com a sabedoria de Deus ou não.

Segundo, se Deus é soberano sobre cada ocasião da nossa vida, precisamos aprender a receber cada momento como um presente de Deus a fim de desfrutá-lo bem, mesmo que traga consigo situações difíceis e desafiadoras (v. 12,13). Portanto, devemos plantar e construir segundo as oportunidades concedidas por Deus, mas sem desperdiçar as lições de desfazer e repensar o que deu certo um dia, mas já não funciona mais. Desfrutemos bem dos relacionamentos de amor e paz, sem fugirmos dos momentos de confronto e guerra contra aquilo que ameaça o que temos de mais precioso. Em tudo isso, diz o sábio de Eclesiastes, devemos aprender a viver felizes com a vida que o Senhor nos dá e a ser fieis ao seu chamado em todo tempo (v. 12).

Por último, se Deus é soberano sobre toda ocasião e circunstância desta vida, então precisamos aprender a temê-lo (v. 14,15). De todos os propósitos listados até aqui, talvez este seja o mais importante: o temor do Senhor (3.14; 5.7; 7.18; 8.12,13; 12.1). Afinal de contas, conforme as palavras de Salomão em Provérbios, o temor do Senhor é o princípio da sabedoria (Pv 1.9; 9.10) e, segundo a conclusão de Eclesiastes, é nisso que consiste o dever essencial de todo homem: temer a Deus e obedecer aos seus mandamentos (Ec 12.13).

Mas o que quer dizer temer a Deus? Não significa viver com medo ou apavorado, mas sim vivenciar uma relação de "confiança reverente" diante do nosso Criador e Senhor.[5] Como um pescador

ou marinheiro que vive do mar, pois dele pode tirar proveito, sustento e deleite na vida, mas que, ao mesmo tempo, sabe que deve respeitar esse mar, que pode lhe tirar a vida em um instante. Assim também devemos viver diante de um Deus que é a fonte de todo sustento e deleite neste mundo, mas que também tem o poder de nos destruir e de pôr fim a tudo que realizamos nesta vida em um instante. Daí vem a necessidade de vivermos nesta relação de temor a Deus, ou confiança reverente nele. Afinal, somente o que Deus faz permanece para sempre, sem que possamos acrescentar ou remover coisa alguma (v. 14). É ele quem garante o andamento contínuo da história, conforme o seu bom propósito (v. 15).[6]

O tempo de Deus e o nosso tempo

O que aprendemos, portanto, sobre os propósitos de Deus para o nosso tempo neste mundo? Simplesmente o tempo não nos pertence, mas pertence a Deus. Nós não temos pleno controle sobre o tempo, as ocasiões e as circunstâncias da nossa vida, só o Senhor. Quanto mais tentarmos viver neste mundo como se ele andasse conforme o nosso "fuso horário", mais angustiante, frustrante e inútil parecerá a nossa existência. Porém, para os que temem o Senhor e confiam nele, vivendo segundo o seu tempo — isto é, segundo o "fuso horário" do Criador e Senhor —, mais recompensadora e plena será a sua vida no mundo de Deus.

Contudo, nenhum de nós vive nem tem vivido de modo tão perfeito assim. É exatamente por isso que o Senhor do tempo um dia entrou no tempo e no espaço deste mundo para consertar

aquilo que corrompemos por conta da ânsia pecaminosa pelo controle da nossa vida. Foi na "plenitude dos tempos", isto é, no tempo soberanamente orquestrado por Deus, que ele enviou o seu Filho, Jesus Cristo, nascido de mulher, nascido debaixo da Lei, para nos redimir e nos resgatar da nossa condenação (Gl 4.4,5). Foi no devido tempo, quando ainda éramos fracos pecadores, que Cristo morreu pelos ímpios, a fim de nos justificar pelo seu sangue (Rm 5.6). E foi no tempo acordado pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo, que, ao terceiro dia, o Senhor Jesus Cristo ressurgiu dentre os mortos para inaugurar um novo tempo e uma nova vida neste mundo para aqueles que confessam os seus pecados e o reconhecem como Senhor e Salvador (1Co 15.4,20-22). E no dia e na hora acordados por Deus, o Senhor Jesus Cristo voltará para encerrar a história e, enfim, satisfazer plenamente nosso anseio pela eternidade com o nosso Criador e Senhor para todo o sempre (Mt 24.36-51)!

Até aquele dia, porém, ele nos chama a viver como bons mordomos do nosso tempo neste mundo, na dependência do seu santo Espírito, buscando a sua sabedoria e fugindo da insensatez, aproveitando ao máximo o nosso tempo nesta vida (Ef 5.15,16). Ou, como bem ilustrado pelas palavras do jovem Jonathan Edwards em sua quinta resolução: "Resolvi nunca perder um momento, mas aproveitar o tempo da forma mais proveitosa que puder".[7] Já imaginou quão diferente seria a nossa vida e o nosso mundo se todos vivêssemos assim, pela graça de Deus?

Se não temos vivido assim, como bons mordomos do tempo que o Senhor nos dá nesta terra, o seu perdão está disponível hoje por

meio de seu Filho, Jesus Cristo. O seu poder também está disponível, pelo seu santo Espírito, para que vivamos no temor do Senhor como os melhores mordomos das suas dádivas, especialmente da dádiva do tempo.

---

[1] Philip Ryken, *Ecclesiastes: why everything matters* (Wheaton: Crossway, 2010), p. 79-81.

[2] Conforme o famoso poema "Invictus", de William Ernest Henley, de 1875, publicado pela primeira vez em *Book of Verses* (London: D. Nutt, 1888).

[3] Devo essa observação a Douglas O'Donnell, *Ecclesiastes* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2014), p. 76, 78.

[4] Os Guinness, *Prophetic untimeliness: a challenge to the idol of relevance* (Grand Rapids: Baker Books, 2004), p. 28.

[5] O'Donnell, p. 78.

[6] De difícil tradução e interpretação, Ec 3.15 parece uma descrição final nesta seção do governo soberano e providente de Deus em manter o curso da história em andamento segundo os seus propósitos eternos. Veja Michael Eaton, *Ecclesiastes* (Downers Grove: Inter-Varsity Press, 1983), p. 82-3.

[7] Steven J. Lawson, *As firmes resoluções de Jonathan Edwards* (São José dos Campos: Fiel, 2010), p. 148. O texto completo das 70 resoluções de Jonathan Edwards encontra-se disponível em http://www.monergismo.com/textos/vida_piedosa/70resolucoes_edwards.htm.

CAPÍTULO 6

QUE MUNDO É ESTE?

Eclesiastes 3.16-22

Vi também que debaixo do sol havia a maldade no lugar da retidão; e que havia ainda mais maldade no lugar da justiça. Eu disse no coração: Deus julgará o justo e o ímpio; porque há um tempo para todo propósito, um tempo para tudo que se faz. Eu também disse no coração: Deus prova os homens para que possam ver que são como os animais. O que acontece com os homens é o mesmo que acontece com os animais; a mesma coisa acontece para ambos. Assim como um morre, morre também o outro. Todos têm o mesmo fôlego de vida. O homem não tem vantagem sobre os animais. Tudo é ilusão. Todos vão para o mesmo lugar; todos são pó e todos retornarão ao pó.

Quem sabe se o espírito do homem vai para cima, e se o espírito do animal desce para a terra? Assim, concluí que não há nada melhor para o homem do que desfrutar do seu trabalho, porque esta é a sua recompensa. Pois quem o levará a ver o que acontecerá depois que ele se for?

Que país é este?

Composta por Renato Russo, em 1978 (durante o período da ditadura militar), a música "Que país é este?" ainda figura como uma das canções mais populares no Brasil, e talvez uma das mais marcantes nos protestos recorrentes do nosso povo contra as barbáries de sucessivos governos. Seus versos iniciais dizem:

Nas favelas, no Senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a Constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação

Que país é este?

Apesar de composta em 1978, curiosamente, a canção só foi lançada oficialmente em 1987, no álbum *Que país é este?*, da banda Legião Urbana. Mas, por que a demora de quase uma década entre a composição e a gravação oficial da música? Segundo resposta do encarte do álbum de 1987: *"Que país é este* nunca foi gravada porque sempre havia a esperança de que algo iria realmente mudar no país, tornando-se a música então totalmente obsoleta. Isso não aconteceu, e ainda é possível se fazer a mesma pergunta do título".[1] Mais de trinta anos depois, o Brasil ainda aguarda tais mudanças, e a pergunta persiste: "Que país é este?".

A pergunta, no entanto, não é exclusiva do nosso tempo e do nosso país. Há quase três milênios, o sábio de Eclesiastes também

se perguntava, de maneira semelhante: "Que mundo é esse? E que vida é essa que levamos neste mundo?". Neste capítulo, veremos como ele responde a essas perguntas, especialmente diante de um desafio duplo: o desafio da impiedade (3.16,17) e o desafio da mortalidade (3.18-22).

Que mundo é esse?

> *Vi também que debaixo do sol havia a maldade no lugar da retidão; e que havia ainda mais maldade no lugar da justiça.*
>
> *Eu disse no coração: Deus julgará o justo e o ímpio; porque há um tempo para todo propósito, um tempo para tudo que se faz (Ec 3.16,17).*

Depois de ter examinado vários dilemas da vida "debaixo do sol", o sábio de Eclesiastes apresenta um novo desafio — a impiedade, isto é, a injustiça ou a perversidade moral (v. 16). Tal qual o dilema da morte, comum a todos nós, o desafio da impiedade é conhecido por todos os que passam por este mundo, seja em Israel da época de Salomão, seja no Brasil do início do século 21. Aliás, basta uma breve espiada nas manchetes diárias dos jornais nacionais e internacionais para constatar que o problema abrange todo o globo e todas as culturas: do terrorismo internacional à violência doméstica; dos grandes esquemas de corrupção política às tramoias financeiras de grandes corporações; do tráfico de drogas ao tráfico de crianças; dos genocídios étnicos às chacinas urbanas. Portanto, de um canto a

outro deste mundo, e em todos os níveis e âmbitos da sociedade, o problema da impiedade, da injustiça e da perversidade está evidente.

O problema específico que Salomão identifica aqui não é o da perversidade moral no âmbito geral e global, mas no âmbito onde se espera a correta observação da justiça, a saber, entre a classe jurídica e legisladora.[2] O que chocava o autor lá e então (e o chocaria tanto quanto aqui e agora) é que justamente aqueles responsáveis por redigir, interpretar e executar as leis eram os mais injustos e impiedosos. Parece até que o sábio de Eclesiastes já conhecia, com milênios de antecedência, a configuração das câmaras legislativas e dos tribunais de hoje mundo afora.

Portanto, o dilema da impiedade parece ser elevado a outra potência. Em um mundo em que todos clamam por justiça e retidão, constatamos injustiça após injustiça. Além disso, os que são responsáveis por defender e aplicar a justiça a fim de manter a lei e a ordem na terra estão entre os principais propagadores da impiedade e da injustiça — desde o habeas corpus emitido para o político proeminente recém-indiciado até a impunidade dos crimes comuns e cotidianos. Daí vem a precisão dos versos de Renato Russo, corroborando a sabedoria de Salomão: "Nas favelas, no Senado / Sujeira pra todo lado / Ninguém respeita a Constituição / Mas todos acreditam no futuro da nação / Que país é este?".

Pois bem, diante de mais esse dilema, o que esperaríamos ouvir do sábio de Eclesiastes? Talvez esperássemos o seu famoso refrão: "Que grande ilusão! Tudo é ilusão!". Porém,

surpreendentemente, temos uma resposta bastante confiante e esperançosa: “Eu disse no coração: Deus julgará o justo e o ímpio; porque há um tempo para todo propósito, um tempo para tudo que se faz” (v. 17). Ou seja, por mais que falte justiça neste mundo e a justiça dos homens possa falhar, a justiça de Deus não falhará, pois ele trará todos a julgamento no tempo certo!

Essa confiança do Pregador na justiça de Deus, é claro, encaixa-se perfeitamente no retrato anterior que ele havia pintado da condução soberana de Deus de cada tempo e ocasião neste mundo (3.1-8; 3.17). E, ao olharmos para o quadro maior das Escrituras Sagradas, temos boa razão para confiar na justiça absoluta e soberana de Deus, manifestada tantas vezes no decorrer da história: o castigo imposto a Adão e Eva no jardim do Éden; o Dilúvio que sobreveio à geração incrédula e perversa de Noé; a destruição de Sodoma e Gomorra; as pragas enviadas sobre o faraó e o Egito; a destruição de reinos inteiros como a Assíria e a Babilônia, incluindo até mesmo os reinos de Israel e Judá. Todos esses sinais históricos e concretos do juízo de Deus ao longo da história dão credibilidade e sustento às muitas advertências do próprio Senhor Jesus Cristo e dos apóstolos acerca de um juízo vindouro que abrangerá toda a terra e do qual todos participarão: justos e ímpios, vivos e mortos (veja Mt 25.31-46; 2Co 5.10).

Como essa convicção do juízo vindouro de Deus deve nortear a nossa conduta no presente? Por um lado, não devemos adotar uma postura conivente e complacente com a injustiça e a impiedade que nos cercam. Mesmo que a injustiça aumente e

perdure ao nosso redor, as Escrituras não nos dão aval para assistirmos passivos ao aumento da maldade ao nosso redor. Minimamente, as Escrituras nos convocam a orar pelas nossas autoridades e demais figuras públicas do governo para que cumpram o seu dever de punir o mal e recompensar o bem, a fim de que tenhamos vida tranquila e pacífica, com toda dignidade (veja 1Tm 2.1-4; Rm 13.1-7).

Assim, enquanto gozamos de liberdade e oportunidade em nosso país de regime democrático, devemos ser bons mordomos dessas virtudes e pressionar os nossos representantes públicos a fim de que cumpram seu papel com temor a Deus no coração, alertando-os de que um dia eles prestarão contas ao Senhor pelos seus atos, sejam eles bons ou maus. E mais: a única razão legítima para continuarmos nos indignando e agindo contra a injustiça deste mundo é que cremos em um Deus perfeitamente justo, o padrão de toda justiça, que um dia julgará toda injustiça — do contrário, não teríamos um fundamento sólido e permanente a partir do qual lutar contra a injustiça.

Por outro lado, se mesmo assim aprouver a Deus que os nossos esforços contra a injustiça não sejam bem-sucedidos, não devemos nos desesperar nem nos desiludir. Afinal de contas, por mais que não nos seja possível estabelecer a justiça nesta terra, nós cremos em um Deus soberano e justo que um dia acertará as contas com todos e trará novos céus e nova terra, onde habita a perfeita justiça. Enquanto esse dia não vem, devemos viver de maneira justa e santa, no temor do Senhor, à luz da nossa esperança certa em Deus (veja 2Pe 3.11-14).

Mas, será que Deus permanece quieto e inerte diante da injustiça deste mundo até o dia do juízo final? Eclesiastes 3.18-22 registra o seguinte:

> *Eu também disse no coração: Deus prova os homens para que possam ver que são como os animais.*
>
> *O que acontece com os homens é o mesmo que acontece com os animais; a mesma coisa acontece para ambos. Assim como um morre, morre também o outro. Todos têm o mesmo fôlego de vida. O homem não tem vantagem sobre os animais. Tudo é ilusão.*
>
> *Todos vão para o mesmo lugar; todos são pó e todos retornarão ao pó.*
>
> *Quem sabe se o espírito do homem vai para cima, e se o espírito do animal desce para a terra?*
>
> *Assim, concluí que não há nada melhor para o homem do que desfrutar do seu trabalho, porque esta é a sua recompensa. Pois quem o levará a ver o que acontecerá depois que ele se for?*

Após encarar o dilema da impiedade, o sábio de Ecle- siastes retorna mais uma vez ao dilema da morte. Contudo, a morte aqui não é apresentada apenas como o desfecho lamentável e trágico da vida, mas como parte do castigo de Deus imposto sobre a raça humana por conta de sua rebeldia contra o Criador (Ec 3.19,20; Gn 3.19). Ou seja, depois que Adão e Eva tentaram ocupar a posição de soberanos da terra e detentores do direito de definir o

bem e o mal, tal qual o Criador, Deus os humilhou, dando-lhes o seu fim merecido: do pó vieram e ao pó retornariam. Deus primeiramente fez isso para castigar nossos pais no jardim do Éden. Porém, como consequência do pecado original, o Criador continua provando todos os homens com a morte, a fim de lhes mostrar que, por si mesmos, eles não passam de animais (Ec 3.18).

Por isso, do astro do momento na televisão, no cinema ou no futebol, ao político mais popular desta geração, todos terão o mesmo fim que a carcaça do animal atropelado à beira da estrada, sem exceções. Isso não significa que a Bíblia coloca a raça humana e os demais membros do reino animal essencialmente no mesmo patamar, como se fôssemos apenas mais um degrau na cadeia evolutiva das espécies. A Bíblia reconhece com clareza a distinção da raça humana como feita unicamente à imagem e semelhança de Deus, detentora de dignidade e valor superiores a todas as demais criaturas do mundo (veja Gn 1.27; Sl 8.5-8). Isso ao ponto de somente os seres humanos serem capazes de refletir sobre a morte, lamentá-la e registrar tudo isso em palavras como em Eclesiastes, coisa que nenhuma outra espécie jamais alcançou e jamais alcançará.

Contudo, a realidade da morte física, comum aos seres humanos e aos demais seres da terra, é apontada por Salomão não apenas como um castigo, mas como uma prova ou humilhação da parte de Deus para nos mostrar que, sem ele e por nós mesmos, não passamos de meros animais, ao ponto do ser humano sem Deus questionar se, após a morte, existe alguma

distinção entre os seres humanos e os animais (Ec 3.21). Portanto, por mais que nos indignemos com a injustiça deste mundo e nos inquietemos com a mortalidade aqui presente, sem Deus e longe de Deus todas as nossas esperanças parecem sucumbir conosco na mesma cova em que somos enterrados.

À luz dessa dura realidade, será que desta vez o sábio de Eclesiastes retorna ao seu pessimismo inicial? Mais uma vez, ele nos surpreende com uma conclusão inusitada, porém não inédita: "Assim, concluí que não há nada melhor para o homem do que desfrutar do seu trabalho, porque esta é a sua recompensa. Pois quem o levará a ver o que acontecerá depois que ele se for?" (v. 22) Assim como já havia mencionado, Salomão ressalta mais uma vez que, dentre as alternativas existentes, a melhor continua sendo a de receber a vida como um presente de Deus e desfrutar do nosso duro trabalho neste mundo enquanto aguardamos o desfecho da história (2.24,25; 3.12-14, 22). À luz do contexto dessas palavras, o sábio aqui não está apenas contentando-se em viver ao máximo a vida à luz de um futuro incerto — isto é, uma espécie de "comamos e bebamos, porque amanhã morreremos!", como pode parecer em uma leitura superficial. Mais uma vez, por conta de sua confiança em Deus, ele pode encarar os duros dilemas da vida, recebendo cada momento como uma dádiva do Senhor.

Isso tudo nos leva ao seguinte questionamento: até que ponto nossa confiança e esperança em Deus nos capacitam para enfrentar não só o dilema da impiedade, mas o dilema da nossa mortalidade? Não deixa de ser curioso, e até irônico, o fato de que

vivemos em uma cultura e em uma sociedade cercadas pela morte (das mais banais até as mais cruéis e trágicas), fascinadas pela morte (a ponto de hoje as pessoas se vestirem e se adornarem, da cabeça aos pés, de caveiras e outros símbolos fúnebres diversos em voga), e ao mesmo tempo tratar-se de uma cultura e sociedade tão apavoradas e inquietas com a morte. O correto não seria o contrário? Porém, somente a confiança em um Deus soberano sobre a vida e a morte é que pode nos tornar plenamente capazes de desfrutar de cada momento da existência como um presente, uma dádiva, um bem precioso concedido pelo Senhor, enquanto ele não encerra os nossos dias ou não vem encerrar toda a história, dependendo do que vier primeiro.

Que vida é essa?

Para os que não conhecem o Senhor e não confiam no Deus revelado nas Escrituras Sagradas, os dilemas da impiedade e da mortalidade podem resultar em protesto ou em perguntas, mas talvez em pouco mais que isso: "Que país é esse?"; "Que mundo é esse?"; "Que vida é essa?". Já para os que confiam na justiça e na sabedoria de Deus, nem a impiedade nem a mortalidade devem nos amedrontar, por mais que ainda possam nos atingir neste mundo. Afinal, um dia o Senhor haverá de julgar a todos, tanto os justos como os ímpios (v. 16,17). Mas, enquanto o juízo não vem, podemos e devemos desfrutar da vida que o Senhor nos deu, até o nosso último fôlego (v. 18-22).

Se o sábio de Eclesiastes pôde encarar com confiança e determinação os dilemas da impiedade e da mortalidade, nós

temos mais razão ainda para tanto. Afinal, nós cremos no Deus que enfrentou a impiedade e a mortalidade, e tomou sobre si o trabalho de nos redimir de ambos os males! Em Jesus Cristo, o Senhor Deus enviou o seu Filho para sofrer a pior de todas as injustiças e impiedades, morrendo como um condenado qualquer, mesmo sendo o Messias santo e inocente. O Senhor Jesus fez isso ao morrer na cruz do Calvário justamente para cumprir toda a justiça de Deus, tomando sobre si o castigo que nos era devido, a fim de que fôssemos absolvidos e libertos da condenação eterna que pairava sobre nós. E, ao terceiro dia, ele ressuscitou dentre os mortos, destruindo a morte, a fim de nos conceder vida plena, eterna e abundante não só aqui como também no porvir, quando ele voltará para julgar os vivos e os mortos e trazer novos céus e nova terra.

Portanto, se você ainda não conhece ou não confia no Senhor Jesus Cristo, hoje ele o convida a render-se diante dele, com arrependimento e fé, na certeza de que apenas ele pode livrar o ser humano definitivamente dos dilemas impostos pela vida, seja o dilema da impiedade, seja o da mortalidade. E, para você que já creu e descansou na vitória de Cristo, continue a confiar e viver à luz da promessa da sua volta, agindo e trabalhando neste mundo com alegria e esperança no coração, até que o Senhor venha ou nos leve para si.

[1] História relatada em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Que_Pa%C3%ADs_É_Este_(canção)#cite_note-1.

[2] Douglas O'Donnell, *Ecclesiastes* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2014), p. 82-3.

CAPÍTULO 7

SOLIDÃO E COMUNHÃO

Eclesiastes 4.1-16

Olhei novamente e vi toda a opressão que há debaixo do sol: Vi as lágrimas dos oprimidos, mas eles não têm consolador; o poder está do lado dos seus opressores, e eles não têm consolador. Por isso, considerei os mortos mais felizes do que os que ainda vivem, e mais feliz do que ambos é o que ainda não nasceu, que não viu o mal que se faz debaixo do sol. Também vi que todo trabalho e todo êxito procedem da inveja entre as pessoas. Isso também é ilusão e perseguir o vento. O tolo cruza os braços e come a própria carne. Melhor é ter um punhado com tranquilidade do que as duas mãos cheias à custa de muito trabalho e de perseguir o vento. Outra vez olhei e vi mais um absurdo debaixo do sol. É o caso daquele que, não tendo parente, nem filho, nem irmão, não para de trabalhar. No entanto, seus olhos não se satisfazem com as riquezas. E ele não pergunta: Para quem estou trabalhando? Por que não desfruto de nada? Isso também é ilusão e uma infeliz ocupação. Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor recompensa do seu trabalho. Pois, se um cair, o outro levantará seu

companheiro. Mas pobre do que estiver só e cair, pois não haverá outro que o levante. Também, se dois dormirem juntos, ficarão aquecidos; mas como um só poderá aquecer-se? Um homem sozinho pode ser vencido, mas dois conseguem defender-se; e o cordão de três dobras não se rompe tão facilmente. Melhor é um rapaz pobre e sábio do que um rei velho e insensato, que não aceita mais a correção, mesmo que o rapaz tenha saído do cárcere para reinar, ou tenha nascido pobre no país daquele rei. Percebi que todos os que viviam debaixo do sol seguiam o rapaz, o sucessor do rei. O número dos que o seguiam era incontável. Mesmo assim, os que vieram depois dele não ficaram satisfeitos com ele. Isso também é ilusão e perseguir o vento.

À procura de um amigo

Carlos Drummond de Andrade, considerado por muitos o maior poeta brasileiro do século 20, registrou os seguintes versos em seu poema "A bruxa":[1]

Nesta cidade do Rio
De dois milhões de habitantes
Estou sozinho no quarto
Estou sozinho na América. […]
De dois milhões de habitantes!
E nem precisava tanto…
Precisava de um amigo,
Desses calados, distantes,

Que leem verso de Horácio
Mas secretamente influem
Na vida, no amor, na carne.
Estou só, não tenho amigo,
E a essa hora tardia
Como procurar amigo?

Mesmo agora, quando a cidade do Rio de Janeiro conta com mais de seis milhões de habitantes, e o mundo testemunha a geração mais conectada da história, a solidão retratada por Carlos Drummond de Andrade ainda aflige uma multidão incontável em nossas vizinhanças, em nossos locais de trabalho e até dentro da própria igreja.

Não deixa de ser irônico o fato de vivermos cercados de tanta gente e com tantos meios para nos conectarmos com as pessoas e, ainda assim, sermos uma das gerações mais solitárias e alienadas que já existiram. Será que existe uma saída para essa condição? É disso que trata a próxima porção do livro de Eclesiastes.

Cenas de um mundo solitário

Em Eclesiastes 4, encontramos quatro retratos distintos, porém interligados por um tema comum: a solidão que aflige o ser humano neste mundo caído.[2] O primeiro desses quadros representa uma série de pessoas oprimidas em lágrimas — órfãos e viúvas, pobres e estrangeiros — sem ninguém para consolá-los (v. 1-3). O segundo quadro representa pessoas bastante produtivas, competindo entre si por mais posses, status e

reconhecimento; mas, em um canto do retrato, alguém cruza os braços e afunda sozinho na própria ruína (v. 4-6). O terceiro quadro representa um homem de negócios bem-sucedido, porém só e desacompanhado, sem ter com quem compartilhar toda a sua riqueza (v. 7-12). E, por último, o quarto quadro representa um rei idoso, tolo e alienado, prestes a ser deposto por um governante mais jovem e popular (v. 13-16).

Vamos então analisar detidamente cada um desses quadros, a fim de descobrir o que exatamente Salomão aprendeu com cada novo retrato que colecionou, por assim dizer, nas paredes do seu palácio real. Veremos como isso nos serve de aprendizado sobre como devemos viver em um mundo cada vez mais solitário e alienado.

O primeiro quadro está descrito em Eclesiastes 4.1-3:

> *Olhei novamente e vi toda a opressão que há debaixo do sol: Vi as lágrimas dos oprimidos, mas eles não têm consolador; o poder está do lado dos seus opressores, e eles não têm consolador.*
>
> *Por isso, considerei os mortos mais felizes do que os que ainda vivem,*
>
> *e mais feliz do que ambos é o que ainda não nasceu, que não viu o mal que se faz debaixo do sol.*

Ao percorrer essa série de retratos das memórias de Salomão, Eclesiastes nos faz lembrar que estamos observando os retratos da vida "debaixo do sol" — ou seja, a vida como ela é longe de

Deus e sem Deus (v. 1,3,7). E, logo de cara, deparamos com a cena trágica de pessoas oprimidas por poderosos opressores, sem nenhuma perspectiva de consolo (v. 1). No mundo antigo, essas pessoas oprimidas eram em geral os indivíduos mais pobres e facilmente explorados da sociedade: os órfãos, as viúvas, os pobres e os estrangeiros, lembrados com frequência nas Escrituras como os membros mais vulneráveis e carentes de socorro (veja Lv 19.10; Tg 1.27). Porém, esse grupo poderia crescer e incluir povos inteiros, oprimidos por leis injustas e iníquas editadas por regentes poderosos e tirânicos, sem perspectiva de alívio e conforto para sua aflição (veja Is 10.1,2). Diante desse cenário terrível, Eclesiastes chega a uma conclusão dupla e chocante. O sábio, por um instante, considera a condição dos mortos melhor que a dos vivos oprimidos (v. 2), para, logo em seguida, considerar que os que ainda não nasceram têm situação melhor do que ambos (v. 3)!

Como extrair o sentido de tudo isso? De novo, Eclesiastes está nos conduzindo pelo corredor sombrio da vida "debaixo do sol", longe da perspectiva divina do mundo. Se desconsiderarmos a perspectiva divina do juízo vindouro de Deus contra toda impiedade (3.16,17), de fato, as expectativas para esta vida tornam-se por demais sombrias. Porém, parece-nos que Salomão não permite que a certeza do juízo de Deus nos torne insensíveis à dor dos oprimidos ao nosso redor (4.1-3) — tanto lá e então, como aqui e agora, conforme os seguintes exemplos: a dor dos pobres e marginalizados, oprimidos por uma configuração social, econômica e política que explora e perpetua a ignorância e a

pobreza das camadas mais humildes da sociedade; a dor das crianças, oprimidas nas escolas por ideologias que deturpam sua moralidade e capacidade de pensar criticamente sobre o mundo ao seu redor; a dor dos nascituros, chacinados na barriga de suas mães, sem nem sequer ter voz e vez em uma cultura que valoriza a vontade pessoal acima do direito inalienável à vida; a dor de uma nação que sofre a restrição de seus direitos e liberdades nas mãos de legisladores, juízes e outros grupos de interesse que defendem com unhas e dentes suas regalias e mordomias. Mas, a dor maior, acima de tudo, é a de um povo subjugado pela maior das opressões — a opressão do pecado e da rebeldia contra Deus, responsável por todas as demais aflições neste mundo.

Diante de tudo isso, fica claro que somente Jesus Cristo pode nos trazer consolo. Aquele que sofreu nas mãos de opressores poderosos, sendo julgado e morto na cruz do Calvário, tomou sobre si a opressão do nosso pecado, para que, pelo seu perdão, tivéssemos verdadeiro consolo. Uma vez que experimentamos esse consolo, Cristo nos envia ao mundo para sermos consoladores dos que sofrem todo tipo de opressão — de natureza material, emocional, física, intelectual, moral ou espiritual —, pelo poder do seu evangelho e da sua graça.

Seguindo para o segundo retrato, encontramos ali outra cena bastante comum e conhecida, conforme registra Eclesiastes 4.4-6:

> *Também vi que todo trabalho e todo êxito procedem da inveja entre as pessoas. Isso também é ilusão e perseguir o vento.*
>
> *O tolo cruza os braços e come a própria carne.*

Melhor é ter um punhado com tranquilidade do que as duas mãos cheias à custa de muito trabalho e de perseguir o vento.

O autor retrata pessoas trabalhando freneticamente, movidas pela competição e pela inveja, cada uma querendo se sobressair às demais à sua maneira (v. 4a). Aqui, Eclesiastes nem chega a aprofundar demais a descrição da cena, concluindo logo a natureza absurda dessa busca (v. 4b). Afinal de contas, se a motivação principal do nosso trabalho for a inveja que temos uns dos outros, essa busca jamais terá fim — assim como perseguir o vento. Isso porque sempre haverá alguém mais inteligente, mais bonito, mais esperto, mais carismático, mais próspero, mais bem-sucedido, mais realizado do que nós, por mais que nos esforcemos para alcançar a inteligência, a beleza, o carisma, a esperteza, a prosperidade e o bem-estar que vemos nos outros.

No outro extremo desse retrato, porém, existe aquele que nem ao menos participa dessa "corrida maluca" atrás do sucesso, preferindo cruzar os braços, para sua própria ruína (v. 5). Para esse sujeito, se ele não pode ser tão bom quanto ou melhor que os demais, ele nem sequer participa da luta e do trabalho inerentes à vida, preferindo afundar na própria solidão e destruição.

De que lado dessa equação você se encontra? Do lado dos que correm freneticamente atrás do sucesso? Ou dos que desistem antes mesmo do início da disputa? Será que existe um caminho alternativo?

Segundo Eclesiastes, melhor do que competir sem parar ou desistir da vida é viver movido pelo contentamento (v. 6). O sábio exalta aquele que aprende a viver contente com um punhado com

tranquilidade do que com dois punhados à custa de muito esforço. Em outras palavras, é melhor viver contente com o conjunto de dons, talentos, habilidades, oportunidades e recursos que o Senhor lhe deu — sejam eles poucos ou muitos, não importa — do que tentar extrair o máximo dessa vida a fim de superar todos ao seu redor.

Contudo, vivemos em uma sociedade que fomenta a competição desenfreada e também a insatisfação e o descontentamento crescentes pelo que somos, pelo que temos e fazemos. Isso só muda se encontrarmos nossa satisfação e contentamento primeiro em nosso Criador, Senhor e Salvador, Jesus Cristo — aquele que, mesmo sendo o Soberano Deus, contentou-se em tornar-se um Servo Sofredor, para nos redimir e nos resgatar na cruz do Calvário da nossa busca insana e pecaminosa por sucesso, status e sentido longe dele neste mundo. Ou seja, é somente o contentamento em nosso Criador e Senhor que pode nos curar tanto da inveja como da indolência pecaminosa, as quais são capazes de arruinar e destruir a nossa vida.

Logo, o mesmo evangelho que nos traz conforto e nos faz instrumentos de consolo em um mundo marcado pela opressão é aquele que nos ensina a viver contentes em um mundo movido pela competição.

O terceiro retrato dessa série, semelhante ao segundo, mostra outra faceta absurda do trabalho neste mundo. Veja o que diz Eclesiastes 4.7-12:

Outra vez olhei e vi mais um absurdo debaixo do sol.

É o caso daquele que, não tendo parente, nem filho, nem irmão, não para de trabalhar. No entanto, seus olhos não se satisfazem com as riquezas. E ele não pergunta: Para quem estou trabalhando? Por que não desfruto de nada? Isso também é ilusão e uma infeliz ocupação.

Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor recompensa do seu trabalho.

Pois, se um cair, o outro levantará seu companheiro. Mas pobre do que estiver só e cair, pois não haverá outro que o levante.

Também, se dois dormirem juntos, ficarão aquecidos; mas como um só poderá aquecer-se?

Um homem sozinho pode ser vencido, mas dois conseguem defender-se; o cordão de três dobras não se rompe tão facilmente.

Nesse caso, Eclesiastes trata do homem movido por ambição e avareza, consumido pelo desejo de enriquecer, a ponto de não ter com quem compartilhar toda a sua riqueza e que nem sequer faz uma pausa para refletir sobre a sua condição (v. 7,8). Então, qual era o ramo de trabalho desse homem? Quantas horas diárias e semanais ele trabalhava? Será que ele era casado? E quão rico ele era? Apesar do texto não responder a todas essas perguntas, está claro que a vida desse homem era absurda e por demais ingrata, mesmo quando a examinamos somente pela ótica do seu trabalho.

Por isso, Eclesiastes lança-se em seguida em uma série de quatro ilustrações — todas elas comuns ao mundo do comércio

nos campos e nas estradas do mundo antigo — para mostrar quanto a colaboração e a comunhão são melhores do que a competição solitária no universo do trabalho (v. 9-12).[3]

Primeiro, a recompensa ou o resultado do trabalho de duas pessoas é melhor do que o de um único trabalhador (v. 9). Como é sabido, duas cabeças pensam melhor do que uma; logo, dois pares de mãos são mais produtivas juntas do que apenas duas mãos. Segundo, o auxílio de um colega é insubstituível em tempos de necessidade (v. 10). Caso um tropece, o outro pode socorrê-lo. Terceiro, o socorro de um parceiro é precioso em tempos de adversidade (v. 11). Isto é, nas estradas escuras e frias do mundo antigo, a companhia de um colega seria valiosa para aquecer e proteger o viajante a negócios. E, por fim, a quarta ilustração mostra que a proteção de um companheiro é imprescindível no momento de oposição e hostilidade (v. 12a). Portanto, conclui Eclesiastes, em um provérbio bastante comum e conhecido no mundo de então: "o cordão de três dobras não se rompe tão facilmente" (v. 12b). Esse ditado equivale ao nosso tão conhecido lema: "a união faz a força".

Se essa lição vale primeiramente para o âmbito do nosso trabalho, não valeria também para a vida no lar e na própria igreja? Ora, certamente! De nada adianta um homem ser rico e bem-sucedido em seu empreendimento e não ter com quem compartilhar todo o fruto do seu trabalho. Afinal, quem é o chefe ou colega de trabalho, o bem ou o patrimônio que for, que pode providenciar o conforto e o consolo, o companheirismo e o calor que somente a esposa e os filhos podem providenciar? Portanto,

não há motivo para ficar adiando os planos para constituir família e ter filhos, achando que encontrará a felicidade na fama e na fortuna de um trabalho solitário. Deus jamais disse do ser humano: "Não é bom que o homem viva rico nem pobre, seja famoso nem anônimo". Porém, ele disse: "Não é bom que o homem esteja só" (Gn 2.18). Logo, contrariando toda a sabedoria mundana, que aponta o caminho da solidão e da independência como se fosse o caminho da felicidade, a sabedoria das Escrituras mostra que o sentido da vida mora justamente na contramão deste mundo, no caminho da comunhão e da dependência mútua. Quanto mais vivemos um com o outro e um pelo outro é que experimentamos a vida com mais plenitude e significado.

Se isso vale para a vida profissional e familiar, vale também para a vida congregacional. Deus não nos chamou e nos salvou para si a fim de vivermos como "cavaleiros solitários" da fé. Ele nos chamou em Cristo Jesus para fazermos parte de uma família, um povo, um corpo, que, com o auxílio de todas as partes, cresce e edifica-se a si mesmo (veja Ef 4.1-16; 1Co 12.1-13; Hb 10.24,25; Mt 18.15-20). É na comunhão e no compromisso com a membresia de uma igreja local que recebemos consolo, conforto e encorajamento, por meio da pregação da Palavra e do pastoreio pessoal, da mútua prestação de contas, da oração e da intercessão uns pelos outros, do aconselhamento mútuo e do apoio e socorro em momentos de necessidade. Afinal de contas, nenhum pastor no YouTube ou teólogo nas redes sociais pode dispensar o auxílio e o socorro espiritual que só uma igreja local é capaz de providenciar na multiplicidade dos dons e talentos de seus membros.

Portanto, mais uma vez, observamos como o evangelho representa a solução para o problema dos absurdos solitários desta vida descritos em Eclesiastes. É no evangelho que encontramos consolo e conforto em meio à opressão deste mundo. É no evangelho que encontramos contentamento em um mundo imerso em competição invejosa. E é no evangelho que encontramos a comunhão que nos salva de uma vida avarenta, individualista e solitária. Afinal, na cruz do Calvário, Jesus Cristo derramou sua vida justamente para restaurar a comunhão quebrada entre nós e o Criador, e também uns com os outros em nossos locais de trabalho, de moradia e de culto ao Senhor. Pela cruz, somos chamados a viver não mais para nós mesmos, mas para Cristo em primeiro lugar, e depois uns pelos outros (veja Mt 22.34-40).

O quarto e último retrato dessa série encontra-se em Eclesiastes 4.13-16:

> *Melhor é um rapaz pobre e sábio do que um rei velho e insensato, que não aceita mais a correção,*
>
> *mesmo que o rapaz tenha saído do cárcere para reinar, ou tenha nascido pobre no país daquele rei.*
>
> *Percebi que todos os que viviam debaixo do sol seguiam o rapaz, o sucessor do rei.*
>
> *O número dos que o seguiam era incontável. Mesmo assim, os que vieram depois dele não ficaram satisfeitos com ele. Isso também é ilusão e perseguir o vento.*

Observa-se no texto mais um homem em condição solitária: um rei idoso e tolo, que já não aceita repreensão (v. 13). Em seu lugar, surgiu um jovem pobre e sábio, de origem humilde, que sucede o rei com o apoio popular (v. 14-16a). Apesar de anônimos, os personagens dessa história são semelhantes a outros personagens de trajetória parecida nas Escrituras: como José, o hebreu vendido como escravo no Egito que ascendeu ao poder na corte do faraó e resgatou seu povo da fome, somente para ser esquecido pelas gerações seguintes. Ou até mesmo como Davi, o pastor de ovelhas que substituiu o perverso rei Saul, somente para ser contestado por seu próprio filho, Absalão, que incitou o povo contra o trono de seu pai em Jerusalém. Mesmo que as correspondências não sejam exatas, elas confirmam o que a própria história ilustra repetidas vezes: por mais popular e benquisto que seja o governante do momento, ele jamais satisfará a todas as gerações, e logo será isolado e tão esquecido quanto seu antecessor.

Então, qual seria o consolo para esse retrato absurdo da vida debaixo do sol? Diferente dos retratos anteriores, dessa vez Eclesiastes não parece ter uma solução à altura do desafio. Mesmo reconhecendo que é melhor que o jovem aspirante de origem humilde substitua um rei idoso e tolo, ele afirma que logo o tempo desse jovem de ser substituído e deposto chegará. De fato, parece que Eclesiastes chegou ao fim de suas respostas; mas o evangelho, não.

Um amigo melhor

Após observar de perto essa série de retratos na parede do corredor real de Salomão, é como se por cima de todos eles pairasse o retrato de Cristo em sua cruz. É na cruz de Cristo que encontramos o consolo e o conforto em meio à opressão deste mundo. É nela que encontramos o contentamento em tempos de competição e a comunhão em tempos de alienação e isolamento. E é na cruz de Cristo que enxergamos um jovem rei, de origem humilde na Galileia, aclamado pelas multidões em Jerusalém como "rei de Israel", e dias depois rejeitado aos brados de "crucifica-o!". Ele morreu só e abandonado pelas multidões e pelos seus próprios discípulos. Cristo mesmo provou da solidão deste mundo corrompido, ao tomar sobre si a alienação e o castigo do pecado na cruz do Calvário.

Mas, ao terceiro dia, Cristo ressuscitou! Hoje ele reina para todo o sempre à direita de seu Pai nos céus! E aqueles que nele confiam como seu Rei e Redentor, Senhor e Salvador, não precisam mais viver como reféns da solidão, do isolamento e da alienação deste mundo absurdo e caído.

Portanto, por mais marcantes que sejam os retratos de Eclesiastes da vida debaixo do sol, mais marcante ainda é o retrato que temos no evangelho do Cristo crucificado e ressurreto, em quem encontramos a nossa verdadeira vida e companhia debaixo do sol.

[1] Carlos Drummond de Andrade, et al, *Verso livre: poemas*. 1. ed. (São Paulo: Boa Companhia, 2012), p. 15-6, conforme indicação bibliográfica de: https://blogdocastorp.blogspot.com/2015/05/carlos-drummond-de-andrade-bruxa.html. Devo a indicação desse poema ao meu colega Marcelo Maia.

[2] Michael Eaton, *Ecclesiastes* (Downers Grove: InterVarsity, 1983), p. 90-1.

[3] Douglas O'Donnell, *Ecclesiastes* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2014), p. 100-1.

CAPÍTULO 8

O DEUS TEMÍVEL

Eclesiastes 5.1-7

Sê reverente quando fores à casa de Deus. É melhor aproximar-se para ouvir do que fazer como os tolos, que oferecem sacrifícios sem saber que agem mal.

Não te precipites com a boca, nem seja o teu coração impulsivo para fazer promessa alguma na presença de Deus; porque Deus está no céu, e tu estás na terra; portanto, sejam poucas as tuas palavras. Porque os sonhos vêm do muito trabalho, e o falar do tolo vem das muitas palavras. Quando fizeres algum voto a Deus, não demores a cumpri-lo; porque ele não se agrada de tolos. O que votares, trata de cumpri-lo.

É melhor não fazer voto do que fazer e não cumprir. Não permitas que a tua boca te faça pecar, nem digas ao mensageiro que foi um engano. Por que provocar a ira de Deus e destruir o trabalho das tuas mãos? Porque quando os sonhos se multiplicam também se multiplicam as palavras vazias. Por isso, teme a Deus.

A intimação divina

Se você recebesse uma intimação judicial para prestar depoimento como réu perante uma autoridade pública, como você responderia? Certamente procuraria se informar acerca das razões da intimação, buscaria os conselhos de um advogado e estaria presente no local, data e horário agendados pela autoridade ou instância em questão. Provavelmente você pensaria com antecedência em como se apresentar perante esse representante público, quais e quantas palavras usar, ouvindo o máximo e falando o mínimo necessário a fim de não se comprometer sem necessidade. Afinal de contas, dependendo de suas palavras e da decisão desse representante da justiça, isso pode resultar em sua absolvição ou condenação.

Se temos tamanho cuidado ao nos apresentarmos perante um representante judicial humano, deveríamos ter menos cuidado ao nos apresentarmos perante o Senhor Deus, o Supremo Juiz de toda terra? É sobre isso que meditaremos neste capítulo.

Temer a Deus é preciso

A passagem de Eclesiastes 5.1-7 traz importantes conselhos.

Ao abordarmos essa porção do livro, chegamos ao trecho de Eclesiastes em que a pessoa de Deus aparece com maior evidência (sete vezes em sete versículos). Isso ocorre logo após o autor refletir sobre diversos quadros da vida solitária do homem neste mundo caído (4.1-16), sugerindo que, por mais importante que

seja para o ser humano viver em comunhão com outros membros da sua espécie, a sua vida neste mundo será incompleta se não envolver a pessoa de Deus, a companhia suprema.[1]

Porém, a julgar pelas menções anteriores a Deus no livro e nesse trecho específico, precisamos estar atentos para o fato de que não estamos tratando aqui da nossa comunhão com um ser qualquer, nem mesmo com "o cara lá de cima" (ou outros eufemismos usados costumeiramente para falar de Deus). Já ouvimos acerca desse Deus que ele é o soberano Senhor de todos os tempos e de todas as circunstâncias da vida neste mundo (3.1-8). É dele que vem todo o bem, inclusive a sabedoria, a felicidade e a recompensa de todo o nosso trabalho (2.24-26; 3.12,13). Contudo, ele é também aquele que julgará toda impiedade e injustiça nesta terra no tempo designado por ele (3.16,17). E, conforme a passagem em análise, ele é o Deus que reina soberano nos céus, que tudo ouve, tudo vê e tudo sabe, e que pode muito bem destruir tudo que realizamos, caso não lhe prestemos a reverência e o temor que lhe são devidos (5.2,6).

De imediato, cabe perguntar: como esse retrato confere ou não com a imagem que a maioria das pessoas que dizem crer em Deus têm dele, até mesmo dentro da própria igreja? A julgar pela maneira como as pessoas falam a respeito de Deus, e até como falam com ele em culto público, parece-nos que a pessoa divina foi domesticada. Há muita gente que, quando pensa em Deus, quando fala sobre ele ou com ele, dá impressão de que está falando apenas com seu terapeuta acerca de seus sentimentos, ou com seu médico acerca de suas dores, ou com o gerente bancário

acerca de suas finanças, ou com o cônjuge acerca de suas carências, ou com um colega de infância acerca de suas memórias divertidas, e assim por diante. A julgar pela maioria das coisas que são ditas sobre Deus e para Deus nos púlpitos e nos santuários desta nação, parece que Deus não passa de um mero "gênio da lâmpada", que — se o invocarmos e soubermos manipulá-lo da forma correta — logo virá em nosso socorro para satisfazer todas as nossas necessidades.

O grande problema com tudo isso é que este não é o Deus revelado nas Escrituras Sagradas, e certamente não é o Deus revelado no livro de Eclesiastes. Esse Deus é Soberano e Santo, e não pode ser manipulado nem chantageado! Ele é justo e poderoso, inclusive para julgar toda tolice e irreverência praticada contra o seu nome! Portanto, ele é digno de toda reverência e de todo temor, especialmente quando nos apresentamos a ele para cultuá-lo (v. 1,7)!

Então, como demonstramos essa reverência na prática, de acordo com este texto? Basicamente, de três formas: ouvindo mais (v. 1), falando menos (v. 2,3) e cumprindo o que prometemos (v. 4-7)

Como louvar o Deus temível

> *Sê reverente quando fores à casa de Deus. É melhor aproximar-se para ouvir do que fazer como os tolos, que oferecem sacrifícios sem saber que agem mal (Ec 5.1).*

O texto começa abordando de forma direta e individual todo aquele que se aproxima do "santuário de Deus" para cultuar o Senhor, exigindo reverência (v. 1a). No caso, Eclesiastes estava se dirigindo a todos que pretendessem ir ao templo de Salomão em Jerusalém para prestar culto a Deus na forma de ofertas e sacrifícios, como era esperado (v. 1b). No entanto, o templo não era apenas o lugar para oferecer sacrifícios, mas também o lugar para ouvir a leitura regular da lei de Deus, bem como as lembranças e advertências dos profetas quanto à desobediência do povo contra a Palavra de Deus (veja Dt 27 e 28; Jr 7 e 29).

Como o texto nos alerta e a história de Israel comprova, o povo tinha a tendência de simplesmente oferecer suas ofertas e sacrifícios de maneira mecânica e impensada, sem dar ouvidos ao que Deus dizia em sua Palavra. O risco, é claro, como eternizado no famoso relato do rei Saul (veja 1Sm 15.22), era de que o povo confundisse o mero sacrifício a Deus com a obediência à Palavra de Deus, apesar de Deus deixar claro que preferia a obediência ao sacrifício. Daí Salomão afirma que quem se aproximava do templo para ouvir e, consequentemente, para obedecer ao que ouvisse da Palavra de Deus, era melhor do que os tolos que apenas vinham para sacrificar ao Senhor, sem saber o mal que faziam (Ec 5.1)!

Ora, qual é o alerta aqui para nós ainda hoje? Por um lado, as circunstâncias do nosso louvor a Deus não são exatamente as mesmas que as da época de Salomão e do povo de Israel. Nosso culto a Deus não está mais condicionado a um templo, a sacrifícios de qualquer espécie ou a mediadores humanos, pois Jesus Cristo ofereceu-se de uma vez por todas como sacrifício

único e definitivo em favor dos nossos pecados, inaugurando um novo e vivo caminho para Deus por meio de seu sangue (veja Hb 10.19-25). Porém, quando nos reunimos semanalmente como igreja na presença de Deus e em nome de Jesus Cristo, para oferecer os nossos sacrifícios de louvor em gratidão pelo seu sacrifício por nós na cruz, ainda o fazemos em primeiro lugar para ouvir a sua Palavra lida, anunciada e aplicada às nossas vidas, a fim de que vivamos de modo santo, reverente e temente a Deus.

Se a principal razão para nos reunirmos como igreja é ouvirmos a Palavra de Deus pregada de púlpito, então como nós nos preparamos para isso? Nós nos dedicamos à oração ao longo da semana, e especialmente na véspera, para ouvirmos a pregação da Palavra no domingo? Planejamos a nossa semana a fim de que nada interfira com a nossa agenda dominical, de tal forma que possamos estar desimpedidos para ouvir a pregação da Palavra no primeiro dia da semana? Deveríamos vigiar o tempo todo para que as tentações e distrações que se apresentam no domingo — desde as alternativas de entretenimento às possibilidades de adiantar o estudo e o trabalho da semana — não nos privem de ouvir presencialmente e atentamente a Palavra de Deus. Além disso, deveríamos vigiar e evitar que todas as tentações que surgem durante o período em estamos reunidos no culto desviem a nossa atenção, que deve estar totalmente concentrada na pregação da Palavra.

Todos esses cuidados são necessários, pois, afinal de contas, segundo Eclesiastes, estar presente em culto público a Deus e não estar atento àquilo que se ouve de sua Palavra é tão tolo ou até

mais tolo do que não estar presente! O melhor que se pode fazer é estar presente e atento a tudo o que Deus falar por meio da sua Palavra, para que ouçamos, entendamos e obedeçamos a tudo que ele nos mandar. Portanto, em primeiro lugar, tema a Deus e ouça a sua Palavra.

A próxima orientação quanto à demonstração de reverência é a seguinte:

> *Não te precipites com a boca, nem seja o teu coração impulsivo para fazer promessa alguma na presença de Deus; porque Deus está no céu, e tu estás na terra; portanto, sejam poucas as tuas palavras. Porque os sonhos vêm do muito trabalho, e o falar do tolo vem das muitas palavras (Ec 5.2,3).*

Quando nos apresentamos a Deus para cultuá-lo, não só devemos ouvi-lo mais e melhor; também devemos falar menos e melhor. Assim como era costumeiro a um israelita apresentar-se diante de Deus no templo para oferecer sacrifícios, era habitual que tais sacrifícios viessem acompanhados de ações de graças e também de votos e promessas da parte do fiel. Por mais que a Lei de Deus não proibisse tais votos, ela alertava para a necessidade de se cumprir cada voto assumido perante o Senhor (veja Dt 23.21-23; Sl 50.14; 65.1; 76.11). Por mais que tenhamos exemplos de votos feitos e cumpridos diante de Deus (como o de Ana em 1Sm 1 e 2), a Bíblia também mostra personagens que fizeram juramentos precipitados para sua própria ruína (como Jefté, em Jz 11.29-40).

Por isso, Eclesiastes alerta sobre os votos e as promessas feitos precipitadamente ao Senhor, por pelo menos duas razões. Primeiro, Deus está nos céus e nós na terra — ou seja, ele sabe de tudo e conhece muito bem a limitação de nossas palavras e votos; portanto, é melhor falar pouco (v. 2). Segundo, assim como de muito trabalho brotam muitos sonhos, de muito falar e prometer brota muita tolice (v. 3).

Como isso nos alerta ainda hoje? Se a primeira exortação de Eclesiastes se aplica à nossa postura perante a pregação da Palavra, a sua segunda exortação se aplica à nossa postura em oração, especialmente quando estamos suplicando a Deus e prometendo mais do que somos capazes de cumprir. Portanto, pense muito bem antes de fazer alguma(s) destas promessas:

> "Senhor, se me deres um cônjuge, eu serei uma pessoa mais pura e casta."
>
> "Senhor, se eu conseguir passar nessa prova e conseguir essa classificação, eu prometo me apresentar para a escala da diaconia, do louvor, da escola bíblica infantil e até do berçário pelo resto do ano."
>
> "Senhor, se meu filho passar de ano, eu prometo não faltar mais a nenhum culto no domingo em minha igreja — nem de manhã, nem de noite."
>
> "Senhor, se eu conseguir um emprego melhor ou aquela promoção, eu prometo aumentar a minha oferta para a igreja e ser mais generoso com missões."

> “Senhor, se me ajudares a perder mais esses quilinhos, eu prometo nunca mais beber refrigerante, comer batata frita, nem seguir para o rodízio de pizza e massas.”
>
> “Senhor, se o meu time não for rebaixado este ano, prometo que nunca mais assisto a uma partida da minha equipe.”
>
> “Senhor, se aquela corja finalmente for condenada e presa, eu prometo nunca mais seguir o noticiário político.”

Irmão e irmã, Deus está nos céus e nós na terra, por isso, falemos pouco e melhor. Isto é, falemos somente o estritamente necessário em oração, e nada mais, como nos alertou o próprio Senhor Jesus: “Ouvistes também que foi dito aos antigos: Não jurarás com falsidade, mas cumprirás os teus juramentos para com o Senhor. Eu, porém, vos digo: De maneira nenhuma jureis; nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o estrado de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei; nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar branco nem preto um só fio de cabelo. Seja, porém, o vosso falar sim, sim; não, não; pois o que passa disso vem do Maligno” (Mt 5.33-37).

Por fim, a passagem traz a terceira forma de demonstração de reverência:

> *Quando fizeres algum voto a Deus, não demores a cumpri-lo; porque ele não se agrada de tolos. O que votares, trata de cumpri-lo. É melhor não fazer voto do que fazer e não cumprir.*

> *Não permitas que a tua boca te faça pecar, nem digas ao mensageiro que foi um engano. Por que provocar a ira de Deus e destruir o trabalho das tuas mãos? Porque quando os sonhos se multiplicam também se multiplicam as palavras vazias. Por isso, teme a Deus* (Ec 5.4-7).

Eclesiastes conclui sua descrição do temor a Deus afirmando que, após ouvirmos a Deus e falarmos com Deus, só nos resta cumprir aquilo que prometemos a ele — e nada mais. Assim como já havia feito, o autor novamente recomenda que é melhor não fazer voto algum do que fazer e não cumprir (v. 2,3,5). Porém, se alguém o fizer, então que cumpra o seu voto sem demora, pois os tolos desagradam a Deus (v. 4); sem desculpa, pois não faz sentido desculpar-se perante um mensageiro de Deus (v. 6a); e sem desafio, pois quem pode irritar a Deus e sair ileso (v. 6b)?[2] Portanto, em meio a tantos sonhos absurdos e conversas inúteis — até mesmo entre aqueles que professam o nome de Deus e o cultuam junto com seu povo —, temamos o Senhor (v. 7)!

Ainda em decorrência de tudo isso, que o ministro e pregador da Palavra que jurou lealdade ao Senhor, ao evangelho e à igreja de Cristo cumpra os seus votos de ordenação — sem demora, sem desculpa e sem desafio. Que o marido e a esposa que juraram lealdade um ao outro na felicidade e na desventura, na riqueza e na pobreza, enfermos e com saúde, cumpram os seus votos matrimoniais — sem demora, sem desculpa e sem desafio. Que os pais que prometeram perante a igreja criar seus filhos no temor do Senhor, ensinando-lhes a Palavra de Deus, orando com eles e por eles e levando-os regularmente à igreja cumpram os seus

votos — sem demora, sem desculpa e sem desafio. Que os que se tornaram membros de uma igreja local mediante um pacto ou aliança de membresia cumpram os seus votos por meio da frequência regular nos cultos, do apoio espiritual e material da sua congregação e do serviço mútuo santo, amoroso e sacrificial — sem demora, sem desculpa e sem desafio. E que os que foram batizados nas águas mediante a sua profissão pública de fé honrem os seus votos de lealdade e submissão ao evangelho para viverem como novas criaturas e discípulos genuínos de Jesus Cristo neste mundo — sem demora, sem desculpa e sem desafio.

Por fim, que todos nós, diante de Deus e de suas testemunhas na terra, sejamos reverentes e tementes a Deus, da seguinte forma: ouvindo mais, falando menos e cumprindo o que prometemos.

Intimados pela Palavra

De fato, temível coisa é apresentar-se a Deus em seu santuário para cultuá-lo e adorá-lo. Quão mais temível será o dia em que, intimados a comparecer perante o seu tribunal final, teremos que prestar contas de cada palavra tola que saiu da nossa boca, conforme as palavras do próprio Jesus:

> *Pelo fruto se conhece a árvore; se a árvore é boa, seu fruto será bom; se a árvore é má, seu fruto será mau. Raça de víboras! Como podeis falar coisas boas, sendo maus? Pois a boca fala do que o coração está cheio. O homem bom tira coisas boas do seu bom tesouro; o homem mau tira coisas más do seu mau*

tesouro. Digo-vos que, no dia do juízo, os homens terão de prestar contas de toda palavra inútil que proferirem. Porque pelas tuas palavras serás absolvido, e pelas tuas palavras serás condenado (Mt 12.33-37).

Quem de nós poderá ser absolvido pelos méritos de suas próprias palavras naquele dia? Ora, ninguém! Porém, existe um único homem que cumpriu tudo aquilo que prometeu ao Pai, a ponto de ser obediente até a morte, e morte de cruz. Existe um único homem que foi fiel e reverente, temente e obediente em tudo ao Pai, cumprindo todos os seus votos, a ponto de se oferecer em sacrifício em nosso lugar, por todas as nossas palavras tolas e promessas não cumpridas. Esse homem é Jesus Cristo, e é somente por meio dele e do seu sangue que podemos nos apresentar a Deus em culto de louvor, sem medo de sermos condenados e destruídos, com santo e temente amor. Portanto, vamos até ele com arrependimento e fé, e que ele nos ensine a viver com mais e mais reverência e no temor do Senhor.

---

[1] Michael Eaton, *Ecclesiastes* (Downers Grove: InterVarsity, 1983), p. 97.

[2] O bordão familiar da necessidade da obediência a Deus sem desafio, sem desculpa e sem demora vem de Tedd Tripp,

Pastoreando o coração da criança (São José dos Campos: Fiel, 1998), p. 152.

CAPÍTULO 9

O MELHOR INVESTIMENTO

Eclesiastes 5.8—6.9

Se vires opressão de pobres e a perversão violenta do direito e da justiça em alguma província, não te surpreendas com isso. Pois quem está em posição elevada tem um superior sobre ele; e sobre ambos há outros em posição mais elevada. O proveito da terra é para todos; até o rei se serve do campo. Quem ama o dinheiro nunca terá o suficiente; quem ama a riqueza nunca ficará satisfeito com o lucro. Isso também é ilusão! Quando os bens se multiplicam, multiplicam-se também os que os consomem. Que proveito tem o seu dono, a não ser contemplá-los com os olhos? O sono do trabalhador é doce, quer coma pouco quer coma muito; mas a fartura do rico não o deixa dormir. Há um grande mal que vi debaixo do sol: riquezas que foram guardadas por seu dono para sua própria infelicidade. Se as riquezas dele se perdem num infortúnio, não deixará nada para o filho que lhe nascer. Como saiu nu do ventre de sua mãe, assim também se irá. Não terá nada para levar de todo o seu trabalho. Isso também é um grande mal: assim como o homem vem, assim se vai; e que proveito terá por ter

trabalhado para o vento? E por haver passado todos os seus dias nas trevas com tantos sofrimentos, doenças e aborrecimento? Aqui está o que concluí: o bom e agradável na vida é comer e beber, desfrutar o resultado de todo o seu duro trabalho debaixo do sol todos os dias da vida que Deus lhe deu. Essa é a sua recompensa. E, quanto ao homem a quem Deus deu riquezas e bens e capacidade para desfrutá-las, receba a sua parte e alegre-se com o seu trabalho, isso é um presente de Deus. Pois não se lembrará muito dos breves dias da vida; porque Deus lhe enche o coração de alegria. Observei ainda outro mal debaixo do sol, que pesa muito sobre o homem: Deus dá riquezas, bens e honra ao homem, de maneira que nada lhe falta de tudo quanto deseja; no entanto, Deus não permite que ele desfrute de nada, mas outro desfruta de tudo em seu lugar. Isso também é absurdo e um grande mal. Se o homem tiver cem filhos e viver muitos anos, mesmo que os dias da sua vida sejam muitos, se não desfrutar das coisas boas da vida e não tiver um sepultamento digno, digo que uma criança que nasce morta tem melhor sorte que ele.

Ela nasce em vão e desaparece na escuridão, e o seu nome fica escondido na escuridão. Nunca viu o sol e nunca soube de nada; mesmo assim, o seu descanso é melhor do que o descanso daquele homem. De que lhe valeria viver dois mil anos sem desfrutar de nada? Não vão todos para o mesmo lugar? Todo o trabalho do homem é para a sua boca; porém jamais satisfaz o seu apetite. Que vantagem tem o sábio sobre o tolo? Que vantagem tem o pobre em saber portar-se diante dos outros?

Melhor é contentar-se com o que os olhos veem do que ir atrás dos desejos. Isso também é ilusão, é perseguir o vento!

À procura da maior riqueza

Andrew Carnegie foi um dos grandes empreendedores do século 19 e o grande magnata da indústria do aço na história dos Estados Unidos. Porém, quando ainda jovem, aos 33 anos, ele registrou as seguintes palavras em seu diário pessoal: "O homem tem de ter um ídolo: o acúmulo de riquezas é uma das piores espécies de idolatria. Nenhum ídolo é mais degradante que a adoração ao dinheiro. Devo ir até o fim do que quer que eu comece, portanto preciso ser cuidadoso na escolha de uma vida que eleve o caráter. Se eu continuar por muito tempo atribulado por preocupações com os negócios e tendo a maior parte de meus pensamentos empenhada em ganhar o máximo de dinheiro no menor período de tempo, isso me degradará além de toda esperança futura de recuperação permanente".[1]

O testemunho de Andrew Carnegie junta-se ao de muitos outros personagens da história, famosos e anônimos, cujas vidas foram consumidas por aquilo que mais amaram, adoraram e idolatraram — fosse o dinheiro, o poder, o sucesso ou os demais prazeres da vida. Porém, milênios atrás, o rei Salomão já havia alertado sobre os perigos de uma vida entregue aos prazeres deste mundo. Nessa porção de Eclesiastes, ouviremos o seu alerta alto e sonoro acerca dos perigos de uma vida entregue especificamente ao acúmulo das riquezas (5.8—6.9).

A lição desse texto é bastante simples. Viver em busca das riquezas é um investimento insaciável e infeliz; por isso, o melhor investimento consiste em encontrar em Deus sua maior riqueza, satisfação e felicidade. O texto nos mostra isso por meio de uma estrutura intencional conhecida como um quiasmo, isto é, um paralelismo em que a parte inicial e final do texto se espelham, formando uma espécie de moldura dentro de uma moldura. Na primeira moldura, Salomão nos fala do investimento insaciável nas riquezas (5.8-12; 6.7-9). Na segunda moldura, ele nos mostra o investimento infeliz das riquezas (5.13-17; 6.1-6). Por fim, no quadro central, ele aponta para o investimento supremo da satisfação e felicidade em Deus, a fonte de toda riqueza (5.18-20).[2]

Investindo na fonte de toda riqueza

A primeira moldura tem início em Eclesiastes 5.8-12:

> *Se vires opressão de pobres e a perversão violenta do direito e da justiça em alguma província, não te surpreendas com isso. Pois quem está em posição elevada tem um superior sobre ele; e sobre ambos há outros em posição mais elevada.*
>
> *O proveito da terra é para todos; até o rei se serve do campo.*
>
> *Quem ama o dinheiro nunca terá o suficiente; quem ama a riqueza nunca ficará satisfeito com o lucro. Isso também é ilusão!*

Quando os bens se multiplicam, multiplicam-se também os que os consomem. Que proveito tem o seu dono, a não ser contemplá-los com os olhos?

O sono do trabalhador é doce, quer coma pouco quer coma muito; mas a fartura do rico não o deixa dormir.

O texto começa nos apresentando o retrato do pobre sendo oprimido e privado de seus direitos por todo um sistema de governo e uma burocracia que lhe sugam os recursos. A ideia aqui é de uma estrutura de poder em que cada um explora quem está abaixo de si na pirâmide social por pura ganância. E, como não há ninguém abaixo dos mais pobres, a base dessa pirâmide, eles não têm quem explorar, e só lhes resta ser explorados pelos que estão nos níveis superiores (5.8).

Porém, melhor do que desfazer toda essa estrutura social e governamental — como propõem alguns ideólogos da utopia social —, diz Eclesiastes, é ter alguém à frente da nação que realmente se interessa pelo bem-estar e pela prosperidade dos que vivem do campo, e não apenas se aproveita deles por interesse próprio (5.9).[3] Daí surge o apelo das Escrituras para orarmos por governantes e líderes que de fato se importem com o bem-estar, a prosperidade e a liberdade do seu povo em trabalhar e produzir, sem que os cidadãos sejam explorados por uma estrutura governamental opressiva (veja 1Tm 2.3,4). E daí também surge o princípio de que, quanto menos poder o Estado concentrar em suas mãos, menores serão as chances de que o povo seja explorado por governantes interesseiros e gananciosos.[4] Porém, afirma o

Eclesiastes, se nós virmos o Estado e seus oficiais explorando o povo, especialmente os mais pobres, isso não deve nos surpreender (5.8a). Por quê?

Na sequência, Eclesiastes nos mostra que o problema maior da ganância de um governo que explora o povo é o mesmo problema que aflige cada um dos seus cidadãos, isto é, o amor insaciável pelo dinheiro (5.10). Ninguém ilustrou melhor esse ponto do que a família de John Davison Rockefeller, contemporâneo de Andrew Carnegie, no século 19, o primeiro bilionário da história moderna devido a sua fortuna conquistada na indústria do petróleo. Quando perguntaram a Nelson Rockefeller, um dos herdeiros do bilionário, acerca de quanto dinheiro era necessário para alguém ser feliz, ele respondeu: "Um pouco mais". Como se a fortuna multibilionária da família Rockefeller não fosse suficiente![5]

Mas por que um pouco mais nunca satisfaz? Primeiro, diz Eclesiastes, porque, quando as riquezas crescem, também crescem os que as consomem — seja na forma de dependentes, de cuidadores e administradores desses bens e, é claro, do governo ganancioso (5.8,11). Segundo, ainda segundo Eclesiastes, porque, quando as riquezas crescem, também cresce a intranquilidade dos que as possuem — ou na forma de ansiedade ou de insônia por administrar o que se tem, diferente do sono tranquilo do trabalhador simples (5.12).

Todavia, se imaginarmos que a insatisfação das riquezas é um mal que aflige apenas os ricos e os poderosos, nós nos enganamos. Veja como essa primeira moldura prossegue em Eclesiastes 6.7-9:

Todo o trabalho do homem é para a sua boca; porém jamais satisfaz o seu apetite.

Que vantagem tem o sábio sobre o tolo? Que vantagem tem o pobre em saber portar-se diante dos outros?

Melhor é contentar-se com o que os olhos veem do que ir atrás dos desejos. Isso também é ilusão, é perseguir o vento!

No fim das contas, todos nós, dos mais pobres aos menos abastados, dos mais simples aos mais sofisticados, somos movidos por um desejo e um apetite insaciáveis. Todos nós somos movidos por desejos e necessidades que nos levam a trabalhar, produzir e gerar riqueza, justamente para saciar esses apetites, que por sua vez nos levam a trabalhar mais e mais (6.7). Nesse particular, portanto, não há vantagem alguma entre o sábio e o tolo, entre o pobre e o rico, pois a tentação à insatisfação é comum a todos (6.8). Por isso, conclui o autor de Eclesiastes, o melhor é contentar-se com o que temos perante os nossos olhos do que vivermos sonhando com o que não temos; do contrário, nada fará sentido (6.9).

Há uma lição importantíssima para nós aqui, mesmo vivendo três mil anos depois de Salomão. Somos herdeiros das revoluções industrial, tecnológica e digital, responsáveis pelo período de maior riqueza e prosperidade na história da humanidade. Em outras palavras, nunca produzimos tanto nem geramos tanta riqueza; porém, ao mesmo tempo, nunca vivemos tão insatisfeitos com o que ganhamos, consumimos e possuímos. Além disso, somos responsáveis também pelo advento da indústria da

propaganda e do marketing, criadas justamente para escoar e direcionar toda essa riqueza sem precedentes que produzimos. Em consequência, somos bombardeados dia e noite por comerciais, anúncios, pop-ups, mensagens de texto, notificações, ofertas-relâmpago, programas de fidelidade, clubes de vantagens e todo tipo de estímulos criados não apenas para saciar nossos desejos, mas também para atiçar os apetites além do nosso nível atual de satisfação pessoal. Tudo isso apenas para que trabalhemos mais, ganhemos mais e gastemos mais em nossos "sonhos de consumo" — por exemplo, uma casa maior, um guarda-roupa mais amplo, um carro novo, férias melhores, viagens mais caras, e assim por diante.

Em princípio, não há nada de errado em consumir o que a sociedade produz para o nosso bem e proveito. Precisamos, porém, estar alertas quanto aos perigos do consumismo, isto é, a idolatria ou culto ao consumo, que nos vende a falsa sensação de satisfação e bem-estar naquilo que não foi feito para nos satisfazer plenamente.[6] Portanto, da próxima vez em que você estiver passeando em um "templo de consumo" — isto é, um shopping center —, antes de encher os seus olhos com os produtos nas vitrines e galerias, pergunte-se: eu estou aqui por uma necessidade real ou apenas uma vontade momentânea? Ou, da próxima vez em que você estiver passando os olhos por um catálogo online ou pelas lojas virtuais no seu smartphone, pergunte-se: quanto estou sendo despertado a desejar não apenas mais do que eu tenho, mas mais do que eu posso e preciso ter neste momento? Enfim, quanto estamos consumindo pelo simples

hábito de consumir, movidos pela ilusão de que, quanto mais consumimos, mais viveremos satisfeitos, apesar de a realidade mostrar justamente o contrário?

Tudo isso, conforme Salomão alerta em Eclesiastes, mostra que o investimento nas riquezas é um investimento insaciável; todavia, pode ser um investimento infeliz também.

Na moldura seguinte, lemos em Eclesiastes 5.13-17:

Há um grande mal que vi debaixo do sol: riquezas que foram guardadas por seu dono para sua própria infelicidade.

Se as riquezas dele se perdem num infortúnio, não deixará nada para o filho que lhe nascer.

Como saiu nu do ventre de sua mãe, assim também se irá. Não terá nada para levar de todo o seu trabalho.

Isso também é um grande mal: assim como o homem vem, assim se vai; e que proveito terá por ter trabalhado para o vento?

E por haver passado todos os seus dias nas trevas com tantos sofrimentos, doenças e aborrecimento?

Essa passagem aponta outro mal terrível e pior do que a insatisfação ou a infelicidade das riquezas (5.13). Primeiro, diz o texto, elas representam um investimento infeliz, pois podem se perder em um instante em um mau negócio — isto é, um mau investimento, uma sociedade malsucedida, uma falência

imprevista por conta de uma mudança repentina no mercado, sem deixar nada para a geração seguinte (5.14). Segundo, as riquezas são um investimento infeliz, porque mesmo que não sejam perdidas em vida, elas certamente serão deixadas para trás na morte (5.15,16). De que adianta, portanto, passar a vida lutando para acumular tais riquezas a um alto custo pessoal, somente para deixar tudo para trás no fim da vida (5.17)?

A conclusão da segunda moldura está em Eclesiastes 6.1-6:

Observei ainda outro mal debaixo do sol, que pesa muito sobre o homem:

Deus dá riquezas, bens e honra ao homem, de maneira que nada lhe falta de tudo quanto deseja; no entanto, Deus não permite que ele desfrute de nada, mas outro desfruta de tudo em seu lugar. Isso também é absurdo e um grande mal.

Se o homem tiver cem filhos e viver muitos anos, mesmo que os dias da sua vida sejam muitos, se não desfrutar das coisas boas da vida e não tiver um sepultamento digno, digo que uma criança que nasce morta tem melhor sorte que ele.

Ela nasce em vão e desaparece na escuridão, e o seu nome fica escondido na escuridão.

Nunca viu o sol e nunca soube de nada; mesmo assim, o seu descanso é melhor do que o descanso daquele homem.

De que lhe valeria viver dois mil anos sem desfrutar de nada? Não vão todos para o mesmo lugar?

Por último, diz o texto, mesmo que a morte tarde em vir, e alguém possa viver uma longa vida com muitos herdeiros, se Deus não lhe conceder desfrutar da sua prosperidade, isso também será inútil e por demais infeliz (6.1,2). Aqui Eclesiastes usa um par de imagens contrastantes e chocantes, afirmando que a criança que já nasce morta, sem ter nem sequer um enterro digno, e que parte em trevas, tem sorte melhor do que o homem de longa vida e muitos herdeiros, mas que não consegue desfrutar de toda a sua riqueza (6.3-6). Ou seja, o que poderia ser pior do que a dor e a escuridão de uma criança que já nasce morta, por mais terrível que isso seja? Segundo Eclesiastes, pior é a tragédia e as trevas daquele que vive para ter tudo — bens e posses, honra e herdeiros, com vida longa —, mas que desconhece o prazer e a satisfação que só Deus pode lhe conceder.

Os alertas de Eclesiastes não poderiam ser mais claros. Investir a vida na busca e no acúmulo das riquezas é algo por demais insatisfatório e infeliz. Com isso o próprio Senhor Jesus concordaria, pois ele também nos alertou para que ficássemos de sobreaviso contra todo tipo de ganância, afirmando que a vida de um homem não consiste da quantidade dos seus bens: “Cuidado! Evitai todo tipo de cobiça; pois a vida do homem não consiste na grande quantidade de coisas que ele possui” (Lc 12.15). Afinal de contas, ele mesmo também ensinou: “Pois quem quiser preservar sua vida, irá perdê-la; mas quem perder a vida por causa de mim e do evangelho, irá preservá-la. Pois que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua vida? Ou, que daria o homem em troca da sua vida?” (Mc 8.35-37).

Esse alerta não foi dado apenas para os que desconhecem e ignoram a Palavra de Deus, mas especialmente para os que já receberam a semente da Palavra, que pode muito bem ser sufocada pela preocupação desta vida e o engano das riquezas, tornando a Palavra infrutífera (veja Mt 13.22). Como se isso não bastasse, o apóstolo Paulo também alertou sobre a idolatria da ganância (Cl 3.5), além dos falsos mestres e seus seguidores dentro da própria igreja, que disseminam suas falsas doutrinas por pensarem que a piedade é fonte de lucro, movidos por sórdida ganância, o que o levou a concluir: "Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e por causa dessa cobiça alguns se desviaram da fé e se torturaram com muitas dores" (1Tm 6.10).

Somando todos esses alertas — de Salomão ao Senhor Jesus, de Eclesiastes aos evangelhos e às epístolas de Paulo — a mensagem não poderia ser mais clara. Não se entregue ao investimento insaciável e infeliz das riquezas!

Mas, então, onde devemos investir a nossa vida?

O quadro central desse tema está em Eclesiastes 5.18-20, onde se lê:

> *Aqui está o que concluí: o bom e agradável na vida é comer e beber, desfrutar o resultado de todo o seu duro trabalho debaixo do sol todos os dias da vida que Deus lhe deu. Essa é a sua recompensa.*
>
> *E, quanto ao homem a quem Deus deu riquezas e bens e capacidade para desfrutá-las, receba a sua parte e alegre-se*

com o seu trabalho, isso é um presente de Deus.

Pois não se lembrará muito dos breves dias da vida; porque Deus lhe enche o coração de alegria.

Ao concluir essa seção de Eclesiastes, Salomão emoldura para nós a sua lição principal: a verdadeira satisfação e a verdadeira felicidade não se encontram nas riquezas, mas em Deus, a fonte de toda riqueza e de toda vida! Ora, se as riquezas deste mundo não são capazes de nos saciar e nos alegrar plenamente, isso é evidência de que elas apontam para uma riqueza maior que este mundo, daquele de quem procede todo o bem e que é o Sumo Bem. Consequentemente, a satisfação e a felicidade plena nesta vida não vêm do nosso trabalho, do nosso esforço ou da nossa prosperidade, mas somente da graça e benevolência de Deus para conosco.

Vale ressaltar uma vez mais que a satisfação e a alegria pelas quais a nossa alma tanto anseia não são consequência natural e necessária do nosso trabalho, esforço e conquistas, por mais importantes que sejam essas coisas. A alegria plena, profunda e perpétua só se encontra na presença de Deus e naquilo que ele nos dá para nossa satisfação — independentemente do nosso nível de riqueza, do reconhecimento do nosso trabalho ou da qualidade da nossa vida neste mundo.

Portanto, não importa qual seja sua função, ocupação ou remuneração, o que realmente importa é onde está o seu coração. Somente aqueles cujo coração estiver satisfeito em Deus em primeiro lugar viverão de fato satisfeitos e contentes neste mundo

e, portanto, estarão livres para desfrutar deste mundo e das suas riquezas.

O investimento eterno

Repetindo o resumo do magnata Andrew Carnegie, citado no início deste capítulo: "O homem tem de ter um ídolo: o acúmulo de riquezas é uma das piores espécies de idolatria. Nenhum ídolo é mais degradante que a adoração ao dinheiro". Outra maneira de dizer isso é que todo ser humano precisa de um senhor ou deus, e o próprio Senhor Jesus Cristo nos alertou a esse respeito: "Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas" (Mt 6.24).

Então, quem é o seu senhor? Quem é o seu deus? Em quem você está procurando a sua satisfação e felicidade? Em que você está investindo a sua vida? Na insatisfação e na infelicidade das riquezas? Ou na satisfação e na felicidade do Senhor, aquele que é a nossa suprema riqueza?

Tragicamente, todos nós já fomos, de uma forma ou de outra, seduzidos e arrastados pelo engano das riquezas. Porém, de forma gloriosa e misericordiosa, Jesus Cristo, o Filho de Deus, deixou a riqueza do seu lugar de glória para fazer-se um Servo Sofredor na cruz do Calvário, a fim de que nós, pobres pecadores, fôssemos enriquecidos, perdoados e resgatados pela sua graça (veja 2Co 8.9)! Hoje o nosso Senhor está pronto a nos perdoar a loucura, a tolice e os excessos dos nossos investimentos insaciáveis e infelizes na riqueza. Mas ele também está pronto para renovar a

nossa satisfação e alegria em Deus, o nosso Sumo Bem e o nosso melhor e eterno investimento.

---

[1] Timothy Keller, *Deuses falsos: eles prometem sexo, poder e dinheiro, mas é disso que você precisa?* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010), p. 74.

[2] Devo esta observação da estrutura do texto a Douglas O'Donnell, *Ecclesiastes* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2014), p. 122-3. Em seu livro, O'Donnell faz referência à obra de Sidney Greidanus, *Preaching Christ from Ecclesiastes: foundations for expository sermons* (Grand Rapids: Eerdmans, 2010), p. 137-56.

[3] De difícil tradução e com diversas possíveis interpretações, Ec 5.9 pode ser mais bem entendido em seu contexto como um contraponto à exploração burocrática descrita no versículo 8; veja Michael Eaton, *Ecclesiastes* (Downers Grove: InterVarsity, 1983), p. 101, conforme bem expresso pela NVI: "Mesmo assim, é vantagem a nação ter um rei que a governe e que se interesse pela agricultura".

[4] Veja Wayne Grudem, *Política segundo a Bíblia: princípios que todo cristão deve conhecer* (São Paulo: Vida Nova, 2014).

[5] Michael Horton, *A lei da perfeita liberdade: a ética bíblica a partir dos Dez Mandamentos* (São Paulo: Cultura Cristã, 2000), p.

212.

[6] Cf. John Benton, *Cristãos em uma sociedade de consumo* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002).

CAPÍTULO 10

SABEDORIA NO SOFRIMENTO

Eclesiastes 6.10—7.14

Seja o que for, já foi chamado pelo nome há muito tempo e já se sabe o que acontecerá ao homem. Ninguém pode lutar contra alguém mais forte. Quanto mais palavras, mais ilusão. Que proveito o homem tira delas? Porque, quem sabe o que é bom para o homem nesta vida, nos poucos dias da sua vida de ilusão, que se vai como uma sombra? Quem lhe contará o que acontecerá debaixo do sol depois que ele se for? Melhor é o bom nome do que o perfume caro, e o dia da morte é melhor que o dia do nascimento. Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete; pois a morte é o fim de todos os homens; que os vivos reflitam nisso em seu coração. Melhor é a tristeza do que o riso, porque o rosto triste torna melhor o coração. O coração dos sábios está na casa onde há luto, mas o coração dos tolos, na casa da alegria. Melhor é ouvir a repreensão do sábio do que a canção dos tolos.

O riso do tolo é como o estalo dos espinhos debaixo da panela; é um absurdo. De fato, a opressão transforma o sábio em tolo, e o

suborno corrompe o coração.

Melhor é o fim de uma coisa do que o seu início; melhor é o paciente do que o arrogante. Não te ires depressa no teu espírito, porque a ira se aloja no íntimo dos tolos. Não digas: Por que os dias passados foram melhores que os de hoje? Porque essa pergunta não vem da sabedoria. A sabedoria é tão boa como a herança e beneficia aqueles que veem o sol. Porque a sabedoria serve de defesa, assim como o dinheiro serve de defesa, mas a vantagem da sabedoria é que ela preserva a vida de quem a possui. Considera as obras de Deus: Quem poderá endireitar o que ele fez torto? Alegra-te no dia da prosperidade, mas no dia da adversidade considera: Deus fez tanto um como o outro, para que o homem não descubra nada do que virá depois.

O testemunho de Horatio Spafford

Horatio Gates Spafford foi um advogado americano muito bem-sucedido, que viveu em Chicago em meados do século 19. Era um cristão muito devoto e foi amigo pessoal do grande evangelista Dwight Lyman Moody. Além de seu sucesso profissional e de sua devoção pessoal, Spafford também foi um homem bastante experimentado na dor e no sofrimento. Às vésperas do grande incêndio que castigou a cidade de Chicago em outubro de 1871, Horatio havia investido uma parcela significativa dos seus recursos em investimentos imobiliários na cidade, os quais foram destruídos da noite para o dia.

À semelhança de Jó, porém, o pior sofrimento de Spafford ainda estava por vir. Em novembro de 1873, Horatio planejou uma viagem com sua esposa e as quatro filhas para a Europa para um tempo de descanso junto ao seu amigo Dwight Moody, que se encontrava na Escócia. Porém, Horatio precisou se deter em Chicago a fim de resolver pendências de trabalho, enquanto sua esposa e filhas foram na frente, e partiram em uma viagem marítima para a Europa. Em um trágico acidente, o navio em que se encontravam a esposa e as quatro filhas de Horatio Spafford foi atingido por uma outra embarcação, resultando no naufrágio que ceifou a vida de suas filhas, mortas por afogamento. Dias depois, após ser resgatada inconsciente, mas com vida, a esposa de Horatio lhe escreveu: "Salva sozinha".

Assim que recebeu o recado de sua esposa, ele pegou o primeiro navio para a Europa e, após passar pelo local onde havia acontecido a tragédia que resultou na morte de suas quatro filhas, ele compôs os versos do famoso hino "Sou feliz" (HCC 398).[1]

Se paz a mais doce me deres gozar,
Se dor a mais forte sofrer;
Ó, seja o que for, tu me fazes saber
Que feliz com Jesus sempre sou.

O testemunho de Horatio Spafford ilustra bem aquilo que Eclesiastes ressalta para nós na seção que vamos estudar neste capítulo. É justamente nos momentos de maior sofrimento que mais precisamos e dependemos da sabedoria de Deus para viver e sobreviver neste mundo. Em primeiro lugar, Eclesiastes nos

mostrará nossa carência da sabedoria de Deus (6.10-12). E, logo em seguida, ele nos apontará alguns caminhos práticos da sabedoria de Deus neste mundo (7.1-14).

Sabedoria para viver e sobreviver

Vejamos primeiramente o que está escrito em Eclesiastes 6.10-12:

> *Seja o que for, já foi chamado pelo nome há muito tempo e já se sabe o que acontecerá ao homem. Ninguém pode lutar contra alguém mais forte.*
>
> *Quanto mais palavras, mais ilusão. Que proveito o homem tira delas?*
>
> *Porque, quem sabe o que é bom para o homem nesta vida, nos poucos dias da sua vida de ilusão, que se vai como uma sombra? Quem lhe contará o que acontecerá debaixo do sol depois que ele se for?*

Ao chegarmos ao final do capítulo 6, justamente na metade do livro de Eclesiastes, parece que o sábio oferece um breve resumo de tudo o que já apresentou nos capítulos anteriores (v. 10,11). Em outras palavras, o livro já colocou todas as cartas na mesa e já mostrou todas as possíveis combinações possíveis desta vida, sendo que o resultado é sempre o mesmo: "Seja o que for, já foi chamado pelo nome há muito tempo e já se sabe o que acontecerá ao homem" (v. 10a).

Mais especificamente, já vimos que viver pela sabedoria deste mundo é vaidade. Viver pelos prazeres deste mundo é vaidade. Viver pelas riquezas deste mundo é vaidade. Viver pela religião deste mundo também é vaidade. Por mais que o ser humano queira lutar contra as circunstâncias e condições desta vida e contra o Deus soberano sobre este mundo, não é possível alterar as regras do jogo para alcançar outro resultado (v. 10b). E pior, quanto mais o ser humano quiser protestar, mais ele afundará em sua própria tolice, e sem proveito algum (v. 11). Em resumo, o mundo é o que é por conta dos limites impostos por Deus e também por conta da nossa rebeldia contra a autoridade divina soberana, que resulta na vaidade e no vazio da vida longe de Deus e sem Deus.

Daí chegamos aos questionamentos presentes no texto (v. 12). Quem sabe o que é realmente bom para o homem nesta vida curta, dura e incerta que temos para viver? E quem pode responder o que lhe acontecerá quando tudo isso passar? A partir desses questionamentos, Eclesiastes constata a nossa carência da sabedoria de Deus, cujos caminhos apontados em seguida podem e devem nos surpreender. Vejamos o que diz Eclesiastes 7.1-4:

> *Melhor é o bom nome do que o perfume caro, e o dia da morte é melhor que o dia do nascimento.*
>
> *Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete; pois a morte é o fim de todos os homens; que os vivos reflitam nisso em seu coração.*

Melhor é a tristeza do que o riso, porque o rosto triste torna melhor o coração.

O coração dos sábios está na casa onde há luto, mas o coração dos tolos, na casa da alegria.

Segundo Salomão, o caminho de um funeral é melhor que o de um festival.[2] Essa orientação inicial começa com uma comparação entre o valor superior da nossa reputação acima da nossa riqueza, ou seja, "um bom nome" é melhor que "um perfume caro" (v. 1a). Isso, por si só, já é uma tremenda lição, especialmente em uma época que valoriza mais o "se dar bem" do que o "viver bem"; mais a riqueza externa material do que a riqueza interna moral e espiritual, mesmo dentro da própria igreja. Todavia, a prosperidade que mais importa para Deus é a prosperidade do nosso caráter, e não da nossa carteira, segundo as palavras de Eclesiastes.

A comparação inicial, no entanto, serve apenas de ponte para outra comparação mais importante entre o dia da nossa morte e o dia do nosso nascimento (v. 1b). Nos versículos seguintes, Salomão ressalta várias vezes o benefício superior de frequentar a casa em luto em comparação à casa em festa, pois há mais sabedoria em um funeral do que em um festejo (v. 2-4)

Mas o que isso significa? Certamente não significa que a sabedoria de Deus nos impede de festejar e celebrar as coisas boas da vida, como nascimentos, casamentos, formaturas, promoções e outras tantas alegrias e marcos da nossa vida. O próprio sábio de Eclesiastes já nos disse anteriormente que alegrar-se neste

mundo é um presente de Deus (2.26; 3.12,13; 5.18-20). Além do mais, o próprio Senhor Jesus Cristo, o homem sábio por excelência, não se privou de participar das bodas de Caná, nem das festas no templo de Jerusalém, muito menos das recepções festivas que lhe foram oferecidas nos lares que o convidaram. Portanto, não devemos confundir uma vida sábia com uma vida sombria, lúgubre e tristonha, que se priva de toda e qualquer alegria desta vida, mesmo que passageira.

O que Eclesiastes quer nos mostrar, na verdade, é que, comparativamente, há muito mais sabedoria em um funeral do que em uma festa, por uma razão óbvia. Por melhor que seja celebrar as coisas boas do viver, a vida como nós a conhecemos neste mundo chegará a um fim para todos nós. Por isso, quanto mais cedo encararmos os fatos e nos prepararmos para o fim, melhor saberemos viver aqui com sabedoria.

Isso pode parecer muito estranho para nós em nosso tempo, pois pouco falamos e refletimos sobre a morte, até mesmo evitando o tema dentro da própria igreja. Porém, gerações passadas de cristãos consideravam esse assunto algo muito sério. Jonathan Edwards, por exemplo, escreveu em sua nona resolução: "Resolvi meditar bastante, em todas as ocasiões, sobre minha própria morte e sobre circunstâncias comuns relacionadas à morte".[3] Charles Spurgeon também disse certa vez: "Falemos, portanto, sobre como nos prepararmos para a morte. É a coisa mais importante que temos para fazer, e temos que fazê-la, então falemos e pensemos algo a seu respeito".[4] Com isso as próprias Escrituras concordam, conforme registra o salmo 90.12: "Ensina-

nos a contar nossos dias para que alcancemos um coração sábio". Assim, tanto nas Escrituras como na história da igreja, preparar-se para morrer bem é indispensável para saber viver bem.

Que contraste marcante com a nossa época! Por um lado, a geração atual da igreja quer saber como escapar e fugir da morte — além da dor, do sofrimento e da aflição —, o que se pode constatar de diversas formas. Basta observar o culto à estética e à juventude prolongada, que quer retardar indefinidamente o envelhecimento, como se a idade nunca fosse chegar. Ou até mesmo o culto ao consumo, que alguns já identificaram como uma espécie de projeto de autorrenovação, em que consumimos coisas novas justamente para nos sentirmos sempre jovens e não velhos, desgastados e ultrapassados e, portanto, mais próximos da morte.[5] Por outro lado, as gerações anteriores desejavam saber como encarar e se preparar bem para a morte, e nisso há muito mais sabedoria. Afinal, um dia todos nós morreremos e, quanto mais cedo nos prepararmos para isso, mais prontos estaremos para enfrentar a morte quando chegar a hora.

Então, quão decididos estamos a meditar no fim da nossa própria vida, justamente para sabermos como melhor viver e aproveitar a vida curta que temos neste mundo? Em minha própria experiência pastoral, posso testemunhar que, por maiores que sejam as alegrias dos nascimentos, batismos e casamentos celebrados em minha igreja local e por mais profundas que sejam as tristezas das despedidas e separações que já testemunhei após pouco mais de uma década de ministério, nada tem me servido melhor para meditar sobre os rumos da minha vida do que os

sepultamentos dos quais participei como pastor. Nessas ocasiões, eu me pergunto: O que estou fazendo com a minha vida? Que legado e herança deixarei para trás? Como serei lembrado pelos que sobreviverem a mim? Como estou levando minha vida à luz da esperança por vir? Não há outro contexto em que eu poderia refletir sobre essas questões senão diante da realidade da morte.

Eclesiastes 7.5,6 prossegue:

> *Melhor é ouvir a repreensão do sábio do que a canção dos tolos.*
>
> *O riso do tolo é como o estalo dos espinhos debaixo da panela; é um absurdo.*

Continuando do ponto anterior, o texto nos recomenda a considerar mais a repreensão dos sábios do que a canção e o riso dos tolos (v. 5). Isso porque, assim como acontece com o estalo dos galhos espinhosos usados como lenha para aquecer uma panela (i.e., produzindo uma fagulha rápida e barulhenta e um calor repentino, porém passageiro), assim também o riso dos tolos pode produzir uma alegria rápida e barulhenta, mas passageira (v. 6).[6] Muito melhor do que esse estalo de alegria repentina e tola, porém, é o benefício de sentar-se aos pés de um sábio e ouvir seus conselhos, por mais duros e desafiadores que sejam.

Nisso também vemos um contraste marcante com o nosso tempo e com a nossa cultura. Vivemos nos tempos de tantas risadas fáceis — com os videozinhos de YouTube e WhatsApp, por exemplo — e de canções tolas que exaltam uma vida impensada e irrefletida — como em "o acaso vai me proteger enquanto eu andar distraído…",[7] "vou deixar a vida me levar pra onde ela

quiser…”[8] ou “deixa a vida me levar, vida leva eu!”.[9] Já Eclesiastes ressalta que a vida é dura e curta demais para ser gasta em frivolidades e superficialidades. Muito melhor do que ser embalado pelos versos e risos vazios, a fim de fugir da realidade dura que nos cerca, é sentar com alguém que possa nos confrontar com a dureza da vida e, dessa forma, aprender suas duras lições, assim como Eclesiastes tem feito até aqui. E quão mais importante isso é dentro da própria igreja, onde devemos nos reunir para ouvir os conselhos muitas vezes duros e desafiadores da Palavra de Deus — seja do pastor, seja de outro pregador, seja de um irmão ou irmã mais maduro ou madura na fé — em vez de buscar canções sentimentais e vazias da nossa época ou histórias e anedotas do pregador do momento, que só quer nos entreter com uma risada fácil e passageira.

Portanto, não busquemos a igreja para termos o ego afagado e o coração acariciado com palavras doces, amanteigadas e aveludadas, mas sim para termos nosso ego confrontado e quebrantado pelas palavras vivas e eficazes do Senhor, as quais podem nos conceder sabedoria para esta vida.

Na sequência da passagem, lemos o que está registrado em Eclesiastes 7.7-12:

> *De fato, a opressão transforma o sábio em tolo, e o suborno corrompe o coração.*
>
> *Melhor é o fim de uma coisa do que o seu início; melhor é o paciente do que o arrogante.*

Não te ires depressa no teu espírito, porque a ira se aloja no íntimo dos tolos.

Não digas: Por que os dias passados foram melhores que os de hoje? Porque essa pergunta não vem da sabedoria.

A sabedoria é tão boa como a herança e beneficia aqueles que veem o sol.

Porque a sabedoria serve de defesa, assim como o dinheiro serve de defesa, mas a vantagem da sabedoria é que ela preserva a vida de quem a possui.

Nesse trecho, Salomão mostra que o caminho da esperança é melhor que o da exasperação. Até aqui, Eclesiastes já nos orientou a não desperdiçarmos o luto (v. 1-4), nem tampouco a repreensão dos mais sábios (v. 5,6). Agora, ele nos orienta a não desperdiçarmos as demais adversidades nesta vida. Isso porque, para alguns, a opressão e a corrupção deste mundo caído podem convencê-los a seguir o caminho tolo e corrupto deste mundo (v. 7). Para outros, a tolice pode levá-los a se irar a ponto de ficarem possuídos pela indignação com esta vida (v. 9). Já para outros, a tolice pode conduzi-los pelo caminho da nostalgia, achando que os tempos passados seriam melhores que os presentes (v. 10).

Qualquer uma dessas alternativas, diz Eclesiastes, é tolice e puro orgulho, pois cada uma delas supõe que, se nós não conseguimos imaginar uma alternativa ou solução para a situação presente e corrupta deste mundo, então não existe saída senão viver conforme o mundo (v. 7), ou viver irado com o mundo (v. 9),

ou viver nostálgico por outro tempo e outro mundo (v. 10). Contudo, segundo o sábio, melhor do que se exasperar com este mundo é viver esperançoso, sabendo que o fim das coisas será melhor do que o seu início (v. 8). Ou seja, nós sabemos como será o fim da história, e sabemos que Deus tem um tempo e um propósito para tudo. Então, sejamos pacientes e esperemos nele, mesmo diante das adversidades desta vida! É justamente dessa sabedoria que nós mais precisamos, pois é isso que pode nos proteger e nos guardar nesta vida, mais do que qualquer riqueza ou herança (v. 11,12).

Que diante das adversidades da existência e de suas tentações, nós guardemos o nosso coração, pois dele depende toda a vida (veja Pv 4.23; Ec 7.3,4,7,9)! Assim, guardemos o coração contra toda sorte de cinismo e ceticismo dos tolos (v. 7). Guardemos o coração contra a ira enrustida dos tolos (v. 9). Guardemos o coração contra a nostalgia dos tolos (v. 10). Enfim, não nos exasperemos com a maldade que nos cerca, mas esperemos no Senhor e na sua sabedoria (v. 8).

Por fim, vejamos o que está registrado em Eclesiastes 7.13,14:

> *Considera as obras de Deus: Quem poderá endireitar o que ele fez torto?*
>
> *Alegra-te no dia da prosperidade, mas no dia da adversidade considera: Deus fez tanto um como o outro, para que o homem não descubra nada do que virá depois.*

O caminho da confiança em Deus é melhor do que o do controle sobre a vida. Eclesiastes encerra esse trecho trazendo à

tona uma visão antiga de Deus, porém praticamente abandonada em nossa época, a saber, a visão da absoluta soberania divina sobre todas as nossas circunstâncias. Se tal visão foi tão abandonada nas últimas gerações, é justamente porque ela nos confronta com a verdade de que nós não estamos no controle do mundo e de suas circunstâncias, mas somente o Senhor detém todo o controle sobre a nossa vida. Por isso, conclui o sábio, melhor do que viver como se fosse possível controlar tudo é crer e confiar que Deus está no controle de absolutamente todas as coisas — quer sejam boas, quer sejam más. E por que Deus permite tanto umas como as outras? Exatamente para lembrar que apenas ele é Deus e só ele conhece todas as situações, presentes ou futuras, e nós não: "Deus fez tanto um como o outro, para que o homem não descubra nada do que virá depois" (v. 14b).

Nisso Eclesiastes não está só, pois outros servos de Deus confessaram a mesma coisa. Como é o caso de Isaías, refletindo sobre o cativeiro de Israel na Babilônia: "Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu sou o Senhor que faço todas estas coisas" (Is 45.7). Ou como fez Jeremias, lamentando a destruição de Jerusalém por conta de seus pecados: "Não é o Altíssimo que envia tanto o mal como o bem?" (Lm 3.38). Ou ainda como Jó, refletindo sobre suas circunstâncias pessoais adversas: "Por acaso receberemos de Deus apenas o bem e não também a desgraça? [...] O SENHOR o deu, e o SENHOR o tirou; bendito seja o nome do SENHOR" (Jó 2.10; 1.21). Portanto, por mais que tentemos viver de maneira diferente, mais cedo ou mais tarde aprenderemos que a vida simplesmente foge do nosso controle,

por mais precavidos e previdentes que sejamos — seja diante de uma enfermidade repentina, seja uma privação financeira inesperada, seja uma perda surpreendente e duramente sentida.

Em suma, quando os dias forem bons, diz Eclesiastes, saibamos aproveitá-los bem; e, quando forem maus, não deixemos de olhar para Deus. Ou, como bem resumiu Philip Ryken, devemos louvar a Deus em toda nossa prosperidade e confiar em Deus em toda nossa adversidade.[10]

Santa sabedoria

Nossa vida deve repetir a vida dos servos de Deus no passado, conforme vimos no início deste capítulo na história de Horatio Spafford, um servo de Deus que provou tanto da prosperidade como da adversidade. Assim como ele confessou, nós também devemos confessar:

Se paz a mais doce me deres gozar,
Se dor a mais forte sofrer;
Ó, seja o que for, tu me fazes saber
Que feliz com Jesus sempre sou.

Ora, de onde veio tamanha confiança e sabedoria na hora de sua maior provação e necessidade? Como ele mesmo disse em seu famoso e belo hino: de Jesus, o Senhor. Afinal, Jesus Cristo é aquele cujo fim foi melhor que o seu início, cuja morte foi mais bendita do que o dia do seu nascimento (Ec 7.1,8). Jesus Cristo foi aquele que sofreu toda a adversidade deste mundo, esperando

com paciência em Deus Pai e confiando no Senhor tanto nos dias bons como nos dias maus, especialmente no mais cruel dos dias — o dia de sua morte na cruz do Calvário, para nos libertar da corrupção e da condenação deste mundo (v. 8,13,14).

É somente pelo luto e pelo sofrimento de Cristo no Calvário que podemos aprender a viver com sabedoria em meio aos nossos lutos e sofrimentos passageiros nesta vida. E, enquanto Jesus não vem para completar a história e consumar os seus propósitos neste mundo, podemos confiar e esperar pacientemente nele, quer na prosperidade, quer na adversidade.

---

[1] Silas Daniel, *A história dos hinos que amamos* (Rio de Janeiro: CPAD, 2016), p. 16-9.

[2] Frase inspirada no pensamento de Matthew Henry, que disse certa vez: "Há mais proveito em ir a um funeral do que a um festival". Citado por Philip Ryken, *Ecclesiastes: why everything matters* (Wheaton: Crossway, 2010), p. 152.

[3] Stephen J. Lawson, *As firmes resoluções de Jonathan Edwards* (São José dos Campos: Fiel, 2010), p. 149.

[4] Ryken, p. 153.

[5] John Benton, *Cristãos em uma sociedade de consumo* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002).

[6] Michael Eaton, *Ecclesiastes* (Downers Grove: InterVarsity, 1983), p. 110.

[7] "Epitáfio", *A melhor banda de todos os tempos da última semana*, Titãs, 2002.

[8] "Vou deixar", *Cosmotron*, Skank, 2003.

[9] "Deixa a vida me levar", *Deixa a vida me levar*, Zeca Pagodinho, 2002.

[10] Ryken, p. 165.

CAPÍTULO 11

MUNDO CAÍDO, PESSOAS CAÍDAS

Eclesiastes 7.15-29

Nesta minha vida absurda, já vi de tudo: Há o justo que morre, apesar da sua justiça; e há o ímpio que tem vida longa, apesar da sua maldade. Não sejas justo demais, nem sábio demais; por que te destruirias a ti mesmo? Não sejas ímpio demais, nem sejas tolo; por que morrerias antes do tempo? Bom é reter uma coisa e não abrir mão da outra, pois quem teme a Deus escapa de tudo isso. A sabedoria torna o sábio mais poderoso do que dez governantes numa cidade. Pois não há um só homem justo sobre a terra, que só faça o bem e nunca peque. Não escutes todas as palavras que se dizem, para que não venhas a ouvir o teu servo criticar-te; pois tu sabes também que muitas vezes criticaste outros. Tudo isso examinei segundo a sabedoria e disse: Serei sábio, mas a sabedoria ficou longe de mim. Tudo o que já se foi é incompreensível e muito profundo; quem o poderá entender? Eu dediquei o coração a aprender, examinar e buscar a sabedoria e a razão de tudo, para compreender a insensatez da impiedade e a loucura da tolice. Descobri uma coisa mais amarga que a morte: a mulher que

serve de laço, cujo coração é armadilha e cujas mãos são correntes. Quem agradar a Deus escapará dela; mas o pecador será preso por ela. Vede, diz o sábio, foi isto que descobri ao comparar uma coisa com outra e assim achar a causa; causa que ainda busco, mas não a achei: entre mil homens achei apenas um justo, mas entre todas as mulheres não achei nenhuma. O que descobri foi apenas isto: Deus fez os homens justos, mas eles buscaram muitas complicações.

O que há de errado com este mundo?

Imagine que você esteja caminhando por um bosque em plena primavera e aviste uma árvore sem nenhuma folha nem frutos em seus galhos. Enquanto todas as demais árvores ao redor do bosque florescem e frutificam, essa árvore não demonstra sinal algum de vida. Ao examiná-la mais de perto, você descobre que todo o tronco está apodrecido, bem como as suas raízes, expostas e ressecadas. A conclusão óbvia é que a árvore não produz folhas nem frutos porque não há mais vida nela. Ela está morta, não só em aparência, mas desde sua essência.

Ao caminharmos pela próxima seção de Eclesiastes, descobriremos algo semelhante na reflexão de Salomão acerca do mundo em que vivemos. Primeiramente ele constata sinais claros de que há algo de errado no mundo, como sinais de corrupção e decadência — algo semelhante aos galhos infrutíferos de uma árvore (7.15-18). Isso o leva, em seguida, a examinar a essência do problema — comparável ao tronco e às raízes daquela árvore

adoecida e apodrecida (7.19-26). A conclusão, então, torna-se clara: vivemos em um mundo caído repleto de pessoas caídas, tanto em sua aparência como em sua essência (7.27-29)!

Morte em essência e em aparência

Para começar nossa análise, vamos observar o que está escrito em Eclesiastes 7.15-18:

> *Nesta minha vida absurda, já vi de tudo: Há o justo que morre, apesar da sua justiça; e há o ímpio que tem vida longa, apesar da sua maldade.*
>
> *Não sejas justo demais, nem sábio demais; por que te destruirias a ti mesmo?*
>
> *Não sejas ímpio demais, nem sejas tolo; por que morrerias antes do tempo?*
>
> *Bom é reter uma coisa e não abrir mão da outra, pois quem teme a Deus escapa de tudo isso.*

Voltamos a ouvir a voz do sábio de Eclesiastes em primeira mão, especialmente em relação a uma situação por demais sem sentido: o justo que morre precocemente em sua justiça e o ímpio que tem vida longa em sua impiedade (v. 15). Isso deve nos causar estranheza, pois a própria Bíblia muitas vezes prevê o castigo para os ímpios e a recompensa para os justos ainda nesta vida. Basta lembrar do exemplo de Salmos 1.3,4, em que o justo é comparado a uma árvore frondosa e frutífera que prospera em

tudo o que faz, enquanto o ímpio é comparado à palha seca que o vento leva.

Contudo, na absoluta soberania de Deus e na configuração deste mundo caído, o que é geralmente verdadeiro nem sempre se concretiza em cada caso específico, desde os tempos de Eclesiastes até hoje. Por isso, em países onde a igreja é perseguida, ainda hoje ouvimos falar de mártires cristãos que morrem precocemente por sua fé nas mãos de ministros e governantes poderosos, que vivem até a longa idade. Mesmo em países livres, temos conhecimento de santos que terminam a vida cedo e sem conforto, enquanto os sabidos e espertos deste mundo vivem muito e com bastante conforto até o fim de seus dias.

Diante desse cenário confuso, Eclesiastes nos traz um alerta duplo. A princípio, esse alerta soa como o cinismo moral deste mundo, que tenta não se comprometer demais nem com a justiça nem com a impiedade: "Não sejas justo demais, nem sábio demais; por que te destruirias a ti mesmo? Não sejas ímpio demais, nem sejas tolo; por que morrerias antes do tempo?" (v. 16,17). Contudo, no contexto, Eclesiastes está denunciando aqui dois extremos opostos (v. 18). Por um lado, devemos evitar a vida entregue à tolice da impiedade, que somente atrai mais a ira de Deus (v. 17). Apesar de todos nós tropeçarmos na tolice e na impiedade, isso não é o mesmo que entregar-se a uma vida impiedosa. Por outro lado, devemos evitar a vida confiante em nossa própria justiça e sabedoria, como se isso fosse uma garantia líquida e certa de uma vida isenta de provações e dificuldades (v. 16). Ou seja, existe uma diferença entre viver de forma justa e

sábia em reconhecimento da justiça de Deus e viver como se Deus estivesse obrigado a reconhecer e recompensar nossa justiça própria.

Em resumo, Eclesiastes aqui está denunciando os extremos da autoconfiança humana em um mundo caído: seja a confiança excessiva na impiedade humana ("Quem é Deus para me julgar se todos agem assim?") ou a confiança excessiva na piedade humana ("Quem é Deus para permitir que eu seja prejudicado se eu ajo diferente de todo mundo?"). Por fim, só o temor de Deus pode nos livrar de ambos os extremos (v. 18): do "excesso" da impiedade, afinal, devemos nossa obediência a Deus; e do "excesso" da piedade, afinal, Deus não nos deve coisa alguma.[1]

Qual desses extremos mais representa uma tentação para você? O extremo da impiedade ou o extremo da piedade? Seja qual for sua resposta, devemos todos temer a Deus, pois somos nós que lhe devemos a vida, e não o contrário!

O sábio prossegue registrando o seguinte em Eclesiastes 7.19-26:

> *A sabedoria torna o sábio mais poderoso do que dez governantes numa cidade.*
>
> *Pois não há um só homem justo sobre a terra, que só faça o bem e nunca peque.*
>
> *Não escutes todas as palavras que se dizem, para que não venhas a ouvir o teu servo criticar-te;*
>
> *pois tu sabes também que muitas vezes criticaste outros.*

Tudo isso examinei segundo a sabedoria e disse: Serei sábio, mas a sabedoria ficou longe de mim.

Tudo o que já se foi é incompreensível e muito profundo; quem o poderá entender?

Eu dediquei o coração a aprender, examinar e buscar a sabedoria e a razão de tudo, para compreender a insensatez da impiedade e a loucura da tolice.

Descobri uma coisa mais amarga que a morte: a mulher que serve de laço, cujo coração é armadilha e cujas mãos são correntes. Quem agradar a Deus escapará dela; mas o pecador será preso por ela.

Na sequência, Eclesiastes retorna ao princípio fundamental de que, em um mundo caído, a sabedoria é o nosso bem mais valioso (v. 19). Se antes Salomão disse que a sabedoria é mais preciosa que a riqueza (v. 11,12), agora ele afirma que ela torna o sábio mais poderoso que uma cidade guardada por dez valentes (v. 19; i.e., uma cidade completamente protegida). A pergunta seguinte, porém, é óbvia: onde estão esses sábios neste mundo caído? A resposta é igualmente óbvia: não há sequer um inteiramente justo e sábio neste mundo (v. 20).

Isso não significa que os habitantes deste mundo, mesmo os incrédulos e os que não temem a Deus, não sejam capazes de praticar algum bem ou alguma justiça. Podemos pensar em familiares, vizinhos e colegas descrentes que demonstram diversas virtudes, às vezes maiores e melhores que nossos

conhecidos crentes. O que a Bíblia ensina em Eclesiastes 7.20 e em tantas outras passagens é que, apesar de não sermos tão ruins quanto poderíamos ser, nenhum de nós é tão bom quanto deveria ser. Não há ninguém inteiramente justo, bom e que nunca peque (veja 1Rs 8.46; Sl 143.2; Rm 3.9-20). E, se alguém duvida disso, que tente ser inteiramente justo e bom de todas as suas forças por apenas um dia inteiro — a começar pelo uso da sua língua (Ec 7.21,22).

Então, quais são as evidências de que vivemos em um mundo caído repleto de pessoas caídas? Em primeiro lugar, repare nas palavras tolas que ouvimos e dizemos (v. 21,22). Aliás, segundo Eclesiastes, comece por não reparar tanto no que as pessoas dizem e falam, especialmente sobre você (v. 21). É como os pais que procuram a professora do filho na escola ou na igreja, preocupados com tudo de mau que ele lhes conta sobre ela, ao que a professora responde: "Pais, não deem crédito a tudo que o seu filho diz a meu respeito, assim como eu não dou crédito a tudo que eles dizem a respeito de vocês". Em outras palavras, devemos aprender a filtrar bem tudo que chega aos nossos ouvidos, especialmente aquilo que diz respeito a nós, não importa se tenha vindo de alguém na família, no trabalho ou na própria igreja. Como sugeriu o sábio pregador Charles Spurgeon, deveríamos aprender a ser cegos de um olho e surdos de um ouvido.[2]

Até porque, segundo Eclesiastes, se os outros falam mais do que devem, inclusive sobre nós, nós também já falamos demais sobre os outros (v. 22). Portanto, além de cuidarmos melhor do que entra pelos nossos ouvidos, cuidemos melhor do que sai da

nossa boca. Assim, a julgar somente pelo que ouvimos e falamos, já podemos reconhecer nossa tolice e falta de sabedoria.

Em segundo lugar, repare também como nossos pensamentos são limitados (v. 23,24). Mediante a constatação da nossa falta de sabedoria e entendimento, o sábio de Eclesiastes novamente se lança à procura da sabedoria com todas as suas forças, somente para descobrir que ela estava fora do seu alcance. Assim como o sol está além do alcance do ser humano, por mais que ele se lance ao espaço, ou como as profundezas do mar estão fora de seu alcance, apesar das tentativas de desbravar o fundo dos oceanos, assim também a sabedoria está fora do nosso alcance. Por isso, quanto mais conhecemos a Deus e ao mundo que ele criou, mais deveríamos reconhecer nossa própria limitação, isto é, o que João Calvino chamou de nossa "ignorância sabida".[3] Portanto, não só nossas palavras limitadas, mas nossos pensamentos limitados apontam para a nossa carência da sabedoria e da graça de Deus neste mundo caído.

Terceiro, repare nas paixões perigosas que nos cercam (v. 25,26). Mediante uma busca renovada pela sabedoria (v. 25), Eclesiastes aponta mais uma evidência de que vivemos em um mundo caído, de pessoas caídas: as paixões perigosas que nos cercam (v. 26). Aqui, Salomão identifica uma paixão perigosa em particular, uma "atração fatal", corroborada por sua própria experiência pessoal: a atração sedutora da mulher imoral, impiedosa e incrédula. Lembremos que foi justamente por conta das muitas mulheres que Salomão acumulou em seu harém, fruto das suas alianças políticas, que seu coração se desviou do Senhor

e de sua sabedoria (veja 1Rs 11.1-6). Não é à toa, portanto, que no livro de Provérbios ele tenha personificado a insensatez como uma mulher sedutora e enganosa, que deseja tragar a vida dos que a ouvem e seguem pelo seu caminho (veja Pv 9.13-18). E novamente vemos aqui o alerta para que o homem piedoso fuja do enlace e da armadilha dessa mulher, antes que seja tarde demais.

Neste mundo repleto de paixões perigosas, portanto, Eclesiastes alerta os que agradam a Deus a fugirem dessas "atrações fatais", antes que elas os destruam! Seja a "atração fatal" de um relacionamento íntimo com alguém com um rostinho bonito e uma conversa agradável, mas cujo coração não teme a Deus. Seja a "atração fatal" dos muitos rostos e corpos sedutores apresentados pela indústria da pornografia, que querem sufocar a nossa alegria maior no Senhor com os prazeres passageiros deste mundo. Seja a "atração fatal" da indústria sedutora e enganosa do entretenimento e do consumo, que quer nos embalar com seus enredos e suas ofertas de satisfação imediata às custas da nossa gratificação suprema e final em Deus.

Portanto, diante deste mundo caído, de pessoas caídas, e diante das palavras tolas, dos pensamentos limitados e das paixões perigosas que nos cercam, devemos nos perguntar: quanto temos buscado em Deus, com todas as nossas forças, a sabedoria de que tanto precisamos para viver no temor do Senhor (v. 25)? Estamos firmes e fortes como aquela cidade guardada pelos dez valentes (v. 19)? Ou estamos fracos e vulneráveis como uma cidade sem guardas, sem defesas e sem proteção alguma? Se não estamos buscando e pedindo a Deus pelo temor e pela sabedoria

que só ele pode nos dar neste mundo caído, então estamos convidando a tolice e a insensatez a governarem e destruírem a nossa vida, mais cedo ou mais tarde — por meio de nossas palavras, nossos pensamentos ou nossas paixões.

No fechamento do capítulo, Eclesiastes 7.27-29 registra:

> *Vede, diz o sábio, foi isto que descobri ao comparar uma coisa com outra e assim achar a causa;*
>
> *causa que ainda busco, mas não a achei: entre mil homens achei apenas um justo, mas entre todas as mulheres não achei nenhuma.*
>
> *O que descobri foi apenas isto: Deus fez os homens justos, mas eles buscaram muitas complicações.*

Após ter examinado as evidências acerca deste mundo e dos que nele vivem (v. 27), o sábio de Eclesiastes chega a uma importante conclusão: "Deus fez os homens justos, mas eles buscaram muitas complicações" (v. 29). Em outras palavras, a experiência pessoal de Salomão corrobora aquilo que a Bíblia ensina desde as suas primeiras páginas. Deus nos criou justos, retos e santos, para buscarmos nele a sabedoria necessária para vivermos no mundo que ele criou para nosso deleite (veja Gn 1 e 2). Contudo, ao rejeitar a sabedoria de Deus e se rebelar contra ela, o ser humano foi em busca de muitas intrigas, e isso explica o mundo conturbado em que vivemos (veja Gn 3).

Por falar em intriga, o que exatamente Eclesiastes quis dizer momentos antes ao afirmar que "entre mil homens achei apenas

um justo, mas entre todas as mulheres não achei nenhuma" (v. 28b)? Antes que a militância feminista e as leitoras mais atentas e sensíveis se revoltem contra Eclesiastes, pensando que se trata de um livro "machista", "misógino", "fascista" e "opressor", consideremos o seguinte: Salomão não está dizendo que os homens são absolutamente melhores que as mulheres. Aliás, ele já deixou bem claro que, em termos absolutos, não há ninguém que seja inteiramente justo ou bom, seja homem, seja mulher (v. 20,29). Ele tampouco está dizendo que os homens são comparativamente tão melhores que as mulheres. Se fosse esse o caso, então o que ele está dizendo é que os homens são apenas um décimo de um por cento mais sábios que as mulheres. Afinal, ele achou apenas um homem entre mil que julgou digno, e entre mil mulheres, nenhuma sequer. Por sinal, isso parece refletir bem a própria experiência de Salomão, que, ao avaliar seu harém, não encontrou nenhuma mulher sábia sequer — o que o excluiria do posto de "único homem digno", dada a tolice da sua escolha por esposas![4]

O que Eclesiastes parece nos dizer, de forma proverbial, é que, após avaliar este mundo caído de pessoas caídas, as chances de encontrar alguém digno entre os homens e as mulheres é uma em mil, ou seja, pequeníssimas! E qual é a razão disso? De novo, porque todos nós (homens e mulheres) rechaçamos a sabedoria de Deus para seguir a nossa própria tolice. Portanto, o mundo é caído porque somos pessoas caídas: tanto em nossas palavras como em nossos pensamentos ou paixões. Tal qual a árvore sem folhas e frutos, o que denuncia sua podridão, assim também o

mundo ao nosso redor evidencia a corrupção de cada um de seus habitantes.

Um homem justo em um mundo caído

Não há dúvida de que vivemos em um mundo caído, apesar de muitos ainda duvidarem da razão do mundo ser como é. Isso levou os redatores do jornal The Times, em 1908, a entrarem em contato com vários autores para que respondessem à pergunta: "O que há de errado com este mundo?". A resposta mais sucinta e intrigante foi a do autor cristão G. K. Chesterton, que resumiu: "Caros senhores, sou eu. Atenciosamente, G. K. Chesterton".[5] A sabedoria cristã e bíblica de Chesterton nos ajuda a entender, afinal, o que está errado com tudo que vemos e experimentamos neste mundo, a começar pelo nosso próprio coração.

Não fosse pela graça e misericórdia de Deus, assim o mundo continuaria, sem perspectiva de mudança. Contudo, as Escrituras nos falam de um único homem verdadeiramente digno, um único homem perfeitamente justo, bom e sábio, que jamais pecou, nem em palavra, nem em pensamento, nem em suas paixões. Esse único homem justo foi morto em uma cruz, apesar da sua justiça, a fim de assumir o castigo devido a todos nós por conta das intrigas e tolices do nosso pecado. Esse homem, Jesus Cristo, veio a este mundo caído para perdoar, resgatar e transformar pecadores caídos como eu e você, de modo que encontrássemos nele a sabedoria necessária para vivermos nossa vida.

Somente o Senhor Jesus Cristo pode restaurar o que Deus fez justo, mas que nós corrompemos pela nossa tolice e insensatez. E

hoje o Senhor Jesus está pronto para nos perdoar e restaurar cada palavra, cada pensamento e cada paixão nossos, pelo seu poder e para o seu louvor.

---

[1] "Então existem dois perigos. Um é a tentação da pessoa religiosa: a autojustificação. O outro é mais uma tentação para a pessoa irreligiosa: a injustiça. Ambos os erros levarão à destruição; podem até levar a uma morte precoce. Mas existe um caminho para evitar ambos os perigos, que é viver no temor de Deus." Philip Ryken, *Ecclesiastes: why everything matters* (Wheaton: Crossway, 2010), p. 167.

[2] "Como regra geral, volte igualmente o olho cego e o ouvido surdo para as opiniões e observações a seu respeito." C. H. Spurgeon, *Lições aos meus alunos: homilética e teologia pastoral*, vol.1 (São Paulo: PES, 1980), p. 196.

[3] Ryken, p. 175.

[4] Devo as seguintes reflexões a Michael Eaton, *Ecclesiastes* (Downers Grove: InterVarsity, 1983), p. 116-7; Douglas O'Donnell, *Ecclesiastes* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2014), p. 154-5; Ryken, p. 177-8.

[5] O'Donnell, p. 151.

CAPÍTULO 12

SABEDORIA POLÍTICA

Eclesiastes 8.1-17

Quem é como o sábio? Quem sabe a interpretação das coisas? A sabedoria do homem faz brilhar o seu rosto e transforma a dureza do seu rosto. Eu aconselho: Obedece às determinações do rei por causa do juramento de lealdade feito diante de Deus. Não te apresses a sair da presença dele, nem persistas apoiando o que é mau; pois ele fará o que bem quiser. Porque a palavra do rei é suprema. Quem lhe perguntará: O que estás fazendo? Quem obedece às suas determinações não sofrerá nenhum mal, e o coração do sábio discernirá quando e como agir. Porque para todo propósito há tempo e modo certo de agir, pois a dor do homem pesa sobre ele, visto que não sabe o que vai acontecer. Quem lhe dirá o que vai acontecer? Ninguém tem domínio sobre o próprio espírito, para controlá-lo; tampouco tem poder sobre o dia da morte, nem para escapar da guerra; nem mesmo a maldade livrará os que se entregam a ela. Tudo isso observei quando dediquei o coração a refletir sobre tudo o que se faz debaixo do sol. Há épocas em que um homem tem domínio sobre outro homem para arruiná-lo. Vi

também os ímpios serem sepultados, os que antes entravam e saíam do lugar santo; e foram elogiados na cidade onde haviam feito o mal. Isso também é absurdo. O coração dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal porque não se executa logo o castigo sobre os crimes. Ainda que o pecador cometa um crime cem vezes e tenha vida longa, eu sei com certeza que tudo irá bem aos que temem a Deus, aos que o reverenciam. Porém nada irá bem para o ímpio; não terá vida longa e passará como uma sombra, pois não teme a Deus. Ainda há outro absurdo sobre a terra: há justos que sofrem como se fossem ímpios, e há ímpios que são premiados como se fossem justos. Eu disse que também isso é absurdo. Por isso, exalto a alegria, porque não há nada melhor para o homem debaixo do sol do que comer, beber e alegrar-se. Isso o acompanhará no seu trabalho, nos dias da vida que Deus lhe dá debaixo do sol. Quando dediquei o coração a conhecer a sabedoria e a observar o trabalho que se faz na terra pelos que não conseguem dar sono aos seus olhos nem de dia nem de noite, contemplei tudo o que Deus tem feito e vi que ninguém pode compreender a obra que se faz debaixo do sol. Pois, por mais que o homem se esforce para entendê-la, nada achará; embora o sábio afirme que a entende, nem por isso poderá compreendê-la.

Viver em um mundo corrompido requer sabedoria divina

Rui Barbosa (1849-1923), o famoso jurista, escritor e político brasileiro da virada do século 19, certa vez escreveu: "De tanto ver triunfar as nulidades; de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra e a ter vergonha de ser honesto".[1]

Desânimo, cinismo e vergonha, conforme afirmou Rui Barbosa, são as reações possíveis e comuns de um povo que vê o poder concentrado nas mãos de autoridades políticas corruptas, injustas e impunes. Contudo, segundo o sábio de Eclesiastes, essas não são as nossas únicas alternativas. Ao continuar sua meditação sobre os caminhos da sabedoria em mundo caído e corrompido, o olhar de Salomão volta-se especificamente para o desafio de viver sabiamente sob as nossas autoridades humanas caídas e corrompidas (8.1-17). Veremos que a lição principal desta porção do livro é que neste mundo caído, de líderes corruptos, precisamos da sabedoria divina para nos guiar pelo caminho da submissão às autoridades, do temor a Deus e do deleite no Senhor.[2]

Postura sábia ante autoridades falhas

Vamos começar destacando alguns versículos:

> *Quem é como o sábio? Quem sabe a interpretação das coisas? A sabedoria do homem faz brilhar o seu rosto e transforma a dureza do seu rosto. […]*

Quando dediquei o coração a conhecer a sabedoria e a observar o trabalho que se faz na terra pelos que não conseguem dar sono aos seus olhos nem de dia nem de noite, contemplei tudo o que Deus tem feito e vi que ninguém pode compreender a obra que se faz debaixo do sol. Pois, por mais que o homem se esforce para entendê-la, nada achará; embora o sábio afirme que a entende, nem por isso poderá compreendê-la (Ec 8.1,16,17).

Antes de examinarmos os caminhos práticos da sabedoria (v. 2-15), observemos o que o início e o fim da passagem falam sobre os limites e os proveitos da sabedoria neste mundo caído e corrompido (v. 1,16,17). Começando pelo fim, por três vezes Salomão ressalta os limites da sabedoria humana para desvendar o sentido da vida "debaixo do sol" (v. 16,17). Isso é especialmente pertinente nesta seção que trata da nossa postura diante de autoridades humanas falhas e corruptas, visto que todo nosso esforço para entender a conduta dessas pessoas em posição de autoridade — por exemplo, como essas pessoas chegam ao poder, como se comportam quando alcançam o poder e como lá se mantêm por tanto tempo — testa e revela os limites do nosso conhecimento e entendimento do mundo.

Mesmo nós, que conhecemos a Palavra de Deus e cremos na soberania divina sobre todas as coisas, inclusive sobre os governantes perversos deste mundo — como Adolf Hitler, Benito Mussolini, Josef Stalin, Pol Pot, Kim Jong-Il, Fidel Castro, Hugo Chávez e outros colegas e simpatizantes seus na América Latina e no mundo —, muitas vezes encontramos dificuldades para entender e compreender todos os mistérios da providência de

Deus em ação na história. Portanto, é importante ressaltar que o caminho da sabedoria divina, segundo Eclesiastes, é um caminho que nos humilha, que nos coloca em nosso devido lugar, isto é, debaixo da autoridade dessa sabedoria. Somente quando aprendermos a viver sob a autoridade plena e perfeita de Deus é que aprenderemos a viver sob a autoridade parcial e imperfeita dos homens neste mundo caído.

Dito isso, o início dessa seção revela o proveito da sabedoria submissa a Deus. Assim como ocorre em Eclesiastes 7.27-29, também em Eclesiastes 8.1 Salomão ressalta a escassez dessa sabedoria entre os homens da terra. Porém, logo em seguida, ele ressalta que aqueles que encontram tal virtude são transformados por ela, de duas formas possíveis.

Primeiro e principalmente essa sabedoria nos ensina a encarar esta vida dura em um mundo caído com outro semblante e outra postura: "A sabedoria do homem […] transforma a dureza do seu rosto" (v. 1c). Em outras palavras, se vivemos possuídos pela raiva, rancor e ressentimento das nossas lideranças corruptas, ou pelo desânimo, desilusão e desespero, só a sabedoria repartida pela Palavra de Deus é capaz de mudar para melhor nossa cosmovisão e a maneira como encaramos este mundo.

Segundo, essa sabedoria pode até nos ajudar a prosperar aqui, mesmo diante das nossas autoridades falhas e imperfeitas: "A sabedoria de um homem alcança o favor do rei" (v. 1b; NVI).[3] Portanto, mesmo que a sabedoria não nos dê todas as respostas que gostaríamos de ter neste mundo (v. 16,17), isso não significa

que ela não possa fazer uma grande diferença em nossa vida (v. 1).

Cabe pensar em quanto estamos buscando e pedindo essa sabedoria do Senhor em oração diariamente (veja Tg 1.5,6). Especialmente quando os dias são maus e desafiadores, inclusive como resultado da imprudência e impiedade dos nossos governantes, temos orado o suficiente, pedindo a sabedoria de Deus para não desanimarmos nem nos endurecermos neste mundo?

Mas, afinal de contas, por quais caminhos práticos essa sabedoria nos guiará? Eclesiastes 8.2-8 traz o seguinte:

> *Eu aconselho: Obedece às determinações do rei por causa do juramento de lealdade feito diante de Deus.*
>
> *Não te apresses a sair da presença dele, nem persistas apoiando o que é mau; pois ele fará o que bem quiser.*
>
> *Porque a palavra do rei é suprema. Quem lhe perguntará: O que estás fazendo?*
>
> *Quem obedece às suas determinações não sofrerá nenhum mal, e o coração do sábio discernirá quando e como agir.*
>
> *Porque para todo propósito há tempo e modo certo de agir, pois a dor do homem pesa sobre ele, visto que não sabe o que vai acontecer. Quem lhe dirá o que vai acontecer?*
>
> *Ninguém tem domínio sobre o próprio espírito, para controlá-lo; tampouco tem poder sobre o dia da morte, nem para escapar*

da guerra; nem mesmo a maldade livrará os que se entregam a ela.

Primeiro, diz Salomão, devemos aprender a nos submeter às autoridades constituídas sobre nós: "Eu aconselho: Obedece às determinações do rei por causa do juramento de lealdade feito diante de Deus" (v. 2). Ora, o primeiro conselho prático de Eclesiastes neste mundo caído de autoridades corrompidas é que nos submetamos a essas autoridades; mas, por quê?! Porque, segundo o texto, nossa obediência às autoridades humanas faz parte da nossa obediência e lealdade a Deus![4]

Além do rei Salomão, o apóstolo Paulo enfatiza o mesmo ponto, reconhecendo que toda autoridade emana de Deus e é repartida com as nossas autoridades humanas, a quem devemos honra e respeito (veja Rm 13.1-7). O apóstolo Pedro diz algo semelhante também: "Sujeitai-vos a toda autoridade humana por causa do Senhor, seja ao rei, como soberano, seja aos governadores, como por ele enviados para punir os praticantes do mal e honrar os que fazem o bem" (1Pe 2.13,14). Portanto, o simples fato de nossas autoridades serem imperfeitas e, às vezes, até impiedosas — os apóstolos Paulo e Pedro que o digam acerca dos Césares romanos que perseguiam a igreja de Cristo! —, não anula a exigência da nossa lealdade e obediência a elas.

Todavia, esse mesmo aspecto não pode ser exagerado a ponto de nos submetermos cegamente às autoridades, em especial quando estas fazem uso de seu poder de forma indevida e contrária à vontade de Deus (veja At 5.29). Para sabermos quando obedecer e quando desobedecer às nossas autoridades

humanas, precisamos, enfim, de sabedoria! Ou seja, é preciso ser sábio para dar a César o que é de César e a Deus o que é somente de Deus (veja Mt 22.17,21).

Porém, em geral, a não ser que haja um conflito claro entre as autoridades humanas e a autoridade divina suprema — por exemplo, na criminalização da prática da fé cristã em países perseguidos, ou na presença crescente de agendas anticristãs na grade curricular da educação das nossas crianças —, a Palavra nos chama à obediência (Ec 8.2), ainda mais quando nos virmos tentados a romper de forma precipitada com as autoridades por qualquer divergência ou insatisfação de nossa parte (v. 3,4).

Por outro lado, diz Salomão, a obediência às autoridades humanas resulta não somente da obediência a Deus, mas também do desejo de vivermos uma vida pacífica e tranquila neste mundo, sem receio de represálias desnecessárias (v. 5,6a). Faz parte do nosso testemunho diante de Deus e também diante dos homens viver conforme as leis da nação, guiados pela sabedoria do Senhor. Em outras palavras, precisamos ter sabedoria da parte de Deus para saber quais lutas assumir e quais abandonar — quando protestar e quando pacificar —, sem nos indispor desnecessariamente com as autoridades, pois há uma hora e uma maneira certa de agir em cada momento.

Por último, devemos nos submeter às autoridades humanas, pois, no fim das contas, nem mesmo elas podem fugir da autoridade final de Deus (v. 6b-8). Ou seja, se a nossa submissão às autoridades humanas pode nos acarretar certos desafios e dificuldades, saibamos que as autoridades tampouco estão isentas

dos desafios e dificuldades impostos a elas pelo próprio Deus, especialmente a morte! Como bem resumiu Doug O'Donnell: "Enquanto é verdade que o poder absoluto corrompe absolutamente, saiba disto: até mesmo o poder absoluto não tem poder em absoluto sobre a morte".[5] Portanto, neste mundo caído de autoridades caídas, busquemos a graça de Deus para sermos sabiamente submissos — tanto para nós, governados, como para os que nos governam (veja 1Tm 2.1-6)!

E o texto prossegue assim em Eclesiastes 8.9-13:

> *Tudo isso observei quando dediquei o coração a refletir sobre tudo o que se faz debaixo do sol. Há épocas em que um homem tem domínio sobre outro homem para arruiná-lo.*
>
> *Vi também os ímpios serem sepultados, os que antes entravam e saíam do lugar santo; e foram elogiados na cidade onde haviam feito o mal. Isso também é absurdo.*
>
> *O coração dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal porque não se executa logo o castigo sobre os crimes.*
>
> *Ainda que o pecador cometa um crime cem vezes e tenha vida longa, eu sei com certeza que tudo irá bem aos que temem a Deus, aos que o reverenciam.*
>
> *Porém nada irá bem para o ímpio; não terá vida longa e passará como uma sombra, pois não teme a Deus.*

Talvez, ao ler e ouvir os versículos iniciais deste capítulo, você tenha tido a impressão de que as palavras de Eclesiastes se

aplicam apenas ou principalmente ao caso de líderes e governantes piedosos e tementes a Deus, ou minimamente conscientes do seu dever para com Deus e seus governados. Todavia, e se não for esse o caso? E se tais autoridades transgredirem abertamente os limites da sua autoridade concedida por Deus, oprimindo o seu povo (v. 9)? Não raro acontece de as autoridades serem tão injustas e impiedosas, caídas e corrompidas a ponto de contaminarem todo o ambiente moral de uma nação — isto é, o cenário político, econômico, social e cultural —, promovendo e acelerando a corrupção dos bons costumes de todo um povo (v. 11). E pior, muitos desses líderes, apesar de sua corrupção desenfreada e escancarada, às vezes são honrados e celebrados pelo povo, enquanto os justos que querem passar a limpo a nação são marginalizados e esquecidos pelos homens (v. 10). Esses quadros são parecidos com algum país que eu e você conhecemos?

Apesar da loucura e insensatez desse cenário, diz Salomão, além da tentação que representa diante da prosperidade e longevidade dos ímpios, existe uma coisa que devemos saber pela fé, mesmo que não a observemos em vida: "Ainda que o pecador cometa um crime cem vezes e tenha vida longa, eu sei com certeza que tudo irá bem aos que temem a Deus, aos que o reverenciam. Porém nada irá bem para o ímpio; não terá vida longa e passará como uma sombra, pois não teme a Deus" (8.12,13).

Portanto, em um mundo caído de líderes corruptos e costumes cada vez mais estranhos, perversos e imorais — como temos visto em nossa própria nação nos últimos anos —, só o temor de Deus

pode nos preservar no caminho da justiça e da piedade! Só a certeza do juízo vindouro de Deus e o santo temor que ele produz no coração de seu povo é que podem nos proteger e nos guardar das aparências enganosas dos ímpios neste mundo!

Você conhece o temor de Deus? Você vive debaixo desse temor? Está buscando mais o temor de Deus? Em uma época em que tantos abandonaram o temor de Deus, dentro e fora da igreja, por conta do aumento da maldade desta nação e de seus líderes, será que temos plena convicção de que tanto a prosperidade, como a longevidade e a impunidade dos que não temem a Deus serão tão passageiras como as sombras?

Devemos considerar a hipótese de que Deus, em sua absoluta soberania, tem permitido que a impunidade dos ímpios prevaleça por tanto tempo em nossa nação justamente para pôr à prova o temor do Senhor no coração do seu povo, bem como a nossa fé nas suas promessas. Afinal, não existe prosperidade nem longevidade de que os ímpios desfrutem nesta vida que se compare com a riqueza da herança eterna que aguarda os justos no porvir! E não existe sofrimento nem aflição que os justos experimentem nesta vida que se compare com o tormento eterno que os ímpios enfrentarão no juízo vindouro do Senhor!

Você crê nisso? Então, tema a Deus! Mesmo que o mundo inteiro ao nosso redor deixe de temê-lo por achar que o Senhor não deve ser temido, tema-o até que Cristo volte para encerrar a história e lhes provar o contrário!

Eclesiastes 8.14,15 completa:

Ainda há outro absurdo sobre a terra: há justos que sofrem como se fossem ímpios, e há ímpios que são premiados como se fossem justos. Eu disse que também isso é absurdo.

Por isso, exalto a alegria, porque não há nada melhor para o homem debaixo do sol do que comer, beber e alegrar-se. Isso o acompanhará no seu trabalho, nos dias da vida que Deus lhe dá debaixo do sol.

Salomão encerra essa seção reconhecendo que, deste lado da eternidade, o desfecho dos justos e dos ímpios, dos que temem e dos que não temem a Deus, nem sempre será o esperado e correto aos nossos olhos (v. 14). Contudo, nem por isso devemos ser privados das pequenas recompensas que o Senhor nos permite desfrutar já nesta vida, como comer, beber e nos alegrar com o fruto do nosso trabalho debaixo do sol (v. 15).

Mas por que Eclesiastes pontua isso justamente a essa altura? Porque, apesar de ainda vivermos em um ambiente injusto e incrédulo, repleto de sinais da corrupção do gênero humano, este não é um mundo inteiramente abandonado por Deus até que ele volte para acertar as contas com todos. Mesmo em meio à impiedade e à impunidade evidentes ao nosso redor, por sua graça, Deus ainda nos permite desfrutar dos sinais de seu amor e de sua bondade, de sua misericórdia e compaixão. Salomão parece nos recomendar que não fiquemos apenas olhando para os injustos e as injustiças deste mundo, pois Deus já nos prometeu que um dia dará fim a tudo isso (v. 11-14). Que tudo isso sirva para nos ensinar a observar também quanto Deus ainda nos

concede desfrutar desta vida, mesmo antes do nosso encontro com ele no porvir (v. 15): seja em uma boa refeição compartilhada com a família e os amigos; seja em um trabalho bem feito e reconhecido; seja no cuidado e na companhia dos entes queridos no lar; seja na comunhão com os irmãos e irmãs em Cristo.

Assim, em um mundo caído e de circunstâncias tão corrompidas, lembremos sempre de honrar a Deus ao honrar nossos líderes; de temer a Deus, mesmo que ninguém mais o tema, especialmente os tais líderes; e de nos deleitar em Deus e em tudo que ele nos concede para a vida e a piedade.

Politicamente sábio

"Quem é como o sábio? Quem sabe a interpretação das coisas?", escreveu Salomão no início deste capítulo (8.1). De fato, não são muitos que conseguem viver de forma inteiramente sábia em um mundo tão caído e corrompido tal qual o nosso, como constatou Rui Barbosa há mais de um século.

Em verdade, como já constatamos tantas vezes em Eclesiastes, só existiu um homem inteiramente sábio em toda sua vida na terra. Só existiu um homem que soube submeter-se às autoridades humanas corruptas deste mundo, que atentaram impiamente contra a sua vida, condenando-o à morte em uma cruz. Só existiu um homem que soube encarar os planos perversos dos homens malignos deste mundo, por temor a Deus e em obediência ao seu plano de salvação. Só houve um que perseverou no temor do Senhor até o fim de seus dias, tendo em vista a

alegria que lhe fora proposta, de trazer muitos filhos à presença de Deus para se contentarem nele por todo o sempre.

Esse homem foi Jesus Cristo, aquele que foi justo e que recebeu o que os ímpios mereciam, ao morrer na cruz do Calvário, a fim de que nós, ímpios pecadores, que nem sempre temos temido a Deus e nos alegrado nele, pudéssemos receber o que os justos merecem. Uma vez mais, seu sangue justo e inocente pode nos perdoar as ofensas e a nossa insensatez neste mundo mau. E, pela sua sabedoria perfeita e santa, pode nos guiar por este mundo caído e corrupto, até o dia da sua volta.

---

[1] "Requerimento de informações sobre o caso do Satélite". Discurso no Senado (17/12/1914), *Obras completas*, vol. 41, citado por Roberto Murcia Moura em "Sobre cultura e mídia" (Irmãos Vitale, 2001), p. 99, conforme referência bibliográfica disponível em https://pt.wikiquote.org/wiki/Ruy_Barbosa, acessado em 16.04.2020.

[2] O argumento aqui segue, em linhas gerais, a linha de raciocínio de Douglas O'Donnell, *Ecclesiastes* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2014), p. 160-6.

[3] Para a possibilidade dessa tradução, veja Michael Eaton, *Ecclesiastes* (Downers Grove: InterVarsity, 1983), p. 117.

[4] O texto desse versículo parece ser intencionalmente ambíguo, podendo referir-se ou à aliança assumida pelo rei ou pelos seus súditos perante Deus. Quer da parte de quem governa, quer da parte de quem é governado, portanto, todos devem praticar a submissão a Deus em seus diferentes postos na sociedade. Philip Ryken, *Ecclesiastes: why everything matters* (Wheaton: Crossway, 2010), p. 185.

[5] O'Donnell, p. 163.

CAPÍTULO 13

MEMENTO MORI, MEMENTO VIVERE

Eclesiastes 9.1-12

Dediquei o coração a refletir a respeito de tudo isso e cheguei à conclusão de que os justos e os sábios e o que eles fazem estão nas mãos de Deus. Se é amor ou se é ódio, ninguém sabe o que os aguarda. Tudo acontece igualmente a todos: ao justo e ao ímpio, ao bom e ao mau, ao puro e ao impuro, ao que oferece sacrifícios e ao que não os oferece, ao bom e ao pecador, ao que faz juramentos e ao que não faz. Este é o mal que há em tudo o que se faz debaixo do sol: o mesmo acontece a todos. Além disso, o coração dos homens está cheio de maldade e de insensatez durante toda a vida. No final, eles se juntarão aos mortos. Há esperança para todos os que estão entre os vivos; porque melhor é o cão vivo do que o leão morto. Pois os vivos sabem que morrerão, mas os mortos não sabem de nada; não haverá recompensa para eles e não se tem mais lembrança deles. O amor, o ódio e a inveja deles já desapareceram; nunca mais terão parte alguma no que se faz debaixo do sol. Vai e come com alegria o teu pão e bebe o teu vinho com coração contente; pois há muito tempo Deus se agradou do que tu fazes.

Sejam as tuas vestes sempre bem cuidadas, e nunca falte o óleo sobre a tua cabeça. Desfruta a vida com a mulher que amas todos os dias desta vida de ilusão, que Deus te deu debaixo do sol, sim em todos os dias da tua vida de ilusão. Porque essa é a tua recompensa nesta vida pelo trabalho que fazes debaixo do sol. Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o com todas as tuas forças, porque na sepultura, para onde vais, não há trabalho, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria. Observei ainda e vi que debaixo do sol a corrida não é dos ligeiros, a batalha não é dos fortes; o pão não é dos sábios, a riqueza não é dos prudentes, o favor não é dos inteligentes; mas todos dependem do tempo e do acaso. Pois o homem não conhece a sua hora. Como os peixes são apanhados na rede mortal, e os passarinhos são pegos na armadilha, assim também os homens são enredados pelos tempos difíceis que lhes sobrevêm de repente.

Nossa vida dura, curta e incerta

Memento mori, memento vivere. Essas duas expressões latinas significam, respectivamente, "lembre-se de que você morrerá" e "lembre-se de viver".

Por muitas gerações, as duas expressões serviram de balizas para os pensadores da Antiguidade.[1] A primeira expressão, *memento mori*, funcionava como uma lembrança da finitude humana e um alerta contra a soberba do ser humano em pensar demais de si mesmo. Conta-se que os generais romanos, após um triunfo militar, ao marcharem vitoriosamente, eram seguidos por

um escravo que repetia ao seu senhor: *memento mori*, ou seja, lembre-se de que você é mortal. Já a segunda expressão, *memento vivere*, funcionava como uma lembrança da utilidade e proveito da vida, mesmo que ela fosse dura, curta e passageira.

Tomadas juntas, as expressões *memento mori* e *memento vivere* remetem a um equilíbrio entre não pensar demais acerca de si, nem pensar de menos sobre o valor da vida aqui. Curiosamente, tudo isso já constava da sabedoria antiga registrada em Eclesiastes 9.1-12, que se propõe a nos ensinar essa lição. Nesta vida dura, curta e incerta, em que a morte aguarda a todos, devemos desfrutar bem da vida que Deus nos dá.

Lembrar que vai morrer, lembrar de viver bem

Esse ensinamento começa com os seguintes versículos:

> *Dediquei o coração a refletir a respeito de tudo isso e cheguei à conclusão de que os justos e os sábios e o que eles fazem estão nas mãos de Deus. Se é amor ou se é ódio, ninguém sabe o que os aguarda.*
>
> *Tudo acontece igualmente a todos: ao justo e ao ímpio, ao bom e ao mau, ao puro e ao impuro, ao que oferece sacrifícios e ao que não os oferece, ao bom e ao pecador, ao que faz juramentos e ao que não faz.*
>
> *Este é o mal que há em tudo o que se faz debaixo do sol: o mesmo acontece a todos. Além disso, o coração dos homens está*

cheio de maldade e de insensatez durante toda a vida. No final, eles se juntarão aos mortos.

Há esperança para todos os que estão entre os vivos; porque melhor é o cão vivo do que o leão morto.

Pois os vivos sabem que morrerão, mas os mortos não sabem de nada; não haverá recompensa para eles e não se tem mais lembrança deles.

O amor, o ódio e a inveja deles já desapareceram; nunca mais terão parte alguma no que se faz debaixo do sol. […]

Observei ainda e vi que debaixo do sol a corrida não é dos ligeiros, a batalha não é dos fortes; o pão não é dos sábios, a riqueza não é dos prudentes, o favor não é dos inteligentes; mas todos dependem do tempo e do acaso.

Pois o homem não conhece a sua hora. Como os peixes são apanhados na rede mortal, e os passarinhos são pegos na armadilha, assim também os homens são enredados pelos tempos difíceis que lhes sobrevêm de repente (Ec 9.1-6,11,12).

O sábio autor encerrou o capítulo anterior meditando sobre os limites do entendimento humano acerca das obras de Deus no mundo (8.16,17). Na sequência, Salomão abre um novo capítulo de seu livro meditando sobre os limites da existência humana, também sob a ótica da soberania de Deus sobre tudo e sobre todos: "Dediquei o coração a refletir a respeito de tudo isso e cheguei à conclusão de que os justos e os sábios e o que eles fazem

estão nas mãos de Deus. Se é amor ou se é ódio, ninguém sabe o que os aguarda" (9.1).

Seja pela via do nosso entendimento ou da nossa existência limitada, portanto, Eclesiastes mais uma vez quer nos assegurar que estamos em nosso devido lugar: estamos nas mãos de Deus, e não o contrário! É Deus quem determina os propósitos, as circunstâncias e os limites da nossa vida, e não o contrário. Por mais que, como seres humanos, queiramos ser "mestres do nosso destino" e "capitães da nossa alma", nós, "mestres e capitães", não temos mais controle sobre a nossa jornada do que um capitão tem sobre as ondas e as tempestades em alto mar.

Além disso, independentemente da nossa capacidade ou competência para fazer a travessia do mar da vida, todos nós um dia atracaremos no mesmo destino final: a morte (v. 2). Justos ou ímpios, bons ou maus, puros ou impuros, religiosos ou incrédulos, piedosos ou pecadores, devotos ou devassos — nada disso importa, pois todos temos um encontro marcado com a morte, do fiel mais fervoroso ao corrupto mais criminoso.[2]

De acordo com Eclesiastes, este parece ser um grande mal (senão *o* grande mal) em tudo que acontece neste mundo: a morte como o destino comum de todos (v. 3a). Por que será que o mundo é assim? Justamente por causa da maldade e da loucura da raça humana, desde o seu íntimo (v. 3b). Em outras palavras, nossa decadência física externa é apenas um reflexo da nossa decadência moral interna. Essa é a explicação mais simples, mais lógica e mais bíblica para o estado caído das coisas neste mundo desde a rebelião da raça humana, descrita em Gênesis 3. Segundo

as Escrituras, a morte não fazia parte dos planos originais de Deus para a criação. Por isso, a Bíblia descreve a morte como uma intrusa na boa criação divina, decorrente da desobediência humana contra o Criador e Senhor — pois a rebeldia contra Deus, o Autor da Vida, só poderia resultar em morte. Como consequência da degradação moral e espiritual, herdamos a corrupção física e material, que desembocam, por fim, em nossa sepultura.

Por isso, segundo Eclesiastes, a morte é inevitável (v. 1-3), além de ser também implacável (v. 4-6) e imprevisível (v. 11,12). Seguindo em seu raciocínio, o sábio provavelmente cita um provérbio conhecido de sua época (ao mencionar o cachorro vivo e o leão morto) para ressaltar o valor superior da vida em relação à morte (v. 4).[3] Afinal de contas, com a chegada da morte, cessam o entendimento, a recompensa do nosso esforço e até mesmo a nossa lembrança (v. 5). Por mais que o ser humano possa batalhar nesta vida, cercado de todas as possíveis afeições (amor, ódio, inveja), enfrentando e superando cada novo dia de vida, tudo se encerra quando ele morre — e não há nada mais definitivo do que a morte (v. 6).

Como se isso não fosse deprimente o suficiente, Eclesiastes ainda ressalta a natureza imprevisível da morte (v. 11,12). Toda nossa velocidade e eficiência, nossa força e habilidade, nossa sabedoria e prudência, nossa instrução e preparação são incapazes de driblar a morte, o tempo e o acaso (v. 11). Ninguém sabe a hora de sua partida: quer os peixes apanhados pela rede, quer os pássaros pegos na armadilha, quer as pessoas

surpreendidas pela desgraça (v. 12): basta um temporal sobre a região serrana do Rio de Janeiro, uma barragem rompida no interior de Minas Gerais, uma pandemia global, uma bala perdida, um caminhão sem freio ou um viaduto ou uma passarela que despenca e ceifa vidas inesperadamente.

Onde o livro de Eclesiastes quer chegar com tudo isso? Como a voz daquele escravo que seguia atrás de um general romano desfilando em triunfo, assim também a voz de Eclesiastes ecoa atrás de nós neste capítulo: *memento mori*, lembre-se que você é mortal. Se em seu íntimo você crê que sua moralidade e religiosidade são suficientes para livrá-lo dos sofrimentos desta vida, *memento mori.* Se você crê em sua sagacidade e habilidade para livrar-se dos sofrimentos desta vida, *memento mori*. Se você confia em sua sabedoria, instrução e prudência para viver uma vida segura e tranquila, *memento mori*. Se você confia em sua capacidade e habilidade para ir longe, sem a ajuda de ninguém, especialmente de Deus, *memento mori*.

Lembremos que somos meros mortais. Se a nossa vida não está em nossas mãos, muito menos Deus! Nós é que estamos nas mãos dele, do início ao fim da nossa vida!

Mas há ainda outro ensinamento à nossa espera em Eclesiastes 9.7-10:

> *Vai e come com alegria o teu pão e bebe o teu vinho com coração contente; pois há muito tempo Deus se agradou do que tu fazes.*

Sejam as tuas vestes sempre bem cuidadas, e nunca falte o óleo sobre a tua cabeça.

Desfruta a vida com a mulher que amas todos os dias desta vida de ilusão, que Deus te deu debaixo do sol, sim em todos os dias da tua vida de ilusão. Porque essa é a tua recompensa nesta vida pelo trabalho que fazes debaixo do sol.

Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o com todas as tuas forças, porque na sepultura, para onde vais, não há trabalho, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria.

Justamente entre as expressões mais sombrias de todo o livro (v. 1-6,11,12), Eclesiastes de repente irrompe com as palavras mais jubilosas, em um contraste semelhante ao das trevas da noite e o clarão do dia (v. 7-10). Como em outras porções do livro (veja 2.24-26; 3.12,13,22; 5.18; 8.15; 11.9), mas com uma intensidade sem igual, aqui Eclesiastes também acena para a possibilidade e a preferência de desfrutar bem desta vida dura, curta e incerta. Como interpretar esse contraste tão marcante? Será que o sábio surtou? Ou será que ele não aguentou a escuridão da vida e decidiu fugir para a dissolução dos prazeres passageiros deste mundo?

Se prestarmos atenção ao raciocínio de Eclesiastes, talvez não seja tão difícil assim encontrar o fio da meada. Se a natureza inevitável, implacável e imprevisível da morte deve fazer com que reconheçamos a nossa dependência de Deus (v. 1), então tudo que experimentamos e provamos deste lado deve ser visto como um presente vindo de Deus (v. 7-10). Em outras palavras, a vida, de

fato, é dura, curta e incerta; mas ela é, ainda assim, um presente entregue por Deus para o nosso bem e a nossa alegria. *Memento vivere*, lembre-se de viver!

Este é o conselho de Eclesiastes: vá e deleite-se com a comida que Deus lhe dá para o seu prazer, pois disso ele se agrada (v. 7). Isso não quer dizer, é claro, que Deus lhe dê permissão para comer o que você quiser, quando quiser e quanto quiser, como se a bondade da criação fosse um "cheque em branco" a ser preenchido como você quiser, à revelia de Deus. Mas o que Eclesiastes quer dizer é que você não precisa de uma permissão especial de Deus para desfrutar do que ele criou para o nosso bem, desde que tudo seja recebido com ações de graças e com louvor ao Senhor (veja 1Tm 4.4,5).

Por isso, seja você o próximo master chef amador ou o cozinheiro mais desastrado que existe, não importa, desfrute daquilo que Deus criou para o seu deleite nesta vida: do feijão de corda, da buchada de bode e do coalho às carnes suculentas e aos legumes refogados, ou o bom e barato miojo de cada dia (isso se você estiver com pressa para morrer mais cedo!). Quer você esteja no mercado abastecendo a despensa de casa, quer esteja na cozinha do seu lar ou celebrando em um restaurante, *memento vivere*, lembre-se de viver!

Além da sua comida, vá e deleite-se com a sua casa e o seu cônjuge também (v. 8,9). De novo, Eclesiastes não está recomendando aqui uma vida festeira e alegre o tempo todo, muito menos a gastança desenfreada com a nossa aparência; do contrário, suas palavras e recomendações anteriores

representariam uma contradição. Porém, o que ele aconselha é que você não deixe de se apresentar bem diante dos outros — isto é, as roupas de festa e o óleo na cabeça nada mais são do que um belo traje com uma dose de colônia ou perfume, especialmente para os da sua casa. Como já vimos, este mundo já é feio e malcheiroso o suficiente — em mais de um aspecto, por sinal — então não sacrifique o investimento na beleza e na leveza de uma boa aparência (v. 8).

Isso é ainda mais importante no contexto da casa e do casamento, onde costumamos ser mais relaxados e menos criteriosos e cuidadosos em nossa aparência do que quando estamos no local de estudo, de trabalho e de culto a Deus. Mas não, diz Eclesiastes, cuide principalmente de curtir a vida com os da sua casa, principalmente com a mulher a quem você ama, a saber, o cônjuge com quem você está aliançado em casamento (v. 9). Portanto, não importa se você esteja se arrumando diante do espelho para sair com o seu cônjuge, fazendo um passeio ou saindo para jantar, ou ficando em casa para assistir a um filme ou a uma série, ou então apenas segurando as mãos de seu cônjuge e orando juntos ao final de mais um longo dia de trabalho, *memento vivere*, lembre-se de viver!

Por fim, além da comida, da casa e do cônjuge, vá e deleite-se em sua carreira também (v. 10). Mais uma vez, assim como com as dádivas anteriores, isso também pode ocupar um lugar e um espaço desproporcionais em nossa vida, tornando-se até um ídolo — em especial para os *workaholics* que vivem para trabalhar, em vez de trabalharem para viver. Dito isso, porém, Eclesiastes aqui

recomenda que todos se empenhem em sua área de atuação, seja ela qual for — música e artes, saúde e direito, pesquisa e docência, empreendedorismo privado ou serviço público, vida do lar ou fora do lar, não importa. O que importa, sim, é: o que Deus lhe der para fazer, faça-o bem, de bom grado e de toda a sua força, porque um dia não haverá mais oportunidade para tanto. Não fique olhando para o trabalho dos outros, para a vida dos outros e para a felicidade dos outros. Olhe para o que Deus colocou diante de você, faça o melhor com aquilo que ele lhe deu para fazer pela sua graça e seja feliz!

Portanto, não importa se você está fechando os relatórios e as planilhas do mês no escritório, realizando exames e consultas no consultório, lecionando a matéria que for para a turma que for, ou colocando a casa em ordem pela enésima vez, o conselho é o mesmo: *memento vivere*, lembre-se de viver! Em suma, a vida é dura demais, curta demais e incerta demais para você e eu ficarmos resmungando e reclamando até a sepultura. Lembremos, sim, de que um dia morreremos: *memento mori*. Mas não nos esqueçamos de viver: *memento vivere*!

Vivendo e morrendo para a glória de Deus

Alcançar o equilíbrio entre esses dois princípios sempre foi um desafio para o ser humano, desde os tempos dos pensadores antigos. Mesmo para muitos de nós que conhecemos a Deus e a sua Palavra, é tentador pender mais para um lado ou outro desse espectro: seja desfrutar tanto da vida, a ponto de esquecermos da nossa fragilidade, mortalidade e dependência de Deus (memento

mori); seja desgostar tanto dessa vida dura, curta e incerta que deixamos de desfrutar de tudo aquilo que Deus nos deu para o nosso deleite (memento vivere). E, se temos pendido mais para um lado ou para o outro deste espectro às custas da nossa dependência de Deus ou do nosso deleite em Deus, que busquemos a graça do Senhor e o seu perdão pelos nossos excessos e pelas nossas omissões.

Contudo, mesmo que alguém alcance tal equilíbrio, isso por si só não o livrará do pior dos sofrimentos, nem o alçará ao maior dos deleites. Pois existe algo ainda pior do que a morte física inevitável, implacável e imprevisível, a saber, a morte eterna, a separação eterna do nosso Deus, algo de que todos somos merecedores por conta da maldade e da loucura do nosso pecado. Porém, existe uma coisa ainda melhor do que todos os prazeres preciosos desta vida somados — comida, casa, cônjuge ou carreira — a saber, a vida eterna, a comunhão restaurada e renovada com o nosso Criador e Senhor.

Para que pudéssemos ser libertos da morte eterna e alçados à vida eterna, alguém teve que abrir mão de sua vida e de seus prazeres neste mundo para morrer de forma implacável e inevitável na cruz do Calvário. Jesus Cristo é esse homem, que provou do destino comum a todos nós, a morte, mas que ressurgiu com vida do túmulo vazio, para que, por sua graça, pudéssemos desfrutar do maior dos deleites: o livramento da morte eterna e a provisão da vida eterna!

Se você ainda não foi liberto dessa morte e não experimentou ainda dessa vida, renda-se ao Senhor Jesus Cristo, em

reconhecimento da rendição da vida dele pela sua no Calvário. Feito isso, continue lembrando da morte dele e da vida dele entregue no lugar da sua naquela cruz, a fim de que você possa viver bem o resto dos seus dias, até o momento da sua morte. *Memento mori, memento vivere.*

---

[1] Confira, por exemplo, o pensamento do filósofo romano estoico Sêneca em sua *Carta IV: sobre os terrores da morte*: "Repasse este pensamento todos os dias, para que você possa sair da vida contente; pois muitos homens se apegam e agarraram-se à vida, assim como aqueles que são levados por uma correnteza e se apegam e agarram-se a pedras afiadas. A maioria dos homens minguam e fluem em miséria entre o medo da morte e as dificuldades da vida; eles não estão dispostos a viver [*memento vivere*], e ainda não sabem como morrer [*memento mori*]". Disponível em: https://www.estoico.com.br/191/carta-4-sobre-os-terrores-da-morte/#more-191.

[2] Como bem resumiu Doug O'Donnell: "Moralidade não é proteção contra a mortalidade". *Ecclesiastes* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2014), p. 172.

[3] Michael Eaton, *Ecclesiastes* (Downers Grove: Inter-Varsity Press, 1983), p. 126.

CAPÍTULO 14

SÁBIOS EM UM MUNDO DE TOLOS

Eclesiastes 9.13—10.20

Também vi este exemplo de sabedoria debaixo do sol, que muito me marcou:

Havia uma pequena cidade de poucos moradores; e um grande rei a atacou e cercou e levantou grandes rampas de ataque contra ela. Mas nela havia um sábio pobre que livrou a cidade pela sua sabedoria; no entanto, ninguém mais se lembrou daquele homem pobre. Então pensei: Melhor é a sabedoria do que a força; porém a sabedoria do pobre é desprezada e as suas palavras logo são esquecidas. As palavras dos sábios ouvidas com calma valem mais do que os gritos de quem domina sobre os tolos. Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra; mas um só pecador destrói muita coisa boa. As moscas mortas fazem com que o óleo do perfumista se estrague e produza mau cheiro. Do mesmo modo, um pouco de insensatez pesa mais do que a sabedoria e a honra. O coração do sábio o inclina para a direita, mas o coração do tolo o inclina para a esquerda. Mesmo quando anda pelo caminho, falta entendimento ao tolo,

e ele mostra a todos que é tolo. Se a indignação do governador se levantar contra ti, não deixes o teu posto, pois a calma evita grandes erros. Há outro mal que vi debaixo do sol, semelhante ao erro cometido pelo governador:

a tolice posta em grande dignidade, e os ricos assentados em lugar inferior. Tenho visto servos montados a cavalo e príncipes andando a pé, como servos. Quem abre uma cova, cairá nela; e quem derrubar um muro, uma cobra o morderá. Quem remove pedras se machucará com elas, e o que racha lenha corre perigo. Se o machado perder o corte e não for afiado, é preciso muita força; mas a sabedoria é proveitosa para dar prosperidade. Se a cobra morder antes de estar encantada, para que existe o encantador? As palavras da boca do sábio são agradáveis, mas os lábios do tolo o devoram. No início, as palavras da sua boca são tolice e no final são loucura perversa. O tolo multiplica as palavras, porém ninguém sabe o que está por vir; quem poderá dizer o que acontecerá depois dele? O trabalho do tolo o deixa tão exausto que não consegue ir à cidade. Ó terra, ai de ti quando o teu rei é inexperiente, e quando os teus príncipes banqueteiam de manhã! Ó terra, feliz de ti se o teu rei é filho de nobres e se os teus príncipes comem no tempo certo para refazer as forças e não para bebedice! O teto desmorona por causa da preguiça; a casa tem goteiras por causa da lerdeza das mãos. O banquete traz diversão, e o vinho alegra a vida; mas o dinheiro consegue tudo. Não amaldiçoes o rei nem mesmo em pensamento. Nem amaldiçoes o rico em teu quarto. Porque as aves dos céus levarão as palavras e uma criatura alada poderá espalhar o que disseste.

Sabedoria e tolice em contraste

Antão do Deserto (c. 251-356), também conhecido como Santo Antão, foi um dos pais e fundadores do movimento monástico cristão. Conta-se que, certa vez, ele registrou o seguinte pensamento: "Está próximo o tempo em que os homens vão enlouquecer, e, quando virem alguém que não for louco, o atacarão dizendo: 'Você é louco, não é como nós'".[1]

Pensando em nosso tempo, é possível observar que a sabedoria e o bom senso encontram-se em crescente perigo de extinção, tanto na vivência da fé cristã como na condução do lar, na educação dos filhos, na mordomia dos recursos, e assim por diante. Quanto mais o mundo afunda em sua loucura e tolice, mais a sabedoria e o bom senso se parecem com loucura aos olhos de um mundo louco, como registrou Antão do Deserto.

Como viver de maneira sábia em um mundo imerso na tolice? É sobre isso que nos fala essa porção de Eclesiastes (9.13—10.20). Ao descrever o contraste radical entre o caminho da sabedoria e o caminho da tolice (cada termo é citado quase uma dezena de vezes nesses versículos), Salomão ressalta três aspectos divergentes desses caminhos: primeiro, os efeitos distintos da sabedoria e da tolice (9.13—10.1); segundo, a essência distinta da sabedoria e da tolice (10.2,3); e, terceiro, os exemplos distintos e práticos da sabedoria e da tolice (10.4-20).

Somados esses três ângulos, a lição do texto é bastante direta: em um mundo repleto de tolice, em especial na esfera pública, devemos nos empenhar em viver vidas sábias.

A sabedoria vale mais que a tolice

Vejamos primeiro os efeitos distintos da sabedoria e da tolice, conforme registrado em Eclesiastes 9.13—10.1:

> *Também vi este exemplo de sabedoria debaixo do sol, que muito me marcou:*
>
> *Havia uma pequena cidade de poucos moradores; e um grande rei a atacou e cercou e levantou grandes rampas de ataque contra ela.*
>
> *Mas nela havia um sábio pobre que livrou a cidade pela sua sabedoria; no entanto, ninguém mais se lembrou daquele homem pobre.*
>
> *Então pensei: Melhor é a sabedoria do que a força; porém a sabedoria do pobre é desprezada e as suas palavras logo são esquecidas.*
>
> *As palavras dos sábios ouvidas com calma valem mais do que os gritos de quem domina sobre os tolos.*
>
> *Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra; mas um só pecador destrói muita coisa boa.*
>
> *As moscas mortas fazem com que o óleo do perfumista se estrague e produza mau cheiro. Do mesmo modo, um pouco de insensatez pesa mais do que a sabedoria e a honra.*

Eclesiastes inicia essa seção do livro com uma curta história acerca de uma pequena cidade liberta de um rei poderoso e suas forças armadas por meio dos conselhos de um homem pobre e sábio (v. 13-15). Não se sabe se essa história é verídica ou não, apesar da semelhança com alguns relatos bíblicos (veja a libertação de Tebez em Jz 9.50-55, ou de Abel de Bete-Maaca em 2Sm 20.14-22). Existe também alguma semelhança com o famoso relato histórico de Arquimedes de Siracusa, que poupou a sua cidade do cerco dos romanos na Segunda Guerra Púnica (c. 214-212 a.C.), graças à sua invenção de um guindaste mecânico usado para destruir e fazer naufragar as embarcações romanas.[2] Tragicamente, porém, Arquimedes foi confundido com um cidadão comum e morto por um soldado romano que conseguiu invadir a cidade, corroborando as palavras de Eclesiastes!

Essa curta história nos mostra que, apesar de desprezada e até esquecida neste mundo, a sabedoria é melhor do que a força, e por isso deve ser valorizada mais do que a gritaria e o alarde dos tolos (v. 16-18). Isso é especialmente importante no contexto em que vivemos hoje, em particular no que diz respeito à educação das crianças e dos jovens. Essa geração tem sido pressionada a adiantar sua escolarização a fim de conseguir um diploma e depois um emprego que garanta um bom salário e assegure um futuro próspero. Isso corresponde a um verdadeiro massacre que muitas vezes sacrifica a formação intelectual, moral e até espiritual dos mais novos. Afinal, de que adiantará toda essa escolarização acadêmica e capacitação profissional se os nossos filhos não souberem pensar por si mesmos nem se defender contra

"os gritos de quem domina sobre os tolos"? Fato é que pensadores perversos têm destruído muita coisa boa da rica cultura de matriz cristã no Ocidente (v. 17,18). Ora, mais importante do que "se dar bem" neste mundo é saber "pensar bem" e "viver bem", segundo a instrução na sabedoria, a começar pela instrução na Palavra de Deus, a única capaz de desfazer e desbaratar as armas de guerra voltadas contra a mente e o coração da próxima geração da nossa casa.[3]

Quais seriam, então, os efeitos desse resgate da formação de pensadores sábios, a partir das próximas gerações? Ora, diz Salomão, mesmo que pobre e desprezada, tal sabedoria é capaz de superar adversários poderosíssimos; portanto, não desprezemos tal sabedoria (v. 13-15). Se não agirmos dessa maneira, a porteira estará aberta para que os gritos dos tolos nas escolas, nas universidades e nos demais centros de formação da sociedade arruínem e destruam tudo que temos de bom, belo e valioso em nossa herança cristã (v. 16-18). Conforme nos alerta Eclesiastes, basta um pouco de insensatez para estragar toda uma rica herança de sabedoria, tal qual uma mosca morta que estraga todo um vasilhame de perfume finíssimo (10.1).

Tendo visto os efeitos distintos da sabedoria e da tolice, qual seria a diferença em sua essência? Eclesiastes 10.2,3 tem a resposta:

> *O coração do sábio o inclina para a direita, mas o coração do tolo o inclina para a esquerda.*

Mesmo quando anda pelo caminho, falta entendimento ao tolo, e ele mostra a todos que é tolo.

O sábio nos leva, agora, ao cerne ou coração da questão que distingue a sabedoria da tolice. Ele nos diz, primeiro, que o coração do sábio se inclina para o bem — literalmente, para a direita —, mas o coração do tolo, para o mal — literalmente, para a esquerda (v. 2). Não, Salomão não está revelando aqui o alinhamento político dos sábios deste mundo segundo o espectro ideológico. Ele tampouco está favorecendo os que são destros e desmerecendo os canhotos. Entretanto, no mundo antigo, o lado direito foi sempre comparado ao lado da força, da virtude e do bem, enquanto o lado esquerdo era comparado à fraqueza, tanto moral como espiritual. Logo, o que Eclesiastes está afirmando é que o sábio e o tolo seguem caminhos diametralmente opostos, a começar pela orientação do coração, que, em última análise, é a torre de comando de toda a nossa conduta. Em outras palavras, a orientação do coração do sábio e do tolo é que determinará a caminhada de cada um, o que logo ficará evidente a todos (v. 3).

Bem, será que estamos decididos em nosso coração a seguir o caminho da sabedoria descrito e prescrito pela Palavra de Deus? Para que isso se revele real, devemos, em primeiro lugar, vigiar e guardar nosso coração, pois dele procede toda a nossa vida (veja Pv 4.23). E mais: é preciso guardar no coração a Palavra de Deus, a fim de não se desviar do caminho da sabedoria proposto e exposto pelo Senhor (veja Sl 119.11). Você, que é jovem, deve vigiar e guardar o seu coração e o seu caminho, observando os seus passos segundo a Palavra de Deus (veja Sl 119.9). Nós, que

somos pais, precisamos guardar em nosso próprio coração a Palavra de Deus e viver de acordo com ela, para que sejamos capazes de instruir a próxima geração da nossa casa nesse caminho (veja Dt 6.4-9). Vigiar e observar os passos dos nossos filhos são atitudes fundamentais, não apenas nos preocupando com a conduta deles, mas com o estado de seu coração, a fim de que vivam vidas sábias e tementes a Deus. Se não insistirmos na instrução dos nossos filhos na Palavra de Deus e se não nos dedicarmos em oração pelo coração deles, eles naturalmente seguirão pelo caminho da tolice — o que ficará evidente a todos, mais cedo ou mais tarde (10.2,3)!

Tal qual um veículo em que falte o alinhamento na direção, assim também o nosso coração e o dos nossos filhos naturalmente penderão para a tolice e a insensatez, se não forem alinhados pela sabedoria da Palavra de Deus. Portanto, como vai a sua caminhada? Como vai o seu coração? Você está no rumo da sabedoria ou no rumo da tolice?

Tendo visto os efeitos opostos e a essência oposta da sabedoria e da tolice, resta-nos examinar alguns exemplos práticos de cada uma, começando por Eclesiastes 10.4-11:

> *Se a indignação do governador se levantar contra ti, não deixes o teu posto, pois a calma evita grandes erros.*
>
> *Há outro mal que vi debaixo do sol, semelhante ao erro cometido pelo governador:*
>
> *a tolice posta em grande dignidade, e os ricos assentados em lugar inferior.*

Tenho visto servos montados a cavalo e príncipes andando a pé, como servos.

Quem abre uma cova, cairá nela; e quem derrubar um muro, uma cobra o morderá.

Quem remove pedras se machucará com elas, e o que racha lenha corre perigo.

Se o machado perder o corte e não for afiado, é preciso muita força; mas a sabedoria é proveitosa para dar prosperidade.

Se a cobra morder antes de estar encantada, para que existe o encantador?

Os diversos exemplos que Eclesiastes fornece da sabe- doria e da tolice são, ao que parece, aleatórios, seguindo um estilo semelhante ao empregado no livro de Provérbios. No entanto, podemos catalogá-los livremente da seguinte forma: primeiro, temos os exemplos tanto da vida pública (v. 4-7) como da vida privada (v. 8-11), isto é, da corte à casa (ou ao campo); segundo, temos os exemplos tanto de palavras (v. 12-15) como de procedimentos (v. 16-20), isto é, as falas e os feitos de cada grupo, tanto dos sábios como dos tolos.

Dos exemplos públicos de cada um, Salomão ressalta principalmente os da vida política, um notório antro de muita tolice e pouca sabedoria (v. 4-7). Ele começa pela resposta tranquila e sábia diante da ira de uma autoridade (provavelmente política), visto que tal res- posta evita muitos erros (v. 4). Se a

experiência de Davi, pai de Salomão, diante da ira insana do rei Saul contra o seu sucessor prova alguma coisa, é que aqueles que aguardam com paciência e confiança no Senhor como sua autoridade máxima e juiz supremo não terão do que se arrepender. Afinal, Deus sabe cuidar dos seus, mesmo quando estes são injustiçados pelos que os governam.

Todavia, o princípio expresso aqui talvez possa ser igualmente aproveitado com qualquer autoridade que se ire contra nós, seja no trabalho (um chefe, supervisor ou patrão), seja no comércio (um proprietário de imóvel), seja no condomínio (um síndico), seja em casa (um marido ou pai). Quantos erros poderíamos evitar se tão somente soubéssemos permanecer tranquilos diante da ira tola dos que estão acima de nós (quanto mais ao nosso lado e abaixo de nós)!

Dito isso, segundo Eclesiastes, prepare-se para ter sua paciência e tranquilidade testadas pelas autoridades públicas, muitas delas tolas e totalmente despreparadas para governar: "Há outro mal que vi debaixo do sol, semelhante ao erro cometido pelo governador: a tolice posta em grande dignidade, e os ricos assentados em lugar inferior. Tenho visto servos montados a cavalo e príncipes andando a pé, como servos" (v. 5-7). Novamente, parece que Eclesiastes lança mais um "olhar profético" sobre os nossos tempos! Portanto, não permita que a falta de sabedoria dos governantes provoque respostas e reações menos que sábias de sua parte.

Dos exemplos da vida privada, Salomão parece ressaltar algumas cenas típicas da vida particular no campo no mundo

antigo que revelam tolice ou sabedoria (v. 8-11). De início, ele ressalta o risco inerente das tarefas comuns da época, como cavar poços, derrubar muros, arrancar pedras e rachar lenha (v. 8,9). Porém, segundo o autor de Eclesiastes, o tolo não parece estar pronto ou preparado para encarar tais riscos — quer preparando-se para poupar seu trabalho (i.e., o machado cego; v. 10), quer prevenindo-se diante do perigo (i.e., a cobra sem encantamento; v. 11).

Se fosse em nosso tempo, Salomão talvez tivesse escolhido outros exemplos cotidianos de tarefas corriqueiras que demandam preparação e precaução, por exemplo: manter o veículo revisado e vistoriado, fazer um pequeno conserto em casa, organizar uma lista de tarefas da semana, ou talvez atravessar a cidade evitando zonas perigosas em horários arriscados, e assim por diante. Mas, em tudo isso, o padrão é nítido: o sábio sabe o que fazer, da maneira certa e na hora certa, enquanto o tolo está sempre despreparado e desprevenido, gastando tempo e trabalho à toa, além de correr riscos desnecessários.

Diante disso, cabe a pergunta: quando se trata tanto da vida pública quanto da esfera privada, será que estamos pedindo a Deus a sabedoria necessária para agir da maneira certa e na hora certa, como convém aos sábios?

Vamos observar agora o que diz Eclesiastes 10.12-20:

> *As palavras da boca do sábio são agradáveis, mas os lábios do tolo o devoram.*

No início, as palavras da sua boca são tolice e no final são loucura perversa.

O tolo multiplica as palavras, porém ninguém sabe o que está por vir; quem poderá dizer o que acontecerá depois dele?

O trabalho do tolo o deixa tão exausto que não consegue ir à cidade.

Ó terra, ai de ti quando o teu rei é inexperiente, e quando os teus príncipes banqueteiam de manhã!

Ó terra, feliz de ti se o teu rei é filho de nobres e se os teus príncipes comem no tempo certo para refazer as forças e não para bebedice!

O teto desmorona por causa da preguiça; a casa tem goteiras por causa da lerdeza das mãos.

O banquete traz diversão, e o vinho alegra a vida; mas o dinheiro consegue tudo.

Não amaldiçoes o rei nem mesmo em pensamento. Nem amaldiçoes o rico em teu quarto. Porque as aves dos céus levarão as palavras e uma criatura alada poderá espalhar o que disseste.

Nenhuma coletânea de retratos da sabedoria e da tolice estaria completa sem incluir as palavras que proferimos (v. 12-15). Afinal, se o coração do sábio e do tolo estão apontados em direções opostas (v. 2), as palavras que brotam de seus corações

também revelarão quem eles realmente são (veja Mt 12.34). As palavras do sábio, segundo Salomão, são benéficas na medida em que são pontuais, precisas e proveitosas (Ec 10.12a), como as de José no Egito diante de faraó, ou as de Daniel na Babilônia diante de Nabucodonosor, ou as do próprio Salomão diante da rainha de Sabá. Palavras sábias agregam valor tanto para quem as profere como para quem as ouve. Já as palavras do tolo são catastróficas, do início ao fim (v. 12b), pois ele não sabe do que fala (v. 13), não sabe quando parar de falar (v. 14), e de tanto falar ele se cansa e não chega a lugar algum (v. 15)! E isso vale tanto para o tolo em cima de um palanque político ou por trás de uma conta oficial de rede social da Presidência da República, aqui ou em qualquer outro país!

Nesse sentido, a diferença entre a fala do sábio e a do tolo foi bem resumida por Platão: "Homens sábios falam porque têm algo a dizer; homens tolos falam porque têm que dizer algo".[4] Então, na dúvida, se você não tiver algo a dizer, melhor ficar calado. Como também asseverou Abraham Lincoln: "É melhor calar-se e deixar que as pessoas pensem que você é um idiota do que falar e acabar com a dúvida".[5] Quanto mais isso é importante na atual geração do Facebook e do Twitter, em que as palavras deslizam da ponta dos nossos dedos antes mesmo de saírem da nossa boca!

Por fim, dos exemplos das palavras sábias e tolas, Salomão segue por último aos procedimentos sábios e to- los, voltando-se outra vez para a esfera pública (v. 16-20). Os exemplos finais destacam, por um lado, uma nação entregue à atuação de líderes inexperientes e incompetentes que colocam seus banquetes e

prazeres acima do trabalho árduo (v. 16,18). Pobre da nação que é guiada por tolos assim, que não sabem controlar nem a sua língua nem a sua pinga! Mas, por outro lado, temos aquelas cujos líderes são capazes e competentes, que agem de forma prudente e previdente em seus labores (v. 17,19). Diferente dos líderes tolos, os sábios vivem pela antiga máxima: "primeiro os deveres, depois os prazeres", como pude aprender dos meus pais quando ainda criança.

Contudo, vale repetir, quando formos provocados pela tolice e incompetência dos que nos governam, melhor não dizer nada do que falar e se arrepender depois (v. 20) — e talvez eu já tenha falado demais neste capítulo sobre a língua e a pinga dos nossos representantes públicos. Afinal, se os pássaros na antiguidade tinham a fama de serem os mexeriqueiros (i.e., o proverbial "passarinho me contou"), hoje é o passarinho azul chamado Twitter que acaba por entregar muita gente que pensa de menos e fala demais e acaba se incriminando desnecessariamente.[6] Portanto, vigie seus dedinhos no smartphone tanto quanto seus lábios!

Da vida pública à vida particular, das nossas palavras ao nosso procedimento, estamos rodeados de exemplos diversos de toda sorte de tolice. Será que estamos buscando e trilhando o caminho da sabedoria em tudo isso? Estamos treinando a próxima geração na sabedoria — em palavras e em procedimento, tanto na vida particular como na vida pública? Será que nós e os nossos filhos temos sido contagiados pela tolice que nos cerca? Segundo outro antigo provérbio da minha infância, "o costume de casa vai

à praça". Isso significa que o treinamento na sabedoria deve começar em casa e seguir para a praça e o mundo afora, por mais tolo que seja o mundo em que vivemos.

Sabedoria divina e tolice humana

Como vimos no início do capítulo, nas palavras de Antão do Deserto, "está próximo o tempo em que os homens vão enlouquecer, e, quando virem alguém que não for louco, o atacarão, dizendo: 'Você é louco, não é como nós'". E, pela graça de Deus, se algum dia disserem isso a nosso respeito, saibamos que já disseram isso há muito tempo de alguém bem mais sábio do que nós.

Afinal, quando nosso Senhor Jesus Cristo veio ao mundo, falando o que falou e fazendo o que fez, tanto em particular como em público, todos o consideraram um louco — até mesmo os seus discípulos! Quanto mais quando, ao final de sua vida terrena, ele praticou o ato mais louco e insano aos olhos do mundo: mesmo sendo Rei e Senhor, ele se humilhou como um tolo qualquer, entregando a sua vida na cruz do Calvário! Porém, ele fez isso justamente por conta da nossa tolice, que demonstramos tanto em palavras como em procedimento; tanto em público quanto em particular. Ele fez o que fez a fim de consertar os nossos caminhos tolos, perdoar e curar o nosso coração de toda loucura e insensatez. Jesus fez tudo isso para nos libertar dos gritos e da destruição dos tolos deste mundo, pois a sua sabedoria é mais poderosa do que a força deles. Se feliz é a terra cujo rei é de origem nobre, muito mais feliz é o povo cujo rei é o Senhor Jesus

Cristo, cuja sabedoria nos guia e nos defende neste mundo cheio de tolice e de loucura.

---

[1] Benedicta Ward, *The sayings of the desert fathers* (London & Oxford: Mowbrays, 1975), p. 2-5, conforme indicação de Henri Nouwen, *A espiritualidade do deserto e o ministério contemporâneo: o caminho do coração*, 3. ed. (São Paulo: Loyola, 2004), p. 29.

[2] Philip Ryken, *Ecclesiastes: why everything matters* (Wheaton: Crossway, 2010), p. 224-5.

[3] Para mais a esse respeito, veja John McAlister, "Por que a educação cristã precisa de Jonathan Edwards?", *Revista Teologia Brasileira* 71 (2018), disponível em https://teologiabrasileira.com.br/por-que-a-educacao-crista-precisa-de-jonathan-edwards/.

[4] Veja Ryken, p. 246.

[5] Disponível em: https://pt.wikiquote.org/wiki/Abraham_Lincoln.

[6] Devo esta associação a Douglas O'Donnell, *Ecclesiastes* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2014), p. 190.

CAPÍTULO 15

VIVENDO MAIS OU MELHOR?

Eclesiastes 11.1—12.8

Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o reencontrarás.

Reparte o que tens com sete e até com oito; porque não sabes que mal cairá sobre a terra. Quando as nuvens estão cheias de água, derramam-na sobre a terra. Quer uma árvore caia para o sul, quer para o norte, no lugar em que a árvore cair, ali ficará.

Quem observa o vento não semeará, e o que olha para as nuvens não colherá. Assim como não sabes o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da que está grávida, assim também não compreendes as obras de Deus, que faz todas as coisas. Planta a tua semente pela manhã, e não detenhas a tua mão à tarde; pois não sabes qual das duas crescerá, se esta ou aquela, ou se as duas serão igualmente boas. A luz é doce e ver o sol é agradável. Portanto, se o homem viver muitos anos, alegre-se em todos eles. Porém, lembre-se

dos dias de trevas, porque serão muitos. Tudo o que está para acontecer é ilusão. Jovem, alegra-te na tua mocidade, e anima o teu coração nos dias da tua mocidade. Segue pelos caminhos do teu coração e pelo desejo dos teus olhos. Porém, sabe que Deus te trará a juízo por todas essas coisas.

Afasta a angústia do teu coração e remove o sofrimento do corpo; porque a mocidade e o vigor da vida são transitórios. Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os dias difíceis e cheguem os anos em que dirás: Não tenho prazer neles; antes que o sol e a luz, a lua e as estrelas se escureçam, e as nuvens voltem depois da chuva; quando os guardas da casa tremerem, e os homens fortes andarem curvados, e cessarem os moedores, por já serem poucos, e os que olham pelas janelas se escurecerem; quando as portas da rua se fecharem; quando diminuir o barulho do moinho e acordares com o canto dos pássaros, e silenciar o som de todos os cânticos; quando temeres a altura e te assustares pelos caminhos; quando florescer a amendoeira, o gafanhoto for um peso e o desejo já não se despertar. O homem vai à sua morada eterna, e os pranteadores já vagueiam pelas ruas. Antes que se rompa o cordão de prata, ou se quebre o copo de ouro, ou se despedace o cântaro junto à fonte, ou se desfaça a roda junto à cisterna,

e o pó volte à terra como era, e o espírito volte a Deus, que o deu. Que grande ilusão! Tudo é ilusão, diz o sábio, tudo é ilusão.

Segundo dados do IBGE, o brasileiro está vivendo cada vez mais. Se em 1980 a expectativa de vida do brasileiro era de cerca de 62 anos, em 2018 esperava-se que ele vivesse em média até os 76 anos.[1] Não só isso, mas a cada ano a proporção de idosos na população geral dos brasileiros vem crescendo. Estima-se que até 2060 haverá quase 60 milhões de brasileiros acima dos 65 anos de idade, cerca de um quarto da população nacional.[2]

Porém, apesar de viver mais, será que o brasileiro está vivendo melhor?

Apesar dos diferentes esforços da nossa sociedade para cuidar melhor desse contingente cada vez maior da nossa população (a julgar pelo Estatuto do Idoso de 2003), existe um enorme preconceito contra os que alcançam a fase final da vida em nossa cultura. Isso parece ser potencializado pela idolatria à juventude presente em nossa sociedade, que encara o envelhecimento como um mal a ser evitado a qualquer custo, até mesmo a um altíssimo custo — basta olhar os números da indústria cosmética e estética, tanto para homens como mulheres, insatisfeitos com "as marcas da idade".

Com a chegada inevitável da idade para todos nós, como devemos nos preparar para viver mais e melhor neste mundo? Será que, como muitos, só nos resta a tão temida "crise da meia-idade" para os que viram a casa dos 50 anos, ou dos 40 anos, ou até mesmo dos 30 anos, como confessou uma conhecida cantora brasileira que, ao alcançar essa marca, se disse "jovem pra ser velha e velha pra ser jovem"?[3]

Muito bem, para mais esse aspecto da nossa vida neste mundo, carecemos da sabedoria de Salomão, desta vez vinda de Eclesiastes 11.1—12.8. Nessa porção, o sábio nos ensina que, diante da chegada inevitável da idade e do fim da vida, devemos: primeiro, viver intensamente e intencionalmente (11.1-6); segundo, nos regozijar responsavelmente (11.7-10); e, assim, nos lembrar sempre do nosso Criador (12.1-8).

Viver com intensidade e responsabilidade

Olhemos primeiro para Eclesiastes 11.1-6:

> *Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o reencontrarás.*
>
> *Reparte o que tens com sete e até com oito; porque não sabes que mal cairá sobre a terra.*
>
> *Quando as nuvens estão cheias de água, derramam-na sobre a terra. Quer uma árvore caia para o sul, quer para o norte, no lugar em que a árvore cair, ali ficará.*
>
> *Quem observa o vento não semeará, e o que olha para as nuvens não colherá.*
>
> *Assim como não sabes o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da que está grávida, assim também não compreendes as obras de Deus, que faz todas as coisas.*

Planta a tua semente pela manhã, e não detenhas a tua mão à tarde; pois não sabes qual das duas crescerá, se esta ou aquela, ou se as duas serão igualmente boas.

No capítulo anterior, ao comparar o caminho dos sábios e dos tolos, Salomão mostrou que uma das marcas distintas do sábio — tanto na vida pública como na vida particular — é sua cautela ante os perigos e riscos deste mundo (10.4,10,11). Porém, percebendo talvez que esse princípio pudesse ser exagerado, Eclesiastes inicia este novo capítulo mostrando que a nossa cautela não deve ser tamanha a ponto de nos paralisar e nos impedir de viver a vida.

Por essa razão, Salomão começa com uma série de exortações, tanto no campo do comércio como da filantropia, para nos estimular a uma vida intensa e intencional: "Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o reencontrarás. Reparte o que tens com sete e até com oito; porque não sabes que mal cairá sobre a terra" (11.1,2). Por um lado, não devemos deixar de assumir riscos calculados em nossos empreendimentos, como "atirar o pão sobre ás águas" (v. 1), o equivalente antigo a lançar-se em comércio marítimo, em busca de retorno e lucro.[4] Portanto, se é verdade que é melhor prevenir do que remediar, é igualmente verdade que quem nada arrisca, nada alcança. Por outro lado, diz Salomão, o alvo final dos nossos empreendimentos diversos na vida não deve ser apenas o nosso proveito e benefício individual, mas a generosa repartição daquilo que chega às nossas mãos (v. 2).

Como vemos muitas vezes na Bíblia, inclusive no Novo Testamento, não devemos desperdiçar a fiel mordomia dos nossos talentos e do nosso trabalho, pois deles vêm tanto o nosso sustento como o socorro aos que carecem da nossa ajuda (veja Ef 4.28). Logo, afirma Eclesiastes, a imprevisibilidade das circunstâncias da vida não pode servir de impedimento para os nossos investimentos e para a nossa compaixão; do contrário, não sobrará nada para nós, nem para os que nos cercam. Como bem resumiu certa vez John Wesley em sua célebre frase: "Ganhe tudo que puder, poupe tudo que puder e doe tudo que puder".[5]

Em seguida, Salomão elenca uma série de exemplos da natureza para ilustrar a inutilidade de tentar compreender e antever as obras de Deus neste mundo — desde o padrão das nuvens e da chuva à queda de uma árvore, ao caminho do vento e à formação do ser humano no ventre materno (v. 3-5). Qual é o sentido de tudo isso? Em suma, diz o sábio, se ficarmos parados tentando compreender o incompreensível — a saber, todos os mistérios da providência de Deus — a fim de definir o momento exato de agir, então, nunca sairemos do lugar!

Melhor que tudo isso, diz Eclesiastes, é continuar plantando e semeando sempre e até quando for possível, pois não sabemos de onde colheremos: "Planta a tua semente pela manhã, e não detenhas a tua mão à tarde; pois não sabes qual das duas crescerá, se esta ou aquela, ou se as duas serão igualmente boas" (v. 6).

Que mensagem tudo isso traz a nós hoje, especialmente às gerações mais jovens? Ora, para as gerações mais recentes e

extremamente melindrosas e meticulosas, que cresceram superprotegidas pelos pais sem serem expostas aos perigos e riscos da vida, as palavras de Eclesiastes servem como mais um choque de realidade. Dito de maneira mais simples, só vivemos uma vez, então não podemos ter medo de viver. Por mais estudados, capacitados, preparados e precavidos que formos, nada nos isenta de passarmos por aflições e reveses. Todavia, diz Salomão, em vez de nos manter reféns do medo, a imprevisibilidade da existência e dos mistérios da vontade de Deus deve fazer com que nos lancemos mais à vida, não menos.

Portanto, se você é jovem, em vez de ficar parado esperando aquele concurso público, aquela vaga de emprego, aquele cargo com salário maravilhoso, aquele investimento ideal, faça alguma coisa com a sua vida, por menor e mais simples que seja! Da mesma forma, não fique esperando o momento ideal para se casar ou ter filhos, pois "o momento ideal" nunca chega. Então, pare de ter medo e se lance à vida, case-se e tenha filhos logo, para a glória de Deus!

Se tudo isso se aplica aos nossos investimentos materiais e humanos, quanto mais aos nossos investimentos espirituais.[6] Não podemos desperdiçar oportunidades de compartilhar o evangelho com os perdidos, de desenvolver relacionamentos de discipulado com membros da família e com outros cristãos da igreja local ou do trabalho e da vizinhança, ou de agir com generosidade e compaixão com os que carecem do socorro das nossas orações e doações. Por mais que não tenhamos garantia alguma de que

todos os nossos esforços serão bem recebidos e bem-sucedidos, quem nada semeia, nada colherá.

Quando estiver em dúvida, semeie o tempo todo, em todo lugar que puder, e confie os resultados nas mãos de Deus! Como bem resumiu Philip Ryken: "O que Deus fará, você nunca saberá; mas você nunca colherá se nunca semear!".[7] Será que estamos usando bem o tempo, o trabalho, os talentos e os tesouros que Deus nos confiou neste mundo? Ou estamos parados, desperdiçando a vida que o Senhor nos deu?

Vamos observar agora o que diz Eclesiastes 11.7-10:

A luz é doce e ver o sol é agradável.

Portanto, se o homem viver muitos anos, alegre-se em todos eles. Porém, lembre-se dos dias de trevas, porque serão muitos. Tudo o que está para acontecer é ilusão.

Jovem, alegra-te na tua mocidade, e anima o teu coração nos dias da tua mocidade. Segue pelos caminhos do teu coração e pelo desejo dos teus olhos. Porém, sabe que Deus te trará a juízo por todas essas coisas.

Afasta a angústia do teu coração e remove o sofrimento do corpo; porque a mocidade e o vigor da vida são transitórios.

A vida não é feita apenas de empenho e esforço, diz o sábio de Eclesiastes, mas de alegria e regozijo também. Mesmo sabendo que um dia a velhice chegará a todos nós, não devemos deixar de desfrutar dos prazeres simples da vida, mesmo que seja apenas

aproveitar a luz do sol (v. 7,8): seja tomando uma água de coco à beira-mar, seja fazendo um piquenique no bosque com a família e os amigos, seja percorrendo uma trilha com a turma. Quanto mais vida e saúde Deus lhe der, mais proveito você deve tirar da boa criação do Senhor, que ele formou para o nosso deleite e para a sua glória. E tudo isso, diz Salomão, deve começar cedo, ainda na juventude (v. 9,10).

Assim, tanto no cuidado com a nossa saúde física, como no cuidado com a nossa saúde mental e emocional, é preciso saber aproveitar bem e com alegria a vida que o Senhor nos dá! Por isso, aos jovens vale o alerta: afastem seu coração da ansiedade, vigiando o "kit estresse" dessa geração: do Jornal Nacional ao Fantástico e à rádio CBN, ao poço de ansiedade do trio Twitter, Facebook e Instagram. Acabem também com os maus-tratos ao corpo: parem de ficar jogados na poltrona, no sofá e na cama, se dizendo cansados e entediados para tudo, e sejam bons mordomos da sua saúde física, pois a juventude e o vigor são passageiros. Em suma, se você é jovem, pare de ficar olhando para a telinha do seu computador ou do seu celular e admirando o seu umbigo, levante a cabeça e veja quanta coisa boa Deus colocou à nossa disposição neste mundo! Por fim, que sejamos bons mordomos da saúde, do vigor, dos sonhos, dos projetos e dos planos que Deus plantou em nossos corações, os quais devemos usar alegremente para a glória dele! E assim, "alegra-te na tua mocidade, e anima o teu coração nos dias da tua mocidade. Segue pelos caminhos do teu coração e pelo desejo dos teus olhos" (v. 9a).

Contudo, alerta Salomão, certifique-se de que, ao desfrutar da boa vida na boa criação de Deus, você não se encante com este mundo mais do que com seu Criador, pois um dia prestaremos contas a ele de tudo que fizermos aqui: "Porém, sabe que Deus te trará a juízo por todas essas coisas" (v. 9b). Sim, vivemos no belo mundo de Deus que ele criou para o nosso bem. Mas lembremos que ainda é o mundo *de Deus* e a vida que *Deus* nos dá, para vivermos segundo a *sua* vontade e para a glória *dele*!

Então, viva, sim, intensamente e intencionalmente, mas lembre-se de regozijar-se responsavelmente perante o nosso Deus e Senhor. Afinal, antes que percebamos, logo estaremos na presença eterna do Senhor para prestar contas de tudo aquilo que fizemos neste mundo com a vida que ele nos deu. Você está pronto para esse encontro? Está se preparando para esse momento?

Encerrando essa porção, vejamos o que registra Eclesiastes 12.1-8:

> *Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os dias difíceis e cheguem os anos em que dirás: Não tenho prazer neles;*
>
> *antes que o sol e a luz, a lua e as estrelas se escureçam, e as nuvens voltem depois da chuva;*
>
> *quando os guardas da casa tremerem, e os homens fortes andarem curvados, e cessarem os moedores, por já serem poucos, e os que olham pelas janelas se escurecerem;*

quando as portas da rua se fecharem; quando diminuir o barulho do moinho e acordares com o canto dos pássaros, e silenciar o som de todos os cânticos;

quando temeres a altura e te assustares pelos caminhos; quando florescer a amendoeira, o gafanhoto for um peso e o desejo já não se despertar. O homem vai à sua morada eterna, e os pranteadores já vagueiam pelas ruas.

Antes que se rompa o cordão de prata, ou se quebre o copo de ouro, ou se despedace o cântaro junto à fonte, ou se desfaça a roda junto à cisterna,

e o pó volte à terra como era, e o espírito volte a Deus, que o deu.

Que grande ilusão! Tudo é ilusão, diz o sábio, tudo é ilusão.

Por último, diz Salomão, quando ainda jovens, devemos nos lembrar do nosso Criador, antes que venham os dias difíceis com a chegada da idade (12.1). Em um dos mais belos poemas jamais escritos sobre a idade e o envelhecimento,[8] Eclesiastes descreve os processos do fim da vida em linguagem semelhante à chegada de uma sucessão de tempestades (v. 2), como também da deterioração de uma casa (v. 3,4), em que os sinais e o próprio desejo pela vida vão se apagando até chegar o momento derradeiro da nossa morte (v. 5-8).

Portanto, Deus deve ocupar a nossa mente e os nossos dias antes que se avolumem as nuvens do luto e das perdas, das despedidas e das preocupações inerentes ao fim da vida (v. 2);

antes que a nossa força se vá dos braços (“guardas da casa”), das pernas (“homens fortes”), da mandíbula e dos dentes (“moedores”), e a própria visão comece a falhar (v. 3); antes que percamos nossa mobilidade (“portas fechadas”), nossa audição (“o barulho do moinho”), nosso sono (“acordares com o canto dos pássaros”) e nossa própria voz (“silenciar o som de todos os cânticos”; v. 4); antes que cheguem os medos, os receios e os perigos da velha idade, quando os cabelos grisalhos tomarem conta (“florescer a amendoeira”) e o desejo pela vida passar, quer por comida, trabalho ou intimidade (v. 5a); antes que nosso fim chegue, de repente, encerrando de uma vez tudo que somos, temos e fazemos de valor, comparáveis ao cordão de prata rompido, ao copo de ouro despedaçado ou à roda quebrada (v. 5b,6); antes que voltemos ao pó, de onde viemos e nos deparemos com Deus eternamente (v. 7) — sim, antes que finde essa vida sem sentido, em que a morte interrompe tudo que buscamos e construímos neste mundo (v. 8). Muito antes de chegar esse dia, lembremo-nos do nosso Criador (v. 1)!

Afinal de contas, além de todas as dificuldades inerentes ao fim da vida, não queremos acrescentar a elas o desgosto e o desprazer de olhar para trás e enxergar tantas oportunidades desperdiçadas e alegrias irresponsáveis (11.1-10). Lembremo-nos do nosso Criador justamente ao aproveitarmos com responsabilidade, com santo temor, as oportunidades e as alegrias que ele nos dá agora, pois o dia chegará em que essas oportunidades e alegrias não serão mais possíveis!

Contudo, talvez possamos acrescentar aqui mais um conselho em relação a esse tema. Não devemos nos lembrar do nosso Criador apenas na juventude, antes que venham os dias difíceis. Lembremo-nos do Criador também muito depois da nossa juventude, justamente quando vierem os dias difíceis. Conforme Salomão já nos disse, o Deus Criador de quem devemos nos lembrar é o Senhor do tempo e de cada estação da nossa vida (3.1-8). Portanto, ele é Senhor sobre a nossa juventude, como também sobre a maturidade, a meia-idade, a terceira idade, enfim, sobre qualquer fase da vida. Para cada estação da existência, o Senhor tem o seu propósito soberano.

Por isso, aos que já deixaram a juventude para trás e estão lidando agora com as próximas e últimas etapas da vida, não se desapontem nem se desesperem com isso. Não vivam nostálgicos pelo tempo que passou, antes procurem glorificar a Deus e lembrar-se do seu Criador até o fim dos seus dias. Como seu melhor e maior legado, procure usar a idade e a experiência acumulada na vida para ajudar outros a se lembrarem do Criador, tanto em suas palavras e posturas como em suas orações, especialmente pelos mais jovens, a saber, seus filhos, sobrinhos, netos, seja os de sangue, seja os da fé!

Ao contrário da nossa força física e da nossa produtividade econômica, que diminuem com o passar dos anos, nossa maturidade pessoal e espiritual continua aumentando mais e mais conforme a idade e a vida vão passando, o que em muito pode abençoar as gerações mais jovens. Portanto, aos mais idosos e experientes, não menosprezem sua velhice — quanto menos os

jovens entre nós —, mas aproveitem para servir bem ao Senhor nessa etapa da vida, servindo até o fim! Para resumir o que a passagem nos ensina, não desperdicemos a nossa juventude, nem a nossa velhice, mas em ambas nos lembremos do nosso Criador.

Ao infinito e além

Como viver mais e melhor neste mundo? De acordo com Eclesiastes: vivendo intensamente e intencionalmente, regozijando-nos com responsabilidade e lembrando-nos sempre do nosso Criador.

Contudo, por mais e melhor que vivamos esta vida, nenhum de nós pode fazer o que for para viver para sempre. Quer nos lembremos do nosso Criador quer não, finalmente o dia da nossa morte chegará para todos nós, encerrando abruptamente nossa trajetória neste mundo, promovendo-nos para o nosso encontro final e derradeiro com o Senhor e Juiz das nossas almas.

Somente Jesus Cristo, o Criador e Juiz de toda terra, pode garantir que este encontro derradeiro será um encontro feliz. Ele se tornou também o nosso Salvador ao assumir a morte que nos era devida, o castigo justo pelos nossos pecados na cruz do Calvário, a fim de que pudéssemos desfrutar de vida e alegria eternas com Deus, muito além do nosso túmulo.

Se hoje você carece dessa vida eterna, bem como de perdão pelas oportunidades desperdiçadas na sua vida, pelas alegrias irresponsáveis e pelo esquecimento consciente ou inconsciente do seu Criador, saiba que o sacrifício de Cristo no Calvário é suficiente para perdoar os pecados e conceder uma nova vida e

uma nova oportunidade de viver mais, melhor e para sempre com o Deus Criador, Juiz e Salvador.

---

[1] Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/26104-em-2018-expectativa-de-vida-era-de-76-3-anos.

[2] Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047.

[3] "Aquela dos 30", *Princípios, meios e fins*, Sandy, 2012.

[4] Michael Eaton, *Ecclesiastes* (Downers Grove: InterVarsity, 1983), p. 140; Philip Ryken, *Ecclesiastes: why everything matters* (Wheaton: Crossway, 2010), p. 255.

[5] Veja Douglas O'Donnell, *Ecclesiastes* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2014), p. 206.

[6] Ryken, p. 255.

[7] Ryken, p. 261.

[8] Apesar de não haver unanimidade nessa interpretação, há um consenso geral a esse respeito entre os principais comentaristas

desse texto (veja Eaton, p. 147-51; O'Donnell, p. 198-200; Kidner, *A mensagem de Eclesiastes*, 2. ed. (São Paulo: ABU, 2004), p. 87-91; Ryken, p. 269-71.

CAPÍTULO 16

O VERDADEIRO SENTIDO DA VIDA

Eclesiastes 12.8-14

Que grande ilusão! Tudo é ilusão, diz o sábio, tudo é ilusão. Além de ser mestre, o sábio também ensinou conhecimento ao povo. Refletiu, examinou e organizou muitos provérbios. O sábio procurou achar palavras agradáveis e escreveu com propriedade discursos plenos de verdade. As palavras dos sábios são como aguilhões; as palavras reunidas dos mestres, dadas por um único pastor, são como pregos bem fixados.

Além disso, meu filho, atenção. Produzir muitos livros é algo que não tem fim, e estudar demais deixa o corpo esgotado. Agora que já se disse tudo, aqui está a conclusão: Teme a Deus e obedece aos seus mandamentos; porque este é o propósito do homem. Porque Deus levará a juízo tudo o que foi feito e até tudo o que está oculto, quer seja bom, quer seja mau.

Encontrando sentido em um mundo repleto de informação

Segundo dados da ferramenta de pesquisa Google Books, até 2010 existiam aproximadamente 130 milhões de livros publicados em diversas línguas na história da humanidade, fora as centenas de milhares de títulos novos publicados a cada ano desde então. Isso quer dizer que, se os mais jovens entre nós se comprometessem a ler um livro por semana pelos próximos cinquenta anos, totalizando 2.600 livros, para cada livro lido existiriam outros 50.000 livros que deixariam de ser lidos.[1]

Isso significa que é simplesmente impossível abrangermos toda a produção do conhecimento humano na história da humanidade. Não bastasse isso, estima-se que, em média, a produção diária de textos via e-mail, mensagens de texto e mídias sociais alcance a incrível marca de 3,6 trilhões de palavras, ou seja, aproximadamente 36 milhões de livros publicados todos os dias. Vivemos, portanto, na era da avalanche de informação, que nos mantém constantemente ocupados com as notícias mais recentes e atuais do mundo ao nosso redor e dos nossos contatos virtuais.

Porém, como bem observa Tony Reinke, nosso problema não reside apenas no excesso de informação que consumimos, mas na pobreza de informação que ocupa o nosso dia a dia. Nosso apetite insaciável por novidades, portanto, nos leva a consumir uma avalanche de textos, mensagens, vídeos, gifs, memes e toda sorte de diversões e distrações, sem que saibamos, porém, o propósito e o sentido da nossa busca desenfreada por esses estímulos. Por isso, tem-se uma geração viciada em informação e comunicação instantânea pelo simples desejo de se sentir conectada, mas

desprovida de sentido e sabedoria para viver neste admirável novo mundo digital.[2]

Diante de tudo isso, onde encontrar o sentido e a sabedoria de que tanto necessitamos nesta geração? Por mais incrível que pareça, as palavras antigas de Eclesiastes ainda são capazes e suficientes em pleno início do século 21.

Ao chegarmos à conclusão deste livro (12.8-14), ouviremos pela última vez sua descrição do problema deste mundo (v. 8), seu relato do processo e do propósito do registro deste livro (v. 9-12) e sua declaração do princípio fundamental para vivermos sabiamente neste mundo (v. 13,14).

O sentido da vida está em Deus

Ao abrirmos na conclusão de Eclesiastes, ouvimos pela última vez o grande refrão desse livro, que tanto inicia como encerra esse relato:

> *Que grande ilusão! Tudo é ilusão, diz o sábio, tudo é ilusão (Ec 12.8; 1.2).*

Ao recapitularmos o que vimos até aqui e lembrarmos de tudo que Salomão já nos disse sobre a vida debaixo do sol, realmente, nada ficou de fora. A busca por sentido no acúmulo do conhecimento se mostra frustrada, pois isso somente aumenta o desprazer com os rumos e caminhos deste mundo (1.12-18). A busca por sentido no acúmulo do prazer é vã, pois nenhum prazer deste mundo pode satisfazer completamente — nem bebida e

farras, nem riquezas e conquistas, nem status e reconhecimento (2.1-11). A busca por sentido no trabalho árduo e sua recompensa não leva a lugar nenhum, pois tudo que foi construído terá de ser deixado para trás nesta vida breve e passageira (2.12-26). A busca por sentido no acúmulo das riquezas tampouco é bem-sucedida, pois assim como as riquezas vêm, elas vão, e sempre será necessário um pouco mais de riqueza para alcançar a felicidade (5.8 — 6.9).

Fato é que nada neste mundo nos trará plena satisfação nesta vida! Seja o patrimônio mais bem construído e protegido, seja o portfólio de investimentos mais bem planejado e equilibrado. Seja a formação acadêmica mais conceituada, seja o currículo mais bem elaborado e sofisticado. Seja o programa de milhagem mais rodado e bem aproveitado. Seja a página de Facebook mais seguida e curtida, o canal de YouTube mais monetizado ou o perfil de LinkedIn mais atualizado.

Este, então, é o alerta sonoro de Eclesiastes há séculos e gerações. Tente encontrar o sentido e o propósito da vida em qualquer um desses caminhos longe de Deus e sem Deus, e você descobrirá que todos eles terminam em uma rua sem saída. Quanto mais você insistir em encontrar satisfação para a sua alma em qualquer uma dessas coisas — conhecimento, prazer, trabalho, riqueza, poder, status, fama, sucesso, bem-estar — mais você verá a vida escorrendo pelos seus dedos, como a areia da praia que escorre das mãos por mais que se tente segurá-la.

Você ainda está insistindo em preencher a sua alma com aquilo que nunca o satisfará plenamente? Por mais que o mundo

queira nos arrastar e nos seduzir por mais um anúncio, mais uma notificação, mais um pop-up, mais uma janelinha que se abre diante de nós com suas ofertas-relâmpago de alegria e satisfação, Eclesiastes nos alerta de novo e de novo: é isso mesmo que você acha que o fará feliz? "Que grande ilusão! Tudo é ilusão, diz o sábio, tudo é ilusão" (12.8).

Caminhando para o fim deste estudo, lemos em Eclesiastes 12.9-12:

> *Além de ser mestre, o sábio também ensinou conhecimento ao povo. Refletiu, examinou e organizou muitos provérbios.*
>
> *O sábio procurou achar palavras agradáveis e escreveu com propriedade discursos plenos de verdade.*
>
> *As palavras dos sábios são como aguilhões; as palavras reunidas dos mestres, dadas por um único pastor, são como pregos bem fixados.*
>
> *Além disso, meu filho, atenção. Produzir muitos livros é algo que não tem fim, e estudar demais deixa o corpo esgotado.*

Além de nos lembrar do seu refrão ao final da sua obra, o sábio de Eclesiastes nos revela também o seu coração ao registrar as palavras desse livro. Adentramos, por assim dizer, os bastidores desses escritos para descobrir tanto o processo de redação como o propósito do seu autor. Por mais que seja possível que tais palavras finais sejam fruto do trabalho de um editor ou redator, nada impede que elas expressem a autoavaliação do próprio sábio

de Eclesiastes,[3] que nos oferece aqui uma espécie de sinopse da sua obra.[4]

Sobre o seu processo ao escrever Eclesiastes, o sábio nos revela, primeiramente, sua preocupação pastoral: "Além de ser mestre, o sábio também ensinou conhecimento ao povo" (v. 9a). Logo, não se trata de um livro composto como um exercício em sabedoria especulativa para uma elite iluminada, mas sim como um manual de sabedoria prática, fruto das observações pessoais e recomendações sinceras do seu autor para todos os que desejam compartilhar da sua sabedoria. Mesmo que não tenhamos acesso a toda a riqueza da sabedoria da antiguidade, que bom que temos acesso à sabedoria acumulada e depurada do livro de Eclesiastes, além do restante do corpo de sabedoria das Escrituras (como, por exemplo, o livro de Provérbios), que nos treina para viver sabiamente em cada dimensão desta vida: quer em nossos estudos ou em nosso trabalho, quer na mordomia do nosso tempo ou das nossas posses, quer nas experiências do prazer ou do luto.

Em segundo lugar, o sábio nos lembra da sua investigação pessoal (v. 9b). Como já vimos anteriormente, as lições e conclusões deste livro são corroboradas pela própria vivência de seu autor, que experimentou da inutilidade desta vida e pôde nos alertar sobre os perigos de uma existência longe de Deus e sem Deus (1.12 — 2.26). Tolo do leitor, portanto, que decide desconfiar das conclusões de Salomão até que tenha experimentado todas as dores e frustrações subjacentes às lições de Eclesiastes.

Além do mais, o sábio destaca sua habilidade literária e integridade intelectual no registro deste livro (v. 10). Tanto na

forma como no conteúdo, o livro de Eclesiastes foi escrito para nos atrair e nos convencer das verdades nele contidas. Por isso, podemos ter certeza de que o que lemos e aprendemos neste livro não foi apenas verdadeiro para o seu autor, mas é verdadeiro para todos nós, porque condiz com a vida como ela realmente é neste mundo.

Em meio ao seu processo de investigação e de redação do livro de Eclesiastes, o sábio também nos revela o propósito por trás de suas palavras. Primeiro, ele vem nos direcionar em nossa jornada, como um bom pastor que conduz o seu rebanho por meio de um aguilhão — isto é, um instrumento pontiagudo feito para manter o rebanho no caminho certo (v. 11a). Por mais que esse instrumento possa ferir e causar desconforto a princípio, é ele que mantém o rebanho no caminho certo e seguro, longe dos riscos e perigos, tal qual a Palavra de Deus na vida do rebanho do Senhor (veja Sl 119.9,11).

Depois, ele vem nos instruir e fixar a verdade em nosso coração, como pregos bem fixados (Ec 12.11b). Diante da avalanche de informações e experiências neste mundo, o sábio de Eclesiastes deseja que estejamos firmemente convencidos e convictos de certas verdades que nos norteiam e nos mantêm firmes. Em suma, nada faz sentido neste mundo debaixo do sol, isto é, longe de Deus e sem Deus (1.2; 12.8). O Senhor Deus é dono do mundo, do tempo e da própria vida (3.1-8). Portanto, alegremo-nos e regozijemo-nos naquilo que o Senhor nos dá, sabendo, porém, que um dia prestaremos contas a ele de tudo isso (2.24-26; 3.12,3,22; 5.18; 8.15; 9.7-10; 11.9).

Em seguida, o sábio vem nos alertar sobre a busca infinda por sentido e entendimento, como um aluno insaciável que nunca se contenta com o resultado de sua busca (v. 12). Por mais que Eclesiastes não nos impeça, nem nos iniba de continuar lendo, pesquisando e examinando tudo que este mundo produz de informação e conhecimento, ele nos alerta que a busca incessante por sentido neste mundo, além do que já descobrimos nas Escrituras Sagradas, é puro enfado e canseira.

Por último, tendo nos falado do seu processo e do seu propósito, o autor de Eclesiastes nos traz um último detalhe importantíssimo acerca da sua obra. Chegamos, enfim, aos bastidores dos bastidores deste livro. Por mais que Salomão tenha se esforçado para compartilhar aquilo que viveu e aprendeu a fim de nos direcionar neste mundo, nada disso seria possível nem proveitoso se fosse apenas fruto da sua investigação e vivência pessoais. Segundo ele, suas lições provêm de um "único pastor", a saber, do próprio Deus que inspirou o registro deste livro (v. 11b). Por mais que alguns intérpretes críticos vejam aqui nada mais que uma referência ao próprio autor do livro — isto é, aos reis antigos, muitas vezes comparados a pastores e guias dos seus povos —, o sábio de Eclesiastes faz questão de dar o crédito a quem realmente merece toda honra, glória e louvor: o Supremo Pastor e guia do seu povo (veja Sl 23.1; 80.1)![5]

Portanto, a todos os motivos já expostos pelo autor para ouvirmos e guardarmos as palavras deste livro, ele acrescenta mais um e o mais importante de todos. Eclesiastes não é apenas sabedoria antiga e atual. Não é apenas sabedoria prática e

pessoal. Não é apenas sabedoria bela e verdadeira. Enfim, Eclesiastes não é apenas sabedoria humana, mas é divina em sua essência e origem, inspirada pelo próprio Deus, que conduziu o autor da obra.

Se alguém ainda duvida da sabedoria desse livro, que tente viver neste mundo sem Eclesiastes! Tente viver no mundo de Deus longe de Deus e sem Deus! Tente viver em busca do seu próprio sentido e propósito, e você descobrirá quanto esta vida carece de sentido e propósito duradouros! Todavia, submeta-se às aguilhoadas e às marteladas, aos anúncios e aos alertas deste livro, e você descobrirá um sentido e um propósito que vão além de tudo que este mundo tem a nos dizer e oferecer.

As lições de sabedoria terminam com as palavras registradas em Eclesiastes 12.13,14:

> *Agora que já se disse tudo, aqui está a conclusão: Teme a Deus e obedece aos seus mandamentos; porque este é o propósito do homem.*
>
> *Porque Deus levará a juízo tudo o que foi feito e até tudo o que está oculto, quer seja bom, quer seja mau.*

Chegamos, enfim, à conclusão do livro, conforme a própria indicação de seu autor. Ao encerrar seu registro, ele nos lembra do princípio fundamental ou da lição principal de tudo que escreveu. Caso não nos lembremos de mais nada de Eclesiastes, nunca nos esqueçamos disso. Temer e obedecer, segundo Eclesiastes, é "o essencial para o homem" (NVI) ou "o propósito do homem" (A21; v. 13). Tal qual inspirar e expirar, foi para isso que

Deus nos concedeu o fôlego ou sopro de vida, para que, com todo o nosso ser e durante toda a existência, o honrássemos e servíssemos neste mundo.

Foi para isso mesmo que Deus nos criou e nos colocou neste mundo no início, para que o temêssemos como nosso Senhor e obedecêssemos a ele como nosso Criador. Entretanto, foi justamente por deixarmos de temê-lo e obedecer-lhe que o mundo se tornou este lugar confuso e caótico, barulhento e bagunçado, sem sentido e sem propósito longe do nosso Senhor e Criador. Porém, se insistirmos em nos esquecer da nossa origem em Deus e em seus propósitos para nós, certamente todos seremos lembrados dele em um destino final em comum, quando ele trouxer a julgamento tudo que tivermos feito, tudo o que estiver escondido, quer seja bom, quer seja mau (v. 14).

Por isso, cada investimento e cada planejamento; cada lazer e cada prazer; cada talento, cada trabalho e cada tesouro que usamos, ganhamos e gastamos; cada oportunidade que aproveitamos e desperdiçamos; cada lição aprendida, repartida e esquecida; cada tweet (tuíte) e cada enorme texto que lemos, produzimos ou compartilhamos; cada postagem em público e cada mensagem em particular; cada vídeo, gif, meme ou link apreciado e repartido — tudo isso está indelevelmente registrado e será apreciado um dia por Deus. Por mais que possamos ignorar essas memórias e apagá-las do nosso histórico, elas jamais serão apagadas da memória e do histórico do Juiz de toda terra, que um dia virá e a quem todos nós prestaremos contas.[6]

Você crê nisso? Está preparado para este dia? Então, tema e obedeça a Deus, pois isso é o essencial para todo homem e toda mulher!

Palavras, palavras, palavras... e a Palavra

As palavras aos trilhões e os milhões de volumes que produzimos todos os dias por meios impressos e eletrônicos podem nos tornar aptos para muitas coisas nesta vida, aqui e agora, mas não necessariamente aptos para a vida que nos aguarda no porvir. Para esta última, precisamos da sabedoria antiga e atual, prática e pessoal, tanto humana como divina de Eclesiastes, bem como do restante das Escrituras.

Aliás, precisamos, acima de tudo, daquele que é o centro das Escrituras, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria (veja Cl 2.3). Precisamos daquele que é maior que Salomão e que veio até nós dizendo: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve" (Mt 11.28-30).

Você se encaixa nessa descrição? Está cansado e sobrecarregado pelo barulho e furor deste mundo sem sentido e sem propósito? Então, venha a Jesus Cristo, renda-se a ele e aprenda dele e da sua sabedoria, e você encontrará descanso para a sua alma. Todavia, se não formos até ele, a quem mais iremos? Só ele tem as palavras de vida eterna (veja Jo 6.68)!

Em suma, todos nós precisamos de Cristo, pois ele não veio apenas para nos ensinar, mas também para nos perdoar a nossa falta de temor e obediência ao Senhor, sofrendo ele mesmo o julgamento que nos era devido na cruz do Calvário, a fim de que pudéssemos ser poupados do juízo vindouro. Então, se tem nos faltado o temor e a obediência devidos a Deus, corramos para Cristo, a fim de que ele nos perdoe os pecados e nos guie neste mundo. Afinal, Cristo é o supremo Pastor que veio ao mundo dar a vida por nós, suas ovelhas, e para nos guiar pela sua palavra, daqui até o fim da nossa jornada.

Enfim, agora que tudo já foi ouvido, aqui está a conclusão: tema a Deus e obedeça aos seus mandamentos — pela graça de Deus em Cristo Jesus — porque isso é o essencial para todos nós!

---

[1] Tony Reinke, *Lit! Um guia cristão para leitura de livros* (Niterói: Concílio, 2019), p. 113.

[2] Tony Reinke, *12 ways your phone is changing you* (Wheaton: Crossway, 2017), p. 145-52 [edição em português: *12 maneiras como seu celular está transformando você* (Niterói: Concílio, 2020)].

[3] Douglas O'Donnell, *Ecclesiastes* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2014), p. 211-2.

[4] Devo grandemente as observações a seguir sobre o processo e o propósito do autor de Eclesiastes a Philip Ryken, *Ecclesiastes: why everything matters* (Wheaton: Crossway, 2010), p. 275-9.

[5] O'Donnell, p. 214; Ryken, p. 278.

[6] O'Donnell, p. 220.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final desse mergulho nas palavras do sábio de Eclesiastes. Vasculhamos todas as páginas de seu diário pessoal e todos os arquivos dos esboços de seus sermões. A cada lição, a cada provérbio e a cada conclusão, Salomão nos guiou, por assim dizer, ora pelos corredores escuros e sufocantes do labirinto da vida terrena, ora pelos vislumbres breves, claros e iluminados de uma vida melhor que a que experimentamos hoje.

Nessa jornada, já deparamos com muitas surpresas. Passarelas e avenidas antes largas e desimpedidas revelaram-se becos e vielas sem saída. Conhecimento, dinheiro e prazer, trabalho, status e fama, amigos, amores e amantes — enfim, todos os caminhos apontados por este mundo como sendo seguros e satisfatórios revelaram-se passageiros e decepcionantes.

No fundo do poço e no vazio da alma, uma geração inteira se perde agora mesmo no abraço asfixiante e mortal da depressão e do suicídio. Talvez você mesmo, ou alguém que você conheça, esteja à beira desse precipício. Diante disso, resta algum sentido para esta vida tão dura, curta e incerta?

A resposta de Eclesiastes e das Escrituras é simples, apesar de exigente: pare de tentar encontrar o sentido da vida onde ele não pode ser encontrado. Aliás, pare neste exato instante. Você não é responsável por achar ou fabricar o sentido da sua vida, ou da

vida de quem quer que seja. Você nem sequer é responsável por dar um jeito na sua vida. Pare de pensar e viver como se você tivesse a solução para seus problemas mais profundos, quer você a procure em uma pílula, quer em um programa de autoajuda ou em qualquer outro paliativo debaixo do sol.

Pare e considere. Alguém mais sábio e mais forte do que você já pisou onde você está pisando. Alguém mais capaz e mais corajoso do que você já experimentou todas as dores e frustrações que você conhece, e muito mais. Alguém já veio pagar o preço que você não precisa mais pagar. Cristo passou pela noite mais escura da alma e a morte mais degradante e terrível em uma cruz para redimir você de uma existência miserável, longe de Deus e sem Deus, tanto agora como no porvir.

O Senhor Jesus veio a este mundo para nos redimir e nos resgatar da vida sem sentido neste mundo. Somente nele encontraremos o sentido da nossa existência e de tudo mais nesta terra — nossos estudos e nosso trabalho; nossos relacionamentos e passatempos; nossa mordomia do tempo ou das nossas posses. Tudo vem dele. Tudo existe por meio dele. Tudo volta para ele. Dele vem a graça para viver e continuar vivendo — hoje, amanhã e para sempre. A ele, portanto, seja a glória!

John McAlister é instrutor do The Charles Simeon Trust, uma fundação dedicada ao ensino e treinamento de pregação expositiva por meio de oficinas presenciais e cursos online.

Para conhecer mais, acesse www.simeontrust.org/pt-pt/

